



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA**

CRISTIANA ANDRADE BUTEL

**PROSTITUIÇÃO DE MULHERES EM ÁREAS DE BAR DA ORLA DA FRANCESA.
PARINTINS-AM (2000-2018)**

**Manaus-AM
2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA**

CRISTIANA ANDRADE BUTEL

**PROSTITUIÇÃO DE MULHERES EM ÁREAS DE BAR DA ORLA DA FRANCESA.
PARINTINS-AM (2000-2018)**

**Dissertação de Mestrado apresentada a
Universidade Federal do Amazonas
(UFAM) e ao Programa de Pós-graduação
Sociedade e Cultura na Amazônia –
PPGSCA, como requisitos para obtenção do
título de Mestre em Sociedade e Cultura na
Amazônia sob orientação do professor: Dr.
Odenei de Souza Ribeiro**

**Manaus-AM
2018**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B983p Butel, Cristiana Andrade
Prostituição de mulheres em áreas de bar na Orla da Francesa /
Cristiana Andrade Butel. 2018
102 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Odenei de Souza Ribeiro
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Prostituição. 2. Mulheres. 3. Territorialidade. 4. Sexualidade e
Poder. I. Ribeiro, Odenei de Souza II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

**PROSTITUIÇÃO DE MULHERES EM ÁREAS DE BAR DA ORLA DA FRANCESA.
PARINTINS-AM (2000-2018)**

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Instituto de Filosofia Ciências humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas, como requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, sob a orientação do professor doutor Odenei de Souza Ribeiro.

Aprovada em: _____, de _____ de 2018.

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro (Presidente)

Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos (Membro)

Julio Cláudio da Silva (Membro)

Rita Maria dos Santos Puga Barbosa (Membro Suplente)

Nelson de Matos Noronha (Membro Suplente)

Manaus- AM

2018

Ao meu Pai Fernando Butel (In Mmórian) meu maior incentivador, à minha mãe Raimunda Belém, meu porto seguro, nunca me abandona. Aos meus irmão por todo apoio. De maneira especial a Margarida, Jasmim e Girassol, por toda colaboração, sem elas este trabalho não existiria.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me conceder a vida, a sabedoria e manter-me com saúde física e mental para terminar esta pesquisa.

De modo muito especial ao meu orientador Dr Odenei de Souza Ribeiro, por ter me aceitado como sua orientada, por ter confiando em mim. Obrigada por toda atenção, generosidade e companheirismo. Obrigada pelos ensinamentos e por ajudar a construir junto comigo esta dissertação. O meu mais sincero agradecimento.

Aos meus familiares de modo todo especial a minha mãe Raimunda Belém por orar sempre por mim e me apoiar nas minhas decisões e ao meu companheiro de vida Izaú Rodrigues, por se fazer presente sempre que possível.

A todos os meus amigos que torceram e acompanharam a minha luta para que eu pudesse realizar essa etapa da minha vida. De modo muito especial a Professora Lanira Garcia por tamanha amizade e solidariedade e Naia Guerreiro Dias pelos incentivos e apoio. O meu mais sincero obrigada.

A todos que fizeram parte deste trabalho como colaboradores e me ajudaram a compreender o fenômeno da prostituição no Município de Parintins, de modo especial às mulheres em situação de prostituição que se dispuseram a conversar comigo. Nada disso seria possível sem a contribuição delas.

Ao professor Arcangelo da Silva Ferreira por ter acreditado em mim desde o momento que eu pedir para que lesse meu trabalho e sabendo de minhas intenções, me ajudou com seu conhecimento e com tamanha dedicação. O meu muito obrigada.

Ao professor Dr Júlio Cláudio da Silva por todo incentivo e por toda contribuição para que eu pudesse compreender melhor meu objeto de estudo. Aos colegas do grupo de estudo de História Oral, por terem socializado seus conhecimentos que foram de grande importância. Obrigada.

Aos professores da Universidade Federal do Amazonas do Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, pela contribuição com aprendizados, orientações e incentivos a buscarmos sempre novos horizontes.

Aos colegas da turma por todo conhecimentos socializados, pelo respeito e carinho que foi cultivado ao longo do curso.

Aos professores do Colegiado de História da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Júlio Cláudio, Clarice, Diego Omar, João Marinho, Mary Tânia e Arcângelo pelo incentivo, amizade, apoio e confiança construído ao longo no decorrer no curso de Metodologia do Ensino em História.

EPÍGRAFE

A História deve ser concebida em toda sua riqueza multidimensional, porque ela não é apenas construída por acontecimentos, crises, bifurcações, mas também por mentalidades, processos econômicos e costumes, pela vida cotidiana e pelas relações que trava com a morte, o amor, a natureza.

Edgar Morin (2005).

RESUMO

A presente dissertação tem o intuito de compreender a prostituição de mulheres em área de bar na Orla da Francesa, a partir do estudo sobre as questões historicosociais, culturais e econômicas do município de Parintins, levando em consideração a história de vida das mulheres em situação de prostituição. A Orla da Francesa é um lugar de sociabilidade e memória para os moradores do bairro e principalmente para os que moram nos arredores da área, é um espaço de memória por despertar diversas lembranças de determinadas épocas do município de Parintins, em particular do período em que era um dos principais pontos de lazer e entretenimento. Dentro desse espaço convivem homens e mulheres, de modo que, cada um executa sua tarefa de acordo com suas necessidades ou conveniências, o que a torna um espaço de múltiplas vivências e experiências do fazer humano, entre esses sujeitos estão as prostitutas. Para a construção dessa dissertação, recorreu-se a pesquisa bibliográfica, arquivos de jornais, a História Oral e a pesquisa de campo. Tendo uma abordagem de cunho qualitativo e procedimento etnográfico. Os sujeitos foram 03 prostitutas que exercem essa atividade nos bares da Orla da Francesa, 02 moradores do bairro, 01 proprietários de bar 01 Assistente Social elencados de acordo com critérios previamente definidos. Para a coleta de dados utilizou-se entrevista semiestruturada, observação participante e diário de campo, com o propósito de identificar as causas/motivos que as fizeram recorrer a prostituição e que impactos essa atividade tem causado na vida dessas mulheres. O estudo revelou que são mulheres oriundas da camada mais pobre da sociedade, e por necessidade financeira foram para os bordéis e bares da cidade prostituí-se. Tem históricos de vida comuns, de abandono, abuso sexual e violência na infância no seio familiar e na fase adulta pelos maridos. Constatamos também que são mulheres fortemente estigmatizadas, instrumento de poder social da esfera simbólica que as exclui das outras esferas públicas, sendo o bar o lugar onde elas encontram o “amparo” necessário. São mulheres que alimentam a esperança de casar e constituir família, amam e buscam ser amadas, e usam sua sexualidade de acordo com suas conveniência, mostrando que a prostituição é caracterizada por uma relação de poder. Verificou-se que essas mulheres são também dependentes químicas e sofrem de alcoolismo, colocando-as em situação de maior vulnerabilidade a adquirirem problemas de saúde física ou mental. Pontua-se que a prostituição é uma atividade de risco para essas mulheres devido a falta de cuidados necessários a saúde do corpo, e por sofrerem constantes violências físicas por parte de clientes ou por outras prostitutas. Como contribuição social sugere-se que as instituições competentes, as Secretarias de Saúde e Assistência Social, por meio da Prefeitura do município, busque atentar para a situação de vulnerabilidade social que essas mulheres se encontram, buscando políticas públicas que possam oferecer a elas melhores condições de saúde e dignidade humana.

Palavras-chave: Prostituição, Mulheres, Territorialidades, Sexualidade e Poder.

ABSTRACT

This dissertation has aims to understand women prostitution in the bar area of the Orla da Francesa, from study about, social, cultural and economic historical questions, of the Parintins municipality, taking into account life history women in situations prostitution. The Orla da Francesa is a place sociability and memory for neighborhood residents and especially for who live in the outskirts area, it is a space memory for wakening certain times memories of Parintins municipality, in particular period in which was one of the main laser spots and entertainment. Within this space men and women live together, so that, each one performs his task according to their needs or conveniences, which makes it a space of multiple experiences and experiences human make, amongst these subjects are prostitutes. For construction this dissertation, resorted bibliographical research, newspaper archives, Oral History and field research. Having a qualitative approach and ethnographic procedure. The subjects were 03 prostitutes who exercising this activity in the bars of Orla da Francesa, 02 neighborhood residents, 01 bar's owner 01 Social Assistant listed according with criteria to previously defined. For data collection used a semi-structured interview, participant observation and field diary with a purpose to identify causes / reasons made use to prostitution and what impacts this activity has caused in the lives these women. The study revealed that are women from poorest stratum of society, and because financial need were for prostitutes and bars in the city to prostitute themselves. It has common life histories, abandonment, sexual abuse, and childhood violence in the family and adulthood by husbands. We also note that they are strongly stigmatized women, an instrument social power in the symbolic sphere excludes from other public spheres, bar being place where they find the necessary "defense". They are women who nurture hope of marrying and constitute a family, love and seek to be loved, and use their sexiness according with their convenience, showing prostitution is characterized by a power relationship. Checked that these women are also chemical dependents and alcoholism suffer, placing in a situation of vulnerability greater to acquiring physical or mental health problems. It is pointed that prostitution is a risky activity for these women due to lack of necessary care health's body and suffering constant physical violence by clients or other prostitutes. As a social contribution, it is suggested that competent institutions, Health's Secretariats and Social Assistance, through municipality City Hall, search for to situation social vulnerability these women find themselves, seeking public policies can offer them better health conditions and human dignity.

Keywords: Prostitution, Women, Territoriality, Sexuality and Power.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Bares da Orla da Francesa.	40
Figura 2. Pessoas fazendo usando drogas nas proximidades do bares na Orla da Francesa .	46
Fugura 3. Frequentadores pela manhã em um dos bares na Orla da Francesa	47
Figura 4. Princípio de tumulto. Uma das moças segura uma cadeira para jogar em outra pessoas, mas é impedida.	82
Figura 5. Pessoas usando drogas na Orla da Francesa	88
Figura 6. Pessoas usando drogas na Orla da Francesa	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I- O Fenômeno da Prostituição no Município de Parintins	21
1.1- Contexto Histórico e Social da Prostituição no Município de Parintins	21
1.2- Território da prostituição em Parintins.....	29
1.3- Prostituição, exploração Sexual e Turismo sexual no Município de Parintins.....	35
1.4- A Orla da Francesa.....	39
CAPÍTULO II- “Somos conhecidas como Putas”	50
2.1- Perfil das Mulheres que se prostituem na Orla da Francesa.....	50
2.2- “entrei nessa vida por necessidade”	57
2.3- “me chamavam de chave de cadeia”: vivendo sobre estígma.....	66
2.4- Amor, Afetividade, sexualidade e poder.....	70
CAPÍTULO III- Prostituição uma atividade de risco	79
3.1- Violência Física.....	79
3.2- DSTs / Aids e outras doenças.....	83
3.3- Álcool e outras drogas.....	87
Considerações Finais.....	92
Referências	97
Fontes.....	102
APÊNDICES.....	103

INTRODUÇÃO

A presente dissertação versa sobre o universo da prostituição de mulheres em áreas de bar na Orla da Francesa no município de Parintins-Am, nos anos de 2000 á 2018. O universo da prostituição é marcado por diversos estereótipos, nomeclaturas e tentativas de legitimar um discurso, em que a prostituta aparece como protagonista de suas ações e feliz pelas suas escolhas, em um cenário muitas vezes erotizado e romantizado, que em nada se parece com a realidade das mulheres aqui pesquisadas.

De modo algum, é nossa intenção cometer o mesmo erro, tentando legitimar o discurso de mulheres vítimas de uma sociedade desigual, mas oferecer a oportunidade de refletir sobre essa temática, mostrando que a prostituição é um fenômeno social e que para entende-la, é necessário olharmos os diversos aspectos sociais, políticos e econômicos, que levam muitas mulheres a exercerem essa atividade, seja como única fonte de renda ou como complementação financeira.

As mulheres apresentadas nesta dissertação são de baixa renda, com históricos de vida marcados pela pobreza, abandono familiar, abusos sexuais e violência doméstica. São mulheres que se prostituem na Orla da Francesa diariamente por 10, 20, 30, reais, para promover o sustento de suas famílias, ou por bebidas e dogas, raramente conseguem 50 reais por um programa. São mulheres que ao contrário do discurso acadêmico e do senso comum, não escolheram a prostituição, mas encontraram nela um meio de sobrevivência.

Afirma-se, que a prostituição é a profissão mais antiga da humanidade, e que ao longo do tempo, recebeu diversas interpretações adaptando-se aos novos tempos e ressignificando-se, na tentativa de uma aceitação que fosse menos perversa para aqueles que a praticam. Neste sentido, buscou-se compreender o fenômeno da prostituição na Orla da Francesa, por meio da história de vida dessas mulheres, que usam este espaço para exercer suas atividades como prostitutas.

Abordou-se aspectos relacionados a esta atividade, que muitas vezes encontram-se invisíveis, como o estigma à violência e os riscos a saúde física e mental a dependência química e alécolica. Além disso, foram investigados aspectos da intimidade e dos sentimentos dessas mulheres como a percepção do amor, da sexualidade, da afetividade e das relações de poder.

Profissionais do sexo, acompanhantes de luxo, mulher da noite, meretriz, garota de programa ou puta, são algumas das denominações que essas mulheres recebem ou se

autodenominam. Nesta dissertação usaremos dois termos, prostituta e puta, pois é assim que as mulheres que fizeram parte dessa pesquisa se autodenominaram. “Prostituta, puta, a gente é puta mesmo”.

O interesse por esta pesquisa, surgiu da minha própria vivência como moradora do Bairro da Francesa, localizado no município de Parintins/Am. Minha residência fica próximo a lagoa, que leva o mesmo nome do bairro, onde nesse lugar passei toda minha infância observando a dinâmica desta área que é bastante movimentada, em virtude do comércio, das embarcações e dos bares.

Esta pesquisa tem profunda relação comigo enquanto moradora, pesquisadora, e cidadã. Salvador (1986) afirma que não é qualquer temática que mereça ser digna de um estudo científico, a escolha de um assunto que mereça ser estudado é uma questão filosófica e depende de critérios de seleção. Assim, esta pesquisa surge a partir de anos de reflexão sobre o bairro, a orla, os bares e as mulheres, numa tentativa de obter respostas científicas que fizesse-me compreender a prostituição naquele lugar.

A entrada na universidade no curso de história foi fundamental, para que eu pudesse pensar a Orla da Francesa e os sujeitos que a frequentam, dentro dos preceitos históricos, sociológicos e culturais. Passei a observar e tentar compreender outros aspectos daquele espaço, como a movimentação intensa nos bares a noite, a música, a presença constante de homens e mulheres que passaram a frequentar o lugar, as altas gargalhadas o consumo de álcool, drogas, e a constante presença da polícia em razão das brigas que ocorriam no local.

Vagabundas, safadas, depravadas, putas, eram algumas das maneiras como alguns moradores do bairro se refeririam às mulheres que frequentavam aquele ambiente. Enquanto eram julgadas, sobre seus comportamentos eu me questionava: Por que elas eram chamadas por diversos termos pejorativos? Por que elas eram tão julgadas? Quem seriam essas mulheres? Quais as suas histórias de vida? Essas e outras questões nortearam esta pesquisa, sendo os resultados de tais questionamentos apresentados nesta dissertação.

Os discursos dirigidos às mulheres que atuam como profissionais do sexo, são ainda seculares, carregados de preconceito, discriminação, de estigmatização, uma herança de uma sociedade que se constituiu sobre os preceitos da Igreja, do patriarcado e que determinou um padrão de comportamento feminino, pelo qual deveria atender a normas e regras de conduta, até ao mais íntimo que poderia sentir uma mulher.

A prostituição se faz presente, envolvendo homens e mulheres com interesses distintos, seja pelo prazer carnal ou pela necessidade financeira. Para Birman (1997, p. 111) “a prostituição seria a materialização da inexistência de qualquer decência na mulher, a

indecência feita carne indicando, pois, a decadência feminina por excelência a medida que a maternidade estaria ausente do seu horizonte existencial”.

Para este autor, esse discurso é reflexo de uma sociedade que buscava se afirmar como raça, e que por meio dos discursos da igreja e posteriormente da medicina, tirou da mulher sua feminilidade, reprimiu sua sexualidade e passou a impor um novo padrão, uma “nova mulher”, a virgem e casta, mãe e esposa fiel, a recatada desprovida de qualquer desejo sexual, pois se fosse ao contrário, poderia ser considerada como desprovida de virtudes.

É nesse contexto que este trabalho apresenta as profissionais do sexo da Orla da Francesa, mulheres de baixa renda e sem muita instrução escolar, são mulheres que diariamente estão nesse espaço em busca de dinheiro ou produtos pelos quais adquirem por meio do sexo. São atores sociais que possuem uma história de vida, família, sentimentos, mas que estão socialmente marginalizadas.

Como problematização, evidenciamos sobre os aspectos negativos que essa atividade recai sobre essas mulheres, o que nos fez refletir sobre os seguintes questionamentos: O que motivou a entrada dessas mulheres na prostituição? Quais os tipos de violência que essas mulheres sofrem em razão da atividade que exercem? Que impactos a prostituição causa na vida dessas mulheres? São questões que procuramos responder por meio da história de vida das mesmas.

Adentrar o universo da prostituição, especificamente das prostitutas da Orla da Francesa, é oferecer a sociedade a oportunidade de conhecer a história desses sujeitos marginalizados, excluídos, silenciados pela sociedade, é ao mesmo tempo enxergá-los como sujeitos do processo histórico, político, social e cultural da cidade. Embora estejam excluídos de políticas públicas, não estão invisíveis, pois diariamente convivem com os olhares repressores da sociedade.

Para executarmos a pesquisa e darmos início a dissertação, optou-se pela metodologia da História Oral, que de acordo com Meihy e Holanda (2011) consiste no registro das narrativas e no estudo das experiências vividas por pessoas e grupos sociais. A História Oral possibilita a construção e a reconstituição da história por meios dos indivíduos.

A História Oral é uma metodologia “interdisciplinar por excelência” é realizada com base em entrevistas feitas com pessoas que participaram ou tiveram relação com algum acontecimento do passado ou do presente, suas narrativas são gravadas em mídia, gravador, etc., tornando-se fonte de pesquisa. (ALBERT, FERREIRA e FERNANDES, 2000).

A História Oral segundo Thompson (1992) pode oferecer grande contribuição para o resgate da memória, mostrando-se como um método bastante promissor para a realização de

pesquisas em diferentes áreas. As fontes produzidas servem de apoio ao pesquisador, pois ela não exclui as outras fontes e sim relaciona-se com as demais. Para Portelli (2001), as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas.

Falar da prostituição na cidade de Parintins é assumir um grande desafio. No decorrer da pesquisa nos deparamos com a carência de trabalhos referentes a esta temática, e com a burocracia dos órgãos público. Além disso, tivemos sérias dificuldades em contactar com as mulheres, foi difícil o acesso a elas, dada a periculosidade do local (Orla da Francesa), de 5 mulheres que estavam programadas a serem entrevistadas conseguimos chegar a 3 que nos oportunizaram conhecer suas histórias.

Realizamos uma busca aos arquivos do Jornal Novo Horizonte, onde encontramos matérias publicadas sobre a prostituição no município de Parintins, que foram de grande importância para fundamentar os argumentos. Foi visitado as Secretarias do CRAS, CREAS, SEMAST, Saúde, e a Delegacia de Polícia, na tentativa de encontrarmos dados que pudessem contribuir com o texto.

As informações das mulheres e as contribuições de moradores, assistentes sociais, donos de bares, agentes de saúde, enfermeiros, jornalistas, mototaxistas, foram primordiais para que pudessemos conhecer e compreender o fenômeno da prostituição na Orla da Francesa e no município de Parintins, visto que, são mulheres que não se limitam ao espaço da Orla, mas nos demais espaços de prostituição da cidade.

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa. Para Chizzotti (2008) esta abordagem implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, possibilitando extrair desse convívio, os significados visíveis que somente são perceptíveis por meio de uma atenção sensível, ou seja, os processos sociais possuem características que dão significados às pessoas e às coisas, podendo ser descrito e investigado.

A pesquisa qualitativa pauta seus estudos na interpretação de uma realidade, preocupando-se com o caráter hermenêutico, buscando na experiência humana uma compreensão das redes de significados que dão sentido a sociedade. O objeto de estudo das ciências humanas e sociais são as pessoas e suas atividades, contudo, eles não são apenas agentes interpretativos de mundo, mas também compartilham suas visões, experiências de vida por meio da interação com outros sujeitos que se dá no dia a dia (MOREIRA, 2002).

Foi realizada uma pesquisa, etnográfica que nos deu suporte para descrever os espaços de ocorrência do fenômeno estudado. Para Chizzotti (2008) A pesquisa etnográfica

proporciona uma interação direta com as pessoas na vida cotidiana, auxilia na compreensão de suas concepções, práticas e comportamentos em diferentes dimensões da vida.

O lugar escolhido para a realização desta pesquisa, foi a Orla da Francesa, especificamente na área onde concentram-se os bares. A escolha deste lugar se deu por ser um espaço de sociabilidade onde estão presentes as mulheres em situação de prostituição, fazendo parte dos processos sociais com os demais sujeitos que ali frequentam. Trata-se de uma área da cidade que agrega diversos problemas sociais e esquecida pelo poder público.

Durante o dia a Orla da Francesa é bastante movimentada, além do intenso comércio varejista, o lugar é frequentado por homens e mulheres de diferentes posições sociais que utilizam o espaço de maneiras diversas, lazer, trabalho ou pelo comércio. No horário noturno a movimentação é tímida, mas significativa. A movimentação fica por conta dos bares é também o horário de maior fluxo de prostitutas e clientes, vale ressaltar que a maioria dos programas ocorrem na área escura da escadaria ou atrás dos bares.

A organização desse espaço que fica especificamente em torno de toda extensão da escadaria, chama atenção pela maneira como os indivíduos convivem, compartilhando direta ou indiretamente sua existência dentro de uma relação, que ao mesmo tempo os une enquanto seres humanos dependentes uns dos outros e os separa por meio dos elementos simbólicos transformados em uma relação de poder.

Foi nesse universo que realizamos a pesquisa de campo. Inicialmente por meio da observação, procurando descrever o local e as relações entre os sujeitos que frequentam os bares da escadaria da francesa, posteriormente conversamos de maneira informal com alguns donos dos bares somente para obter as informações sobre as mulheres a quais entramos em contato para a efetivação das entrevistas.

Para esse primeiro momento foi utilizado apenas o caderno de campo como forma de registrar as observações. Esta etapa possibilitou entrar em contato com o universo da prostituição, proporcionando perceber os hábitos de prostitutas e clientes, as comunicações simbólicas, as performances, as disputas, a vestimenta e tantos outros elementos que se fazem evidentes nessa prática. Foi uma experiência inesquecível, percorrer bares e bregas na cidade e observar como a prostituição envolve outros sujeitos, além dos personagens mais conhecidos: a prostituta e o cliente.

As entrevistas foram realizadas em diferentes ambientes respeitando a disponibilidade dos colaboradores. Margarida foi entrevistada na residência do padrasto, Girassol e Jasmim em um bar situado na Orla da Francesa, o senhor Agenor foi entrevistado no seu bar, dois

moradores foram entrevistados em suas residências e os demais sujeitos envolvidos foram entrevistados nos seus locais de trabalho.

Após as entrevistas, foi realizado o trabalho de transcrição, etapa que se destina a mudança de estágio da gravação oral para o escrito, seguindo critérios éticos que a metodologia da História Oral exige, respeitando a fala dos colaboradores. A partir das diferentes falas, buscou-se compreender o universo da prostituição.

Neste sentido, a análise das entrevistas foram realizadas por meio de comparações e interpretações das informações obtidas durante o trabalho de campo e pelo estudo bibliográfico desenvolvido ao longo da pesquisa. Trata-se, portanto de uma análise qualitativa em que procuramos interpretar os significados nas narrativas dos sujeitos dentro do contexto social que eles estão envolvidos.

Diferentes tradições de pesquisa invocam o título qualitativo, partilhando pressuposto básico de que a investigação dos fenômenos humanos, sempre saturados de razão, liberdade e vontade, estão possuídos de características específicas: criam e atribuem significados as coisas e as pessoas nas interações sociais e estas podem ser descritas e analisadas, prescindindo de quantificações específicas (CHIZZOTTI, 2008, p. 29)

Entende-se que a realidade do sujeito é elemento que não pode ser analisado separadamente, pois cada indivíduo carrega consigo experiências de vida, particularidades que dão significados a sua própria existência. Desse modo, para uma compreensão do fenômeno da prostituição, foi necessário interpretar, os significados que esses sujeitos dão a si mesmo e aos elementos que envolvem esta prática.

Acredita-se que para a comunidade acadêmica, esta pesquisa é relevante por tratar-se de uma história não convencional, uma temática bastante complexa, abrangente e pouco explorada no município de Parintins e que poderá suscitar novas discussões no meio acadêmico, desmitificando e ressignificando a ideia de prostituição.

Além disso, busca-se levar aos leitores uma compreensão sobre a prostituição a partir da percepção das mulheres que se prostituem, de modo que venha contribuir para a minimização do preconceito e a discriminação que tem marcado a trajetória de vida dessas mulheres, ao mesmo tempo instigar políticas públicas voltadas para elas.

A presente dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro aborda-se sobre a prostituição no município de Parintins, considerando-a como um fenômeno social de raízes históricas profundas com o próprio desenvolvimento da cidade, evidenciando que é uma

atividade que só tem crescido, ampliando as modalidades dos serviços sexuais em diferentes categorias de profissionais, ao mesmo passo que vem diversificando-se pelos diversos ambientes, sejam eles; bares, boates, bregas, ou através de sites da internet.

Apontamos o bar como territórios de prostituição, sem tentar generalizar, pois seria de uma injustiça enorme, uma vez que a prostituição no município de Parintins tem dimensões ainda desconhecidas, contudo, são esses os espaços públicos onde se vê maior fluxo de prostitutas atuando. São espaços onde ocorrem essa atividade, os contatos e os acordos, por isso, nos preocupamos em descrevê-los.

Dentro desse contexto está inserido o festival folclore de Parintins, não como um agente causador, mas como um meio pelo qual a prostituição tem se intensificado, embora o nosso propósito seja discutir sobre a prostituição de mulheres, não foi possível neste capítulo deixar de citar a questão da exploração sexual infanto-juvenil, pois verifica-se que são práticas que de alguma maneira estão ligadas a prostituição.

Pedimos desculpa aos leitores por não termos dados estatísticos oficiais sobre a prostituição no município de Parintins, nem sobre a prática do turismo sexual, e talvez tão cedo não teremos, pois não há esses registros, (ou não quiserem nos fornecer) nem na delegacia, nem nos centros de assistência social, o que não significa que não exista. Ocorre que as denúncias chegam disfarçadas, além disso, não há uma preocupação por parte dos agentes desses setores em conhecer e sistematizar o histórico de vida de mulheres que chegam até essas instituições, sejam como acusadas sejam como denunciantes.

Desse modo este capítulo tem o propósito de mostrar o cenário da prostituição no município de Parintins, sem a intenção de esgotar a discussão sobre este assunto, uma vez que trata-se de uma temática bastante delicada, onde nos deparamos com barreiras tanto institucionais como pessoais que nos impediram de investigá-la, pois nesse universo estão vinculadas questões que ultrapassam os limites legais.

Será apresentado o lócus da pesquisa, a Orla da Francesa, fazendo inicialmente um breve histórico do lugar, evidenciando as transformações ambientais, sociais e de infraestrutura ocorridas ao longo do tempo. Haverá a descrição do lugar, das condições sanitárias onde os bares estão instalados e dos diversos sujeitos que estão inseridos neste espaço.

No segundo capítulo apresentaremos o perfil dos sujeitos da nossa pesquisa, no caso as mulheres que atuam no mercado sexual, onde iremos conhecer suas histórias de vida, as motivações que as levaram a entrar neste mercado e perspectivas para o futuro. Dentro dessa discussão procuramos adentrar a esfera das subjetividades a fim de compreendermos que percepção elas têm do amor, como elas lhe dão com a sexualidade no universo da prostituição

e quais os dramas vividos por essas mulheres, mostrando que a prostituição é uma atividade permeada por uma relação de poder.

No terceiro capítulo tratamos dos riscos que a prostituição pode trazer á vida dessas mulheres, quando realizada sem os devidos cuidados seja com a higiene pessoal ou com medidas de proteção contra doenças sexualmente transmissíveis. Esta questão não tem a pretensão de apontar a prostituição como uma atividade que leva os indivíduos a adquirir alguma DSTs, mas de expor sobre a necessidade para com os cuidados com o corpo, a higiene e a prevenção, por ser uma atividade que tem o corpo como instrumento de trabalho e uma variedade de parceiros, portanto uma situação de maior vulnerabilidade.

Será também abordado a respeito da violência física com riscos de mortes que muitas das prostitutas da Orla da Francesa sofrem nas ruas, em motéis ou nos bares, sejam por brigas entre elas, clientes, companheiros, parceiros fíxos ou por dívidas de drogas. Outro ponto a chamar-se atenção, é para a situação de dependência química e alcóolica enfrentadas por elas, sendo que algumas já apresentam estágio de depressão, comprometendo a saúde mental das mesmas.

CAPÍTULO I

O FENÔMENO DA PROSTITUIÇÃO NO MUNICÍPIO DE PARINTINS.

A indignação moral que a “boa sociedade” manifesta em relação à prostituição é, sob muitos aspectos matéria de ceticismo. Como se a prostituição não fosse à consequência inevitável de um estado de coisas que essa “boa sociedade”, justamente, impõe ao conjunto da população.
(SIMMEL, 1993)

1.1- Contexto Histórico e Social da Prostituição no Município de Parintins.

O município de Parintins está localizado no extremo leste do estado do Amazonas, distante a cerca de 370 quilômetros da capital amazonense Manaus. Sua população está estimada em 113.832 de acordo com dados do censo do IBGE do ano de 2017. O município de Parintins é conhecido mundialmente em razão do Festival Folclórico que ocorre no último final de semana do mês de junho e atrai anualmente milhares de turistas de diversos lugares do mundo.

A prostituição no município de Parintins é um fenômeno que tem aumentado e se reconfigurado, assim como em outros lugares do mundo, há poucos registros sobre os locais que funcionavam como casas de prostituição na cidade. O que nos resta são as memórias dos idosos que de alguma maneira vivenciaram aquele período em que os bordéis eram os lugares preferidos dos boêmios e amantes da madrugada da pacata Parintins.

Por volta da década de 60, 70 e 80 lugares como Toco, Mela Coxa, Capri, Pausada, Tia Alice, Floresta, LS, Tatuzinho, Papo-rola, Tremendão, Asa branca, Sei Lá Se É, Sombra da Lua, Rolinha, Buraco Quente, Castelinho, Beija Flor, Carapirá são alguns dos espaços que foram citados por nossos colaboradores e que funcionavam como casas de prostituição, eram espaços de lazer para homens e mulheres tanto da cidade como nos municípios mais próximos.

Em uma crônica publicada no dia 06 de março de 2018 em sua página pessoal do facebook o Jornalista Tadeu de Souza faz referência a essa época.

Quem engravidasse a namorada casava ou fugia e condenava à moça a maldição do preconceito. A dor da discriminação. Assim que muitas jovens terminavam nos prostíbulos. E eu conheci os mais famosos. “LS”, que ficava no bairro da Francesa, longe demais. O “Floresta” onde é hoje o Instituto Técnico Federal do Amazonas (Ifam), “Tatuzinho”, do Félix, um cidadão de Oriximiná que trabalhou muitos anos em Parintins. Os prostíbulos funcionavam trazendo mulheres de fora, de Belém, de

Santarém, de Oriximiná e as vezes até de Macapá. Todas as boates tinham apartamentos ou quartos como se dizia, as moças tinham o trabalho de seduzir os clientes, fazendo-lhes gastar o que pudessem e fechar o programa com uma bela noite de sexo.

Pouco se sabe sobre as casas de prostituição, os períodos se misturam às lembranças ficando difícil catalogar cada ambiente desse. Sabe-se que a maioria ficava no centro da cidade, próximo às orlas, mercados e aos comércios, isso por volta da década de 60 e 70 período em que o comércio se desenvolvia, nas proximidades do Mercado Municipal Lindolfo Monteverde, assim como tinham os mais discretos em bairros mais distantes.

Os prostíbulos se organizavam onde havia maior fluxo de pessoas, normalmente nas áreas comerciais. De acordo com Rago (1990) em seus escritos sobre a prostituição na sociedade paulistana, a prostituição se concentrava nas áreas comerciais e centrais da cidade próxima aos bares, cafés, teatros, cinemas e cabarés. Estes espaços atraíam a burguesia, de São Paulo, os políticos, fazendeiros, advogados, estudantes, trabalhadores.

O fenômeno da prostituição passava a ser vivenciado como um problema público – lado negativo do progresso, e era transformado em poderoso fantasma de contenção às mulheres que pressionavam para ingressar na esfera da vida pública. Os tempos tinham efetivamente mudado. Não parecia ser fácil aceitar a convivência feminina em espaços tidos como essencialmente masculinos. (RAGO, 1990, p 49)

A presença de prostitutas na área central do município era um problema para a sociedade parintinense. Fortemente influenciada pelo catolicismo e pelos valores morais da época fruto do patriarcado. A presença dessas mulheres não agradava às famílias tradicionais, estas recorriam aos vereadores para que tomassem providências. Logo surgiram medidas de ordem para impedi-las de andar pelas ruas em determinados horários.

A sociedade burguesa faz exatamente assim, as prostitutas são os bodes expiatórios que se punem pelos pecados cometidos pelos homens da “boa sociedade”. É como se uma curiosa deformação ética oferecesse uma expiação à má consciência social, fazendo a sociedade rejeitar cada vez mais as vítimas de seus pecados, submergindo-as numa desmoralização cada vez maior: ela se arroga no direito de trata-las como criminosas. (SIMMEL, 1993, p. 13).

A vereadora Geminiana Bulcão na década de 60 a pedido das “famílias de bem” apresentou um requerimento a Câmara de Parintins o qual solicitava a seguinte ordem: “pedia ao Delegado de Polícia desta cidade, que o mesmo proíba as prostitutas de perambularem pelas principais artérias de nossa cidade, antes das oito horas da noite”. (LIVRO DE ATA DE DA CAMARA MUNICIPAL DE 1964 a 1969, In BUTEL, 2012, p.102).

A década de 60 e 70 foram fortemente marcadas pelo conservadorismo da sociedade da época. Embora os ideais feministas estivessem movimentando a classe acadêmica no restante do país, em Parintins seriam mudanças que demorariam a acontecer. Os defensores da moral e dos bons costumes não demoravam a pedir o fim desses lugares.

Na sessão do dia 23 de abril de 1976, Raimundo Muniz Rodrigues apresentou requerimento pedindo providências em favor dos moradores do bairro de Palmares, proximidades “Campus” Avançado, que mencionam a existência de uma casa frequentada por mulheres solteiras, pedindo que este seja encaminhado ao Delegado de Polícia e ao Sr. Juiz de Direito da Comarca de Parintins. Waldir Melo pediu que fossem inclusos outros locais no centro da cidade que tem a mesma finalidade “Sombra da Lua”, “Castelinho”, “Beija Flor” “Carapirá” no bairro de Palmares. Aceito por unanimidade. (LIVRO DE ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DE 1973 a 1976 In BUTEL, 2012, p. 383).

As casas de prostituição foram aos poucos desaparecendo e reconfigurando-se. Os bregas e bares das áreas mais afastadas na época atraíam a atenção de prostitutas, pois esses lugares eram muito frequentados por homens bem sucedidos da cidade, com isso, atraíam a atenção do poder público que agia para por fim a esses espaços. Os mais conhecidos estavam situados no bairro de Nazaré, São Vicente, São Francisco, Palmares, bairro da Francesa e Centro.

Ao longo desses anos pode-se dizer que na mesma proporção que os prostíbulos eram fechados, novos surgiam. No entanto, os moradores das proximidades desses lugares passaram a exigir do poder público o fim desses espaços e também dos motéis, a fim de minimizar diversos problemas sociais ocasionados pelos frequentadores, como brigas de galeras, prostituição juvenil e perturbação do sossego alheio. De acordo com o Jornal Novo Horizonte (1994, p, 12);

Os motéis e os bares localizados na Rua Maués, no Bairro de Nossa Senhora de Nazaré, podem estar com os dias contados para serem retirados. É que o Ministério Público atendendo ao ofício, anexado a um abaixo assinado, com a adesão de aproximadamente duas mil pessoas, pediu à polícia que apurasse uma série de denúncias da entidade contra os estabelecimentos, da zona de baixo meretrício, que vai desde a perturbação do sossego ao favorecimento da prostituição.

Essa zona de baixo meretrício, como diz a nota do Jornal Novo Horizonte, aponta os lugares de maior concentração da prática da prostituição em Parintins. Os motéis eram os espaços onde ocorriam os atos sexuais, a estrutura arquitetônica era simples, de madeira e o preço por alguns momentos sexuais eram de baixo custo. Alguns desses motéis ainda existem e funcionam, outros foram desativados devido à condição de precariedade e as constantes

denúncias. Lentamente os bregas foram também desaparecendo, sendo os bares os “novos” espaços escolhidos por homens e mulheres para a prática da prostituição.

O bar do senhor Agenor que fica no Bairro São Vicente é um dos mais conhecidos na cidade e já teve seus anos de glória, de 1999 a 2009. Frequentado por homens de grande poder aquisitivo, hoje é só mais um bar na cidade, no qual é possível encontrar uma mulher disposta a oferecer um momento de sexo em troca de dinheiro.

Desde que foi construído há uns vinte anos, foi rapidamente conhecido na cidade por conta da presença das mulheres que frequentavam, eram garotas de programa como o senhor Agenor as chamava. De segunda a sábado no horário noturno, essas moças iam até o bar para conseguir um programa, eram mulheres muito bonitas, bem vestidas segundo ele. O senhor Agenor nos conta que:

Depois que eu me aposentei ai eu resolvi colocar esse bar aqui, que era pra eu aproveitar meu tempo, pra eu não ficar sem trabalhar. Eu coloquei esse bar, por ser uma pessoa muito bem conhecida na cidade. Eu tenho vários amigos e muitos dos meus amigos souberam que eu tinha esse bar e começaram a frequentar aqui. E como esse pessoal que vinham pra cá faziam, fazem parte da sociedade parintinense, da elite, e as meninas começaram a se aproximar daqui, elas vinham e depois e aqui elas faziam amizade com os caras com a intenção de fazer programas. (entrevista realizada em janeiro de 2018).

Na fala do senhor Agenor nota-se que ele apresenta uma justificativa para que seu estabelecimento tenha se tornado um lugar de prostituição: o seu bom relacionamento na sociedade, amigos da elite como ele os classifica, a boa condição social dos mesmos teriam atraído moças para seu bar. No decorrer de toda entrevista o senhor Agenor procura ressaltar que nunca foi intenção construir um lugar de prostituição, mas também não foi possível perceber em suas falas uma proibição em relação à presença dessas mulheres.

Foi então foi que começou a aparecer uns “veados”¹ e ai começaram a trazer as meninas pra cá pra vender, vender pros caras. [...] o que mais ficou também nesse tempo de olho foi os “veados”. Eles vendiam elas, cobravam um valor e com isso eles ganhavam dinheiro. Aqui aparecia muita coisa, meninas bonitas que faziam parte da sociedade, da alta sociedade que vinham pra cá com esse intuito. Os caras também que acompanhavam elas eram caras da grana, empresários, autoridades e aqui eles achavam que era um ponto bom pra eles porque aqui é um local reservado, longe do centro da cidade, calmo, não passa muita gente e naquela época não era urbanizado como tá agora. (entrevista realizada em janeiro de 2018).

A época que nosso entrevistado se refere, é mais precisamente os finais da década de 90 a 2009, foi o período de auge do bar do senhor Agenor, sempre bem frequentado por homens

¹ Termo utilizado popularmente para se referir a homossexuais.

de negócios, viajantes, funcionários públicos, músicos, entre outros e belas moças parintinenses. Na época do Festival Folclórico, vinham também moças de clubes famosos de Manaus. O lugar se tornou uma referência quando se tratava de um espaço reservado, distante, com poucos movimentos urbanos, onde era possível encontrar profissionais do sexo.

Até moças de outro lugar vieram pra cá, chegou a vim até uma companhia de mulheres que frequentam em Manaus do Remulo's. Ficavam aqui de 19:00 horas até as 23:00 horas e depois iam para uma boate na frente da cidade ai nesse tempo ai que deu muitos homens aqui da cidade, de fora é por ai mais ou menos isso. (entrevista realizada em janeiro de 2018).

O senhor Agenor revelou que muitas das meninas que frequentavam o bar, não assumiam serem garotas de programa, muitas delas, eram de famílias conhecidas, meninas “bem criadas” nas palavras dele “de família”, que os pais tinham condição financeira boa, mas elas segundo ele, queriam mais, e por isso, iam para o seu bar, pois sabiam que os clientes estariam ali e tinham dinheiro para pagar por momentos de prazer sexual.

Com o passar dos anos e com o aumento das denúncias de exploração sexual de crianças e adolescentes na cidade de Parintins, o bar do senhor Agenor foi alvo de investigações. As denúncias eram cada vez mais direcionadas, os jornais locais todos os dias noticiavam denúncias de crime de exploração sexual contra crianças e adolescentes, diante disso, senhores conhecidos da sociedade, empresários que eram clientes assíduos aos poucos foram deixando de frequentar.

Não é novidade que dentro dessas redes de prostituição existem pessoas de grande influência envolvidas, o que prejudica o combate à violência contra os menores, aumentando assim a impunidade. Nas palavras da Delegada Ana Denize de Souza em discurso na Sessão Ordinária especial na Câmara Municipal de Parintins em 17/05/2010 “a nossa Lei protege quem tem uma certa condição financeira”. Na fala do senhor Agenor é possível perceber essa questão:

Como naquele tempo não havia muito, não havia Conselho Tutelar, ficamos meio liberados. A polícia fazia fiscalização, mas era uma vez por outra e com isso também, o pessoal que vinha pra cá fazia parte da elite. Muitas autoridades frequentavam aqui, ai não tinha como. As vezes até quando chegava batida da polícia, o chefe “tava” aqui dentro, ai quando eles já sabiam que o chefe “tava” aqui dentro eles faziam aquele “H” todo e iam embora. Chegou a frequentar também muitos pessoas da justiça, promotores, juízes até desembargador já veio pra cá. Depois, com certo tempo, começou a parecer o Conselho Tutelar, eles foram ficando mais restrito. O ambiente, ficou mais assim, como se diz [pausa] mais discreto, ai eles começaram a parar mais de frequentar, porque apareceu uma promotora aqui em Parintins que ela começou a acochar mesmo, a botar de cima mesmo, pra conferir, descobri como é que “tava” a questão sexual de menores em Parintins. “De menor”

“tava” frequentando muitos bar e muito programa sexual. Ela botou em cima e conseguiu pegar umas três pessoas que frequentavam aqui, inclusive era um homossexual. (entrevista realizada em janeiro de 2018).

No ano de 2010 os Vereadores da Câmara Municipal, os Delegados de Justiça do município, as Igrejas, as escolas, todos estavam empenhados na luta contra o abuso e a exploração sexual de menores. No dia 17 de maio daquele mesmo ano, realizou-se na Câmara Municipal de Parintins uma Sessão Ordinária Especial para tratar de assuntos relacionados a violência sexual contra crianças e adolescentes. As denúncias no município de Parintins estavam tomando repercussão nacional e a situação era preocupante.

Um vereador da casa já havia sido preso por crime de estupro de vulnerável e acusado de pagar por programas sexuais com adolescentes em uma rede de prostituição infanto-juvenil supostamente comandada pelo agenciador conhecido como Pingo, já falecido. Esse acontecimento foi o estopim para que outros envolvidos, ao menos por um tempo deixassem de frequentar os lugares de prostituição e esta tornasse cada vez mais uma atividade que ocorre na clandestinidade. O senhor Agenor percebeu a ausência dos seus antigos clientes.

Consideramos este fato como um divisor de águas no sentido de que existe um antes e um depois ao ocorrido. Antes a esse acontecimento a impressão que temos é de que a prostituição era mais exposta, os lugares eram conhecidos. A sociedade se importava, porém pouca coisa em relação era feito, posterior a essa situação tudo ficou muito mais velado. Dificilmente algum dono de bar irá confirmar que seu estabelecimento é também um lugar onde homens e mulheres vão em busca de programas sexuais. Assim como, é difícil encontrar uma mulher que assuma ser profissional do sexo e queira falar sobre o assunto.

Embora não seja o foco do nosso trabalho, vale aqui ressaltar um cenário de omissão, exploração, que tem sustentado e conseqüentemente aumentado os casos de abusos, tráfico e exploração de crianças e adolescentes no município de Parintins. Este fato não é uma particularidade desta cidade, as redes de exploração sexual e outros crimes, são protegidas por pessoas de grande poder político e econômico.

Além disso, embora saibamos que quando se trata de menores envolvidos, não se caracteriza prostituição e sim exploração, contudo no contexto de Parintins, à medida que a pesquisa pelo assunto toma proporção, fica impossível não citar os casos de exploração sexual infanto-juvenil, pois é uma prática que está diretamente ligada a prostituição no município, onde muitas meninas por uma série de fatores acabam sendo envolvidas.

A prostituição na cidade de Parintins é uma realidade e chega a ser preocupante justamente por conta do envolvimento de terceiros e de menores de idade. Além disso, há uma

preocupação em relação a proliferação de DSTs, afirmamos isso com base em conversas com as próprias profissionais do sexo, donos de bares, matérias de jornais e em conversa com pessoas ligadas aos setores de assistência social e Conselho Tutelar do município que diariamente lidam com questões relacionadas a prostituição.

Dados oficiais não temos. Como é de conhecimento de todos a prostituição em si não é crime, o que se tem, são registros de casos de abusos e exploração sexual infanto-juvenil tanto na delegacia local como nas secretarias de assistência social, e nos setores de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, pois são os casos que chegam até eles para acompanhamento.

Ocorre que quando falamos de prostituição é unanimidade nas falas das pessoas que procuramos para nos informar, relatar o envolvimento de meninas menores de idade, o que caracteriza exploração sexual. Assim como a participação de terceiros agenciando mulheres para clientes, que pela lei brasileira também é crime.

O senhor Agenor durante toda a entrevista procurou enfatizar que no seu bar não frequentavam menores de idade, no entanto, em alguns momentos de sua fala constatamos o contrário. A presença de meninas era frequente o que configura-se crime pelas leis brasileiras. Ressalta-se que as medidas de prevenção e combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes implantados na época no município foram decisivas para o processo de reconfiguração do seu estabelecimento, como afirma em sua fala abaixo.

Pegaram também umas meninas que faziam, frequentavam aqui. Elas abriram o jogo para promotora. Onde elas frequentavam, com quem elas faziam, chegaram a falar até com quem elas iam. Era isso que ela queria. Ai o negócio piorou. Prenderam umas sete pessoas, mais ou menos, que faziam parte dessa transação. Ela veio pra cima de mim também, queria que eu contasse tudo como aconteceu na época. Como era que acontecia, eu expliquei pra ela que era muito difícil que as pessoas que vinham aqui eram pessoas de alto nível e que eles sabiam muito mais de que eu. Aí o negocio parou mais, as pessoas que frequentavam “parou” mais de “vim”. Foi aparecendo mais outros tipos de pessoas, de meninas mais ligadas ao programa mesmo sabe? Essas aí eram meninas de programa, mas assim, elas faziam escondido, eram conhecidas [pausa] essas outras já eram meninas de programa já ha muito tempo nessa vida e começaram a vim pra cá. Se tornaram assim como “tá” hoje, meninas “tudo de maiores” e já com idade e elas sabem o que estão fazendo. (entrevista realizada em janeiro de 2018).

O lugar antes frequentado por um público mais seletivo, agora cedia espaço para outros personagens com poder aquisitivo menor, mas com os mesmos interesses, sexo por dinheiro. São mulheres que saem na noite em busca de um trocado para se alimentar, alimentar seus filhos e seus vícios. Mulheres vivendo em condição social precária. Hoje o bar do senhor

Agenor é o espaço dessas mulheres, é o ambiente de trabalho que as aceitou, de certo modo, pelo qual não se exige muitos pré-requisitos.

São jovens, segundo o senhor Agenor de 18, 19, 20 anos, mulheres que entram “nessa vida” cada vez mais cedo, se envolvem com as drogas e depois não conseguem mais sair. Mulheres que precisam levar dinheiro para casa, para sustentar os filhos e até mesmo o marido, mulheres casadas que frequentam o ambiente, se prostituem e depois voltam para casa. Hoje são essas mulheres que frequentam o bar do senhor Agenor:

Frequenta muitas meninas com muitos tipos de problemas, tem umas que tem um marido, mas o marido também é sacana também. Ai também ela faz o mesmo que ele faz, ele vai pra um lado e ela pra outro. Agora o que eu observo aqui, a maioria das meninas aqui são ligadas a questão da droga. São meninas de idade já, 18 19, 20 e poucos anos, porque é muito difícil você não encontra mais. Antigamente você ia num ambiente desse e tinha só mulheres de 25, 30, mas hoje não, as meninas chegam a uma certa idade e procuram o rumo delas, se metem na droga, se emprenham, são expulsas de casa, tem um namorado, o namorado manda elas pra cá, ela vem chega aqui, ela fatura o dinheiro e depois vai se encontrar lá adiante com ele pra ele comprar droga. A maioria das meninas que frequentam aqui é assim. (entrevista realizada em janeiro de 2018).

De acordo com o senhor Agenor, são muitos os bares que funcionam dentro dessas características em Parintins, ambiente voltado para um público que sabe exatamente como funciona. Homens e mulheres com interesses distintos, mas que se cruzam dentro da prostituição. A pouca luz, a música ambiente e a discricção do lugar torna-se palco para os personagens dessa história, a prostituta e o cliente.

Tem sim, tem vários tinha o Deco, não existe mais, tem um outro que fica aqui na Avenida Maués, no mesmo estilo desse aqui, só abre a noite. Tem vários, porque antes o cara procurava uma mulher dessa, mas o cara não era casado, as vezes eram pessoas que viajavam muito, eles chegavam num ambiente desse que ele sabia que ia encontrar uma mulher pra eles [...] e antes eram poucos, hoje não, qualquer barzinho desse tem esquema. Qualquer bar desse você chega elas estão lá, se não tiverem o dono manda buscar o dono entra em contato com ela. Elas nem tão no ambiente, chegam, entram no carro. E a justiça não vai garantir da conta disso não. (entrevista realizada em janeiro de 2018).

Nesta fala o que chama atenção é quanto à participação de uma terceira pessoa na relação entre as profissionais do sexo e clientes, um agenciador, que na ausência de mulheres em seu estabelecimento, ele próprio entra em contato pelo celular com uma moça, para que ela possa fazer o programa solicitado pelo cliente. Outro detalhe é a certeza da impunidade, por parte dos envolvidos.

Atualmente, as zonas de prostituição não se restringem somente aos bares e boates, hoje os meios de comunicação e o acesso a internet facilita ainda mais essa prática. Uma pesquisa

rápida no google com o título prostituta em Parintins ou profissional do sexo em Parintins ou ainda acompanhante de luxo é possível encontrar nos classificados virtuais mulheres oferecendo seus serviços sexuais com fotografias que exhibe com bastante clareza, o “produto a ser comercializado”.

Com um celular em mãos é possível comprar e vender sexo, que pode ser de maneira real ou virtual. A possibilidade de manter a identidade em sigilo por parte do cliente e a não exposição em lugares de prostituição os deixam em condição confortável na hora de procurar pelos serviços de uma profissional do sexo. Meihy (2015) destaca que as transformações dos espaços de prostituição desde os tempos antigos, ganhando inicialmente os espaços privados, depois os públicos e agora a internet é resultado das tendências do capitalismo moderno.

A prostituição é um fenômeno social oriunda de diversos fatores, vem sendo praticada já há algumas décadas que se tem conhecimento na cidade de Parintins, surge junto com o processo de crescimento econômico e urbanização da cidade hoje, embora não exista dados oficiais, apresenta um crescimento significativo desta prática, onde se tem homens, mulheres, travestis, transgêneros, gays, entre outros como profissionais desta atividade.

1.2- Territórios da Prostituição em Parintins.

São diversos os atuais territórios de Prostituição na cidade de Parintins (área urbana), Silva (2016) cita a Praça dos Bois, a Praça Eduardo Ribeiro da antiga Prefeitura, a Rua Maués, Bairro São Vicente, os bares da beira-rio do Bairro da União, e da Orla da Francesa. Franciney Silva realizou uma pesquisa intitulada a “Dinâmica Da Prostituição No Espaço Urbano”, no qual ele aborda e relaciona a prostituição com as outras atividades econômicas no município, buscando mostrar que essas atividades são de certo modo dependentes umas das outras.

Nesta pesquisa procurou-se delimitar ainda mais, esses espaços de prostituição por entendermos que essa atividade se dá diretamente num micro espaço que compõe esses territórios como os bares. No decorrer deste trabalho teceremos argumentos para tal entendimento, mostrando que hoje no município de Parintins, os bares são os territórios de prostituição de maior visibilidade, pois a prostituição de rua (pessoas que ficam nas ruas a espera de um cliente) é menos expressiva.

No município de Parintins há muitos bares em atividade por toda a cidade, para todos os gostos e nível social. Alguns são requintados com uma clientela mais seleta em razão do

preço dos produtos que são ofertados, outros são mais acessíveis a qualquer público. Como na cidade não há cinema, shopping, teatros, os bares acabam sendo um dos poucos lugares de entretenimento para a população.

Os bares são espaços de sociabilidades, ponto de encontro entre amigos, lugar de profunda relação com os sujeitos que o frequentam, na mesa de um bar se fala de amores, desilusões, derrotas e vitórias, discute-se política, religião, futebol, são espaços de lazer onde se tem a possibilidade de fazer tudo que for permitido naquele ambiente. Os bares são espaços de relações fraternas entre sujeitos, onde são bem vindos indivíduos de todas as classes sociais.

As diferentes formas de prazer, como o encontro entre amigos, os jogos de sedução, a degustação de comidas e bebidas e uma atmosfera de diversão e descontração terminaram por evidenciar bares e casas noturnas como lugares agradáveis, propícios para serem frequentados nos momentos liberados do trabalho, tornando-os também espaços de lazer. (GIMENES. M. 2004, p 79).

Entre as diversas atividades praticadas nos bares de Parintins, dar-se ênfase para a prostituição. Não se trata de uma generalização, tão pouco um reducionismo, sabe-se que é uma prática que vem crescendo e atingindo outros ambientes que vai do público ao privado, do real ao virtual, onde há homens e mulheres, travestis, gays, sujeitos de diversos gêneros e classes sociais atuando nesse comércio.

O fenômeno da prostituição é muito complexo, não chega nem a ser possível um mapeamento dos lugares, bares, entre outros ambientes onde ocorre, pois é uma prática carregada de preconceitos, medos, vergonha, o que dificulta um trabalho detalhado. No entanto, as pesquisas apontam que atualmente são os bares os territórios de prostituição com maior visibilidade, são nos bares que as profissionais do sexo e clientes se concentram, estabelecendo relações, vivenciando experiências.

São nos bares que clientes e profissionais do sexo encontram o ambiente propício para a prática desta atividade, que é demarcada simbolicamente, instituindo-se limites de territorialidades. Sack (2011) define territorialidade sobre três aspectos importantes, o primeiro que deve envolver uma classificação por área, segundo deve conter uma forma de comunicação e terceiro que envolva uma tentativa de impor controle sobre o acesso a área.

Essas definições são claramente percebidas nos bares por onde percorremos. Inicialmente houve uma classificação por terceiros, (frequentadores, donos de bar. clientes), uma classificação que estabelece limites, por exemplo, as profissionais do sexo sabem quais os espaços e o que elas podem fazer naquele ambiente. A comunicação é observada nos

momentos preliminares, cada gesto, cada expressão, são códigos simbólicos de comunicação, são atos performativos, que não são passíveis de descrição, mas que estão presentes nessa relação de poder. (PASINI, 2000).

Em alguns lugares por onde percorremos nota-se que há constantes conflitos entre mulheres profissionais do sexo em não permitir o acesso a profissionais desconhecidas, isso parece exemplificar bem a terceira definição que se refere ao controle sobre o espaço. De acordo com Silva (2002) os espaços físicos são apropriados pelos sujeitos que passam a ter sentimentos de pertencimento, dando sentido a eles a as suas experiências.

Segundo Mattos; Ribeiro (1996, p.62) a prática da prostituição é, na realidade, uma relação de poder, porque as pessoas que ganham a vida prostituindo-se estabelecem um território onde se desenvolve esta atividade.

Enfim, conceitua-se os Territórios da Prostituição como a apropriação, durante um certo período de tempo, de uma rua ou um conjunto de logradouros por um determinado grupo de prostitutas, michês e travestis, que através de uma rede de relações, da adoção de códigos de fala, expressões, gestos e passos, garantem e legitimam essas áreas como territórios para a prática de tal atividade. (MATTOS; RIBEIRO, 1996, p. 63).

Para que sejam estabelecidos os limites da territorialidade é necessário que haja vontade em manter esses espaços por parte dos sujeitos envolvidos (profissionais do sexo, clientes, outros), criando uma identidade e ao mesmo tempo estabelecendo uma relação social entre os que vivenciam o ambiente, pois a territorialidade reflete “a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral” (RAFFESTIN, 1993, p. 158).

A prática da prostituição na grande maioria dos bares em Parintins é bastante velada, porém em outros não, a tal ponto que foi possível relacionar as três definições de Sack, mostrando como esses bares tornam-se territórios de prostituição. Identificamos alguns desses bares e optamos por frequentá-los para obter informações sobre o funcionamento e sobre as profissionais do sexo e clientes.

Usaremos as letras do alfabeto para identifica-los. “A” é o bar do senhor Agenor (nome fictício), localizado no Bairro São Vicente, “B” localizado na Praça dos Bois (lado vermelho), C e D ambos localizados na orla da cidade, mas distante um do outro. É claro que existem outros bares, existentes por todos os bairros do município, optamos por esses, por terem sido citados e pela facilidade de transitar por eles.

Seguindo as informações do senhor Agenor nos dias 08/02/2018 e 16/02/2018 realizamos um trabalho de observação no bar (B) localizado na Praça dos Bois, (lado vermelho). Localizada entre a Avenida Paraíba e a Rua Alberto Mendes Centro-sul da cidade, a Praça dos Bois é uma das maiores praças da cidade e onde estão concentrados diversos bares e restaurantes, o fluxo de pessoas é intenso em razão dos serviços oferecidos a comunidade.

Ficamos neste ambiente cerca de 5h. No período de 22h às 3h da manhã, observando, consumindo e conversando com alguns conhecidos. Notamos alguns olhares desconfiados, até que uma moça conhecida de uma das pessoas que nos acompanhava olhou e perguntou o que ela estava fazendo naquele lugar. Nossa amiga então ciente do tema da pesquisa respondeu que estava fazendo o mesmo que ela e a conversa deu-se por encerrada e cada uma foi para suas respectivas mesas.

Em outro momento nossa acompanhante foi mais uma vez abordada pela moça, ela a chamou para que fosse apresentada a um homem, com receio da situação ela respondeu que estava esperando um amigo. A moça então insistiu dizendo que ele era uma pessoa com dinheiro e que iria pagar tudo que ela quisesse naquela noite, mais uma vez intencionalmente ela foi ao encontro daquele homem, os dois foram apresentados e ele pediu que ela sentasse a mesa, perguntou-lhe se poderiam ir para outro lugar, nossa acompanhante negou e agradeceu o convite despedindo-se daquele homem, retornando em seguida para a nossa mesa.

Observamos que a mulher, talvez uma agenciadora não obtendo sucesso com nossa acompanhante, foi em busca de outras mulheres que estavam naquele ambiente, (todas conhecidas dela). Uma a uma sentavam-se a mesa daquele senhor que optou por um lugar do bar mais discreto, com pouca luz e próximo ao banheiro feminino, por onde todas as mulheres passavam e aquelas que chamavam sua atenção sem muita discrição ele convidava a sentarem em sua mesa.

A presença de jovens entre 18 a 25 anos é constante. Observamos que elas chegavam em grupos de 3, 4 ou mais, cercavam os clientes que estavam no bar, sentavam-se em suas coxas, recebiam um carinho no cabelo, tomavam um pouco de cerveja e assim ficavam a noite toda, de mesa em mesa, continuando a beber, algumas subiam no carona de uma motocicleta outras entravam em carros com vidros escuros que mal estacionavam. É assim que funciona a dinâmica neste espaço, cada uma usa seu poder de sedução para atrair os clientes.

As mais novas, chegam e parecem ser mais ativas na busca por um programa, são também as mais procuradas, seus corpos definidos, aparentemente bem cuidados, cabelos bem tratados dominam o espaço. Essas mulheres são mais vistas no bar (B) de terça a quinta, ou

quando são solicitadas a irem até o bar por uma terceira pessoa que pode ser uma amiga, o dono do estabelecimento ou o próprio cliente. Elas começam a chegar por volta das 23h:00 horas, chegam vestidas de shortinho curto e blusa deixando a barriga à mostra.

Não detalharemos a vestimenta dessas moças para não criarmos situações que possam gerar algum desconforto maior, já que não seria muito difícil ao leitor identificá-las, o que não é nossa intenção. Nosso propósito aqui neste item é unicamente descrever como a prostituição ocorre nos bares de Parintins e como as profissionais do sexo e os clientes estabelecem seus contatos e suas negociações.

Neste bar a pouca iluminação deixa o ambiente ainda mais agradável e discreto para que se realizem os primeiros contatos, ou seja, a negociação entre clientes e profissionais do sexo ocorre neste momento. É no bar que se percebe a dinâmica da procura e da oferta, é onde os atores desse processo estabelecem os acordos, para a partir dali efetivarem a compra e venda de um serviço: sexo, diversão, prazer, companhia ou aquilo que for solicitado pelo cliente.

Os bares na sua maioria abrem no início da noite, alguns poucos funcionam o dia todo, passando pela noite, como é o caso do bar (C) e (D) ambos localizados na orla da cidade. O bar (C) aos finais de semana é muito movimentado, o som ao vivo e o gênero musical tocado, na maioria a música brega, atraem um público considerável, a iluminação neste bar é pouca que fica quase impossível reconhecer alguém. Estivemos neste estabelecimento e no bar (D) no dia 18 de março de 2018. Ficamos pouco tempo, em torno de 2 horas, tempo suficiente para algumas observações.

Neste bar o público é diferenciado, tanto homens como mulheres são mais velhos, a idade varia para os homens entre 40, 50 em diante e mulheres entre 30, 35 ou mais. Todos os finais de semana, de sexta a domingo, tem som ao vivo que começa às 12h e vai até pela madrugada. Homens e mulheres interagem na dança, é nesse momento que as profissionais do sexo agem, na mesma proporção que os clientes. A dança é parte preliminar para os futuros acordos.

No bar (D) o fluxo de pessoas é bem menor, a pouca iluminação também é característica deste ambiente. A presença de profissionais neste estabelecimento é mais tímida, na maioria das vezes, elas chegam já com os acordos estabelecidos com seus clientes e já vão para as mesas. Esse contato é feito pelo celular, ou seja, existe um vínculo entre profissionais do sexo e clientes. Neste ambiente o que predomina são os encontros predeterminados.

Os homens que frequentam este bar são de 40 anos ou mais. Normalmente chegam no início da noite, são na maioria casados. Segundo relatos desses clientes, não existe um valor fixo para o programa, há casos que as mulheres trocam sexo por um tratamento capilar,

recarga de celular, aluguel de moto e drogas. Ainda de acordo com eles são mulheres jovens, de 18 anos ou mais.

O mercado sexual nos bares de Parintins não discrimina cor, nem tipo físico. Observamos mulheres de várias idades, muitas delas são jovens, bonitas e com um tipo físico atraente. Outras com mais idade, aparentemente cansadas, não só pela idade, mas pelo tempo que estão neste mercado, ou pelo uso em excesso do álcool e de drogas apresentam corpos visivelmente envelhecidos, mutilados, rostos cansados, olhares que nos dizem mais do que a própria fala.

As profissionais do sexo vestem-se como qualquer outra mulher que esteja no bar, calça comprida e blusa, shorts e camisetas, sem luxo ou extravagâncias, sem maquiagem pesada, muito diferente do que a televisão mostra ou o que está em nosso imaginário. Vale ressaltar que nem todas as mulheres que frequentam esses espaços são prostitutas, mas a grande maioria sim e elas conhecem umas as outras e determinam poder sobre estes espaços, pois elas fizeram deles seus territórios.

Observamos que algumas profissionais do sexo mantem uma relação de respeito, amizade e afetividade entre elas e pelo dono do estabelecimento. Eles permitem que elas atuem em seus bares desde que seja mantida uma ordem que nem sempre é possível. Portanto eles sabem da existência da prática da prostituição, embora a maioria prefira negar, ainda que seja explícita. Em entrevista o senhor Agenor dono do bar (A) nos falou que sabe muito a respeito das mulheres que frequentam seu estabelecimento, nos disse que conversa com elas, e que elas contam sobre suas vidas.

A prostituição nos bares de Parintins é uma realidade e de certo modo concordamos que é uma atividade que movimentam outros setores, (taxistas, mototaxistas, redes de motéis, hotéis, pousadas, bares, etc.). Segundo Silva (2016, p 22) “ela mostra-se uma atividade econômica que pode interagir com outras atividades econômicas. Nesse contexto por ser uma prática sócio espacial ela pode se fazer presente em qualquer lugar de dentro do espaço urbano”.

Desse modo, os bares são considerados territórios de prostituição por entendermos que há uma apropriação simbólica por parte dos sujeitos que praticam esta atividade. Essa apropriação não é permanente, mas por um determinado período de tempo. Essa apropriação é o que possibilita manter uma rede de relações, comunicações, comportamentos que legitimam esses espaços como territórios de prostituição.

1.3 Prostituição, Exploração Sexual e Turismo Sexual no Município de Parintins.

O festival folclórico de Parintins é o principal evento do município, aquece a economia local e oportuniza geração de emprego e renda. Por outro lado, há uma série de questões relacionadas a este evento, que merecem destaque, entre elas o aumento da prostituição. Para início de discussão, não queremos aqui apontar o Festival Folclórico como a causa da prostituição no município, mas como um dos indicadores que colaboram para o aumento dessa atividade, bem como atividades que de alguma maneira estão associadas à prostituição como a exploração infanto-juvenil, de mulheres e o turismo sexual, práticas consideradas crimes pelas leis brasileiras.

O Festival Folclórico é uma grande vitrine para Parintins, expõe Parintins. O festival é responsável sim por coisas positivas na nossa cidade. Mas por hora vamos colocar na balança, a gente abre as portas da nossa cidade pra várias e várias pessoas boas que vem pra cá com boas intenções de conhecer, de participar de brincar, de fazer parte dessa festa. Mas existem muitas pessoas que vem para Parintins com intenções que não são das melhores. Infelizmente essas pessoas trazem situações deixam situações para a cidade. (Assistente Social. Entrevista realizada em março de 2018).

O Festival Folclórico impulsionou o desenvolvimento da cidade e o turismo passou a ser um setor bastante lucrativo para o município. A década de 90 representa o ápice do desenvolvimento, Braga (2002) argumenta que os bumbás contribuíram para as melhorias da cidade, pois atraíram as atenções tanto do poder público como de patrocinadores da esfera privada, despontando como uma cidade turística lucrativa e promissora.

Paralelamente ao crescimento econômico do município, Valentin (2005, p. 54) chama atenção para as problemáticas que vem na bagagem do desenvolvimento como a favelização, prostituição juvenil e o consumo de drogas. Guedes (2002, p. 54) também levanta essa questão quando cita o uso de drogas e a prostituição, sendo que esta última “tem oportunizado o surgimento de agenciadores de menores, conforme os dotes para o turismo sexual na ilha”.

A cidade fica tomada pelos turistas que desfilam pelas ruas de biquíni, sungas, hábito, que se tornou comum, mas que ainda incomoda a população parintinense que tem raízes profundas no cristianismo. De acordo com França (2014) o Festival de Parintins ajudou na minimização de problemas de infraestrutura, mas contribuiu para a amplificação de problemas como a exploração sexual e do turismo sexual.

O Festival permite que Parintins viva, durante três dias, um processo de permissividade sexual que não é característico da cidade. Há uma erotização da ilha

permeada pela promoção do corpo. Tais coisas chegam à localidade por meio dos turistas e estes “novos” valores acabam sendo incorporados pelos mais jovens. Após o término do Festival, muitos casos de gravidezes indesejadas são contabilizados, assim como o número de abortos. Há quem vá para Parintins não pela festa, mas para conseguir ter relações sexuais com as jovens parintinenses. (FRANÇA, 2014, p. 122).

Quem conhece o Festival Folclórico de Parintins, sabe que a cidade sai do seu estado normal. A cidade não dorme, há festas em todos os cantos da ilha durante 24 horas, sejam elas dentro das embarcações, nos bares, nas praças e no meio da rua, em hotéis e pousadas ou em chácaras. Festas regadas a muita bebida e drogas, homens e mulheres seminus e de acordo com nossas observações são turistas a grande massa dessas festas.

Durante três dias vive-se também um “festival de prostituição” na cidade, abafada pela grandiosidade do espetáculo na arena dos bumbás. As profissionais do sexo da cidade dividem seus espaços com as profissionais de outras cidades e não há conflitos, pois a procura é muito maior em relação aos meses que antecedem e posterior ao festival. Cabe ressaltar que essas informações partem do que é possível observar e o que nos é relatado. No entanto, o universo da prostituição no período do Festival Folclórico vai muito além, por envolver pessoas de grande influência na sociedade.

O comércio sexual em Parintins durante o Festival Folclórico é muito complexo, só um trabalho minucioso e ao mesmo tempo ousado poderia nos oportunizar conhecer a dimensão desta prática. É importante destacar que associados à prática da prostituição estão a exploração sexual de mulheres, menores e do turismo sexual as quais serão registradas, mesmo que de maneira superficial.

Diante do atual cenário da prostituição em Parintins torna-se impossível falar de prostituição na cidade, no período do Festival ou não, sem citar o envolvimento de menores e a questão do turismo sexual. São práticas que estão diretamente ligadas. Diante disso, todos os anos, anteriormente ao período do festival e durante o evento são realizadas campanhas de combate à exploração sexual de crianças e adolescentes. Os órgãos municipais Conselho Tutelar, Polícia Civil e Militar, SEMASTH, CRAS, CREAS, entre outros realizam verdadeiros mutirões de combate a essas práticas.

Em visita a SEMASTH e ao CREAS fomos informados que a incidência de exploração sexual contra crianças e adolescentes são alarmantes, são números preocupantes que tem forçado esses órgãos a criarem estratégias durante o Festival de combate a esses abusos. Esses órgãos atuam diretamente no trabalho de fiscalizações nos currais e galpões das agremiações folclóricas, nas orlas da cidade, nos bares e nos locais onde são citados por meio de

denúncias. O Assietente Social que atua em um dos órgãos de proteção a pessoas em situação de vulnerabilidade afirma que:

Existem campanhas de combate a exploração sexual de mulheres, crianças e adolescentes. Começou como Rede Educativa, depois Rede de Proteção. O objetivo maior é o de combater, enfrentar todo tipo de violência no município. Esse ano pelos índices que tivemos em relação à violência contra a mulher a gente ampliou essa rede. (entrevista realizada em março de 2018).

Apesar do esforço desses órgãos, sabemos que o mercado sexual é uma rede muito bem organizada, o assistente social ainda ressalta que as dificuldades enfrentadas pelos órgãos de proteção por se tratar de várias redes de exploração sexual e abusos são muito bem articuladas e que contam com o silêncio involuntário das vítimas por inúmeras questões que envolvem muitas vezes a participação de familiares, o aliciamento por terceiros, o medo e a vergonha.

Eu creio que temos uma rede de exploração, mas hoje é uma rede muito mais articulada, uma rede que atua mesmo de uma forma muito mais sigilosa, de uma forma muito mais oculta até, mais preocupada mesmo, porque cada vez mais as pessoas tem ganhado acesso a informação, as pessoas já passam a conseguir identificar e se manifestar, porém ainda é muito difícil a pessoa querer se envolver, muitas vezes a pessoa naturaliza. Com certeza temos uma rede de exploração e infelizmente tem sido muito difícil para que a gente possa identificar. (Assistente Social. Entrevista realizada em março de 2018).

O texto intitulado “Parintins a Prostituta” de Gabriel Farias, acadêmico de Jornalismo da UFAM, publicado no Blog Sátira, ilustra bem a prostituição e a exploração sexual infanto-juvenil e de mulheres no município de Parintins na época do festival dos bumbás. O texto aponta para o duplo sentido no qual ele faz uma comparação da cidade com as meninas e mulheres naturais de Parintins que são abusadas, exploradas, vítimas desse mercado sexual, tecendo uma crítica a este evento que, para ele trazido mais prejuízos do que benefícios para a cidade.

Um vestido ou roupa mais justa para lhe garantir atenção de velhos babões dinheirudos, que já chegam com apenas uma intenção, curtir a novinha das belas curvas, disponível na vitrine do maior Festival Folclórico do Planeta. O verdadeiro mercado de prostituição da cidade, um período onde pensar que esses indivíduos só vem assistir e sentir o dois pra lá pra cá é muito vago, pois não se vive só isso. (<http://www.sátira.com/2017/05/parintins-prostituta.html>).

Ao ler o texto de Gabriel Farias, buscamos entrar em contato com o mesmo e conseguimos conversar por horas com ele para sabermos mais sobre o texto, nossa intenção era saber o que motivou e fundamentado em que ele o escreveu, que na época recebeu duras

críticas por associar a prostituição e exploração sexual a imagem do festival. O estudante nos disse que enquanto acadêmico estagiou em alguns lugares em Parintins, principalmente com jornalistas locais, sendo esta temática um dos assuntos mais pesquisados e comentados por eles.

A prostituição no Festival Folclórico também era uma questão amplamente discutida na academia no curso de jornalismo o que chamou a atenção dele enquanto acadêmico, resultando num texto crítico sobre o outro lado do festival, o lado que ninguém quer encher, e ninguém quer falar, mas que revela por detrás de um grandioso espetáculo cultural, um triste cenário envolvendo seres humanos tratados como mercadoria.

Todo ano tem sempre mais, porém não se tem certeza se vai piorar, sua parte ela faz, se produz para os senhores burgueses aposentados e até beberrões. Usam e abusam da sua sensibilidade e vontade de agradar. A bestinha e usurpada, pintada de vermelho e azul, com colar e brinco de penas coloridas, balançando no ritmo quente do boi-bumbá, no compasso 4 por 4, e por fim vendida nos leilões antes e depois da festa. Ela nem suspira mais a esperança desse mercado acabar, pois tudo corre muito rápido e a sufoca a ponto de asfixiar sua dignidade, a sua figura representativa é de marmitta pronta para o consumo. (<http://www.sátira.com/2017/05/parintins-prostituta.html>).

Essa é a visão de alguns cidadãos e pesquisadores locais, acreditam que este evento tem contribuído cada vez menos para o desenvolvimento da cidade. Se antes o festival foi o instrumento pelo qual os setores públicos e privados passaram a investir, hoje este mesmo evento só tem enriquecido o bolso de poucos e que é uma ilusão acreditar que a cidade seja dependente da festa. Não iremos entrar nessa discussão, mas concordamos que há muito tempo não temos tido ganhos financeiros significativos no que se refere a crescimento econômico do município.

Ao contrário disso, de maneira muito negativa observamos que as problemáticas relacionados à festa são preocupantes: exploração sexual de crianças e adolescentes, turismo sexual, drogas dos mais variados tipos, proliferação de doenças sexualmente transmissíveis, aumento da natalidade no mês de março, gravidez na adolescência, problemas ambientais são alguns pontos que a cada ano tem se tornado mais evidente.

A Organização Mundial do Turismo (OMT) define o turismo sexual como viagens no interior dos setores turísticos ou fora dele, utilizando no entanto as suas estruturas e redes, com a intenção de estabelecer contato sexual com os sujeitos do destino. Levando em consideração esse conceito, conhecendo a dinâmica do evento e conversando com pessoas que

de alguma forma estão envolvidos neste processo como taxistas, mototaxistas, donos de bares entre outros, acreditamos que o turismo sexual existe em Parintins, mas ainda muito velado.

Sabemos que isso acaba acontecendo, o povo não denuncia, nós mesmos pelo quantitativo profissional que nós temos, pela falta de participação das outras instituições. A própria falta de participação da comunidade, não existe registros, uma denúncia em relação a isso, não consegue-se chegar, mas a gente sabe, é muito fácil uma pessoa chegar e pegar uma corrida num mototaxi e perguntar se ele conhece alguma mulher, que [...] enfim o “caboco” acaba fazendo essa mediação. Então fora os próprios índices que aparecem na época do festival, as próprias situações que aparecem na época do festival de casos que a gente vai certificar em locus, o “caboco” ali com a menina de 13, 14 anos e esses índices mostram que realmente o festival acaba sendo momentos mais propícios para que isto aconteça. (Assistente Social. Entrevista realizada em março de 2018).

É muito difícil obter dados específicos sobre essa questão, primeiro que os setores ligados ao evento não querem associar a imagem do Festival Folclórico a exploração sexual, ao turismo sexual e a prostituição. Por outro lado às denúncias que chegam a delegacia não são registradas de maneira específica, não há esse cuidado por parte de quem faz esses registros. Dai a necessidade de trabalhar para a qualificação desses registros e transforma-los em dados específicos.

O Festival de Parintins é considerado uma das maiores manifestações culturais a céu aberto do país, seu valor econômico, social e cultural é inquestionável. É um evento que a cada ano, vem conquistando mais simpatizantes e ampliando suas redes de relações com pessoas de poder aquisitivo elevado dispostos a conhecer e investir na festa. Contudo não podemos fechar os olhos para as problemáticas que estão diretamente relacionadas a este evento, como os casos de exploração sexual e o turismo sexual.

1.4- A Orla da Francesa.

A Orla da Francesa, localizada a leste do centro da cidade, no bairro de mesmo nome, tem papel de destaque como um espaço de múltiplas atividades que movimentam o comércio e as relações sociais entre os moradores e aqueles que diariamente frequentam o lugar para comprar e vender seus produtos, ou ainda para divertir-se nos bares no entorno da escadaria.



Figura 1. Bares na Orla da Francesa – Parintins/Am- Foto: Cristiana Butel/pesquisa de campo. Julho de 2018.

Assim como nas demais regiões da Amazônia, obedece a dinâmica natural dos rios e lagos. No período da enchente o fluxo de pessoas é maior por conta das atividades dos pescadores e agricultores que vem da zona rural e também por ser o abrigo das embarcações. Já no período da vazante, o fluxo de pessoas parece diminuir, porém o comércio os serviços de bares, transporte (mototaxista e tricicleiros) e de alimentos, funcionam normalmente.

Destaca-se que essas transformações apenas se aprimoram neste período, isso não induz a dizer que durante a época da seca, essas relações sociais sejam mínimas ou quase nulas. Conforme comerciantes da área em questão consideram que o maior fluxo de pessoas se dar no período de enchente naquela área, justamente pelo maior fluxo de pessoas e veículos, estes fluviais e terrestres que causam maior aglomeração. (SILVA, 2016, p. 9).

De acordo com Luz (2006) a denominação do nome se deu em razão de uma família de franceses, os primeiros a ocupar esse local. Conta-se que entre os membros dessa família havia uma jovem que encantavam a todos por tamanha beleza, aos finais da tarde os rapazes da época costumavam ir até às margens da lagoa cortejá-la, utilizando uma expressão “vamos ver a francesa”, mais tarde deu origem a expressão “vamos à francesa”, o que teria dado origem ao nome da lagoa e do bairro.

O lugar onde moravam os franceses, na verdade, também funcionava um lupanar, onde os homens frequentavam para beber e se encontrar com as damas da noite que ali frequentavam. Tratava-se de um lugar, para a época, pouco recomendado, no

entanto, era bastante visitado por aqueles que buscavam o prazer nas bebidas e nas mulheres. (MOURÃO, 2012, p. 24)

A Orla da Francesa é um lugar de memória para os moradores do município de Parintins e principalmente para os que moram nos arredores da área que contam com muito saudosismo, histórias de quando era possível banhar-se nas águas da lagoa, de pescar um peixe saudável, crianças, jovens adultos brincavam neste espaço, e era onde as senhoras lavadeiras podiam cuidar de suas roupas enquanto seus filhos brincavam.

A francesa era na minha meninice água absolutamente limpa, você podia beber água inclusive. Era um ponto de lavadeiras, minha avó materna lavava roupa em cima daqueles cedros e secava naquelas árvores ali, tinha muito sol (...) Vocês sabem até aonde a água da Francesa vinha? Quase até a Rua Furtado Belém, ali onde está o Nelsinho Góes, aquilo alagava tudo. (Benedito Azedo, 2012 In BUTEL, 2012, p. 335).

É um espaço de memória por despertar diversas lembranças de determinadas épocas do município de Parintins, em particular do período em que era um dos principais pontos de lazer e entretenimento. Mourão (2012) relata em seu livro *Histórias, estórias e contos* como este espaço foi utilizado pela sociedade parintinense como espaço de lazer.

Na época da enchente a ligação entre a Avenida Amazonas e Rua João meireles era feita através de uma ponte improvisada construída por estacas de madeira fincadas com travessas [...] e duas colocadas sobre elas, por onde as pessoas passavam como verdadeiros equilibristas rumo as mercearias e aos botecos que vendiam desde o peixe até a gengibirra (bebida feita com álcool e suco de gengibre). (MOURÃO, 2012, p. 27).

Os lugares de memória segundo Pollak (1992) são lugares que estão ligados a lembranças de experiências vividas, e por isso, existe um sentimento de pertencimento entre os atores sociais e o lugar social. Os moradores mais antigos das proximidades da Orla da Francesa vivenciaram nesta área as diversas transformações advindas do processo de desenvolvimento da cidade.

Na lagoa da francesa ainda presenciei muitas pessoas garantirem seu próprio sustento, com peixes daquele lugar, pescavam desde jaraqui até pescada com “linha comprida” bem em frente onde hoje é Serraria dos Italianos. As margem existiam apenas duas casas simples – no lado norte da lagoa a casa da Dona Maria Machado e do lado sul a casa do seu Totó. (MOURÃO, 2012, p. 27).

De acordo com Souza (2013) depois do Centro da cidade, o Bairro da Francesa ainda na década de 60 passou a ser ocupado lentamente, foi apenas a partir da década de 70 em razão das transformações políticas, econômicas e sociais que ocorriam no cenário nacional é que a cidade passou a atrair centenas de moradores das zonas ruais, gerando um surto populacional e conseqüentemente a ocupação de outras áreas.

No período que compreende a segunda metade da década de 1970 o Brasil vive uma crise inflacionária decorrente da crise internacional do petróleo e do Milagre Brasileiro, o que se reflete também em Parintins, quando ocorre o enfraquecimento da produção da juta e malva, motivado pela concorrência no mercado internacional. Ocorre o fortalecimento do mercado bovino e bubalino, e os grandes capitalistas locais começaram a adquirir as áreas de várzea para a criação de gado. (SOUZA, 2013, p. 58).

Aos poucos a cidade era ocupada. De acordo com Souza (2003) as residências não eram muradas, nem as ruas eram asfaltadas e a vida era muito tranquila. A cidade começava a se expandir e as demais terras passavam a ser ocupadas por pessoas oriundas de outros estados e dos municípios mais próximos. O Bairro da Francesa, juntamente com o centro da cidade e o Bairro São Benedito foram os primeiros a serem ocupados e organizados.

Em razão da política de desenvolvimento urbano da cidade foram implementados no Bairro da Francesa, os projetos de infraestrutura e a construção do aterro em 1979 que ligaria uma rua a outra, dinamizando ainda mais o comércio nesta localidade. Os projetos de infraestrutura trouxeram muitos benefícios, mas também mudanças irreversíveis no que se refere a questão ambiental. Após a obra do aterro e a construção da escadaria, moradores de outros bairros se estabeleceram, construindo barracas, popularmente chamadas de baiucas² pelos moradores.

Antes do aterro, já existia algumas tabernas que vendiam cachaça, tinha o bar aliança, não me recordo mais o nome do dono, só sei que era do pessoal dos Gadelha, tinha o bar do seu Marialva que era onde é a Casa Góes, tinha o seu Mocinho, entre a Casa Góes e a Lider, a Casa Chama que vendia tinta, e o bar do seu Bacaba. Eram bar, vendiam bebida, mas eram poucos, depois do aterro, aonde construíram a escadaria começou a aparecer essas baiucas, aí piorou de vez, começaram a jogar as coisas aí, resto de comida, lixo, tudo, tudo jogavam, tá aí agora, olha como é podre., cheio de lixo, olha como é embaixo das baiucas, é lixo deles. Essa área aí deles sempre foi uma putaria, assim como tá hoje. (moradora do bairro).³

² Denominação usada pelos moradores para se referir aos bares da Orla da Francesa. No dicionário o termo baiuca significa lugar onde se vende ou servem bebidas alcoólicas, taberna ou ainda, local sujo e mal frequentado; bordel, prostíbulo.

³ Entrevista cedida pelo acadêmico do curso de História Geovane Silva dos Santos que trabalhou as manifestações culturais do Bairro da Francesa.

De início esses comerciantes trabalhavam com alimentação que serviam aos donos das embarcações, passageiros e a comunidade local, depois passaram a agregar bebidas alcoólicas em seus estabelecimentos, atraindo homens e mulheres em busca de diversão, assim como atraindo os olhares desconfiados dos moradores, gerando conflitos. Para Simmel (1983) os conflitos são resultados das relações sociais é uma das mais vívidas relações, portanto, não pode ser exercido por um indivíduo apenas.

Desse modo, as relações sociais dos indivíduos que usam o espaço da Orla da Francesa, é permeada com ações conflitantes, ou como diria Weber (2009) uma luta constante, seja nos campo simbólico ou por meio de atitudes que leve o indivíduo considerado “desviante” a conter suas ações consideradas inadequadas.

Quando os moradores reclamam do som em alto volume, ou quando se escandalizam e se incomodam com a presença de prostitutas em plena atividade durante o dia a ponto de reagir, seja por meio de denúncias ou com gritos de reprovação para que elas ouçam, evidencia o que Weber aponta como uma relação de luta constante. Para Weber (2009, p. 23), “uma relação social denomina-se luta, quando as ações se orientam pelo propósito de impor a própria vontade contra a resistência”.

A presença de mulheres nas proximidades dos bares era cada vez mais frequente, segundo informação do senhor Manoel, 50 anos (nome fictício) dono de um dos estabelecimentos, é a “quinta geração⁴” de prostitutas que frequentam a Orla da Francesa. O senhor Manoel não é o dono do bar, é alugado, mas nos relatou que cresceu nessa área e seu pai era um grande frequentador do local. Disse-nos ainda, que essa área da cidade, sempre existiram mulheres “da vida”⁵ e quando os bares se estabeleceram, elas passaram a frequentar constantemente.

O fluxo de pessoas aumentou significativamente e a presença masculina nesses espaços também. Homens vinham de outras regiões e se hospedavam nas próprias embarcações ou em estâncias⁶ próximas a Orla. As prostitutas que frequentavam eram na sua maioria mulheres que vinham de outras cidades, já por volta da década de 90 era possível encontrar uma ou outra que fosse moradora do bairro. Maria, 50 anos, (nome fictício) moradora das proximidades dos bares situados na Orla da Francesa, relata que até hoje não entende o que levou suas duas amigas e vizinhas a se prostituírem.

⁴ Para o senhor Manoel seria a quinta geração. Cada geração para ele seria 10 anos.

⁵ Termo usado pelo senhor Manoel para denominar prostitutas.

⁶ Moradias.

Não entendo, porque nós da minha família éramos muito mais pobres do que eles, na verdade a gente era a família mais pobre dessa rua aqui e no entanto nenhuma de minhas irmãs foi por esse caminho, muito pelo contrário, nós estudamos, nossos pais sempre cobraram os estudos da gente. Era muito triste olhar para elas. Uma já até faleceu, a outra ainda tá viva, mas coitada, tão envelhecida, doente, tão sofrida, tão acabada. (Entrevista realizada na pesquisa de campo; junho de 2018).

Até a década de 90, a vida noturna na Orla da Francesa era intensa, o som, as rizadas, eram possíveis serem ouvidas pelos moradores do outro lado da orla, eu mesma, enquanto moradora lembro-me muito bem das diversas vezes em que nós éramos acordados por conta do barulho que vinha dos bares, lembro-me dos vizinhos saindo de suas casas, somente uma família tinha telefone residencial fixo, então a dona da casa ligava para a polícia quase todas as noites, na esperança de que os proprietários diminuíssem o som ou mesmo desligassem.

O antigo bairro de pessoas conhecidas umas das outras, a tranquilidade tão lembrada pelos moradores já não era mais a mesma, restou somente as memórias desses, que ainda vivem para contar suas experiências de um período que eles julgavam ter sido melhor, lamentam as mudanças ocorridas no que se refere as questões ambientais e socioculturais, pelas quais são associadas aos novos grupos que passaram a frequentar o bairro.

As relações sociais de 20, 30 anos também mudaram, agora eles disputavam o espaço com sujeitos de diversos lugares, entre eles, sujeitos que buscam diversão e entretenimento nos bares da Orla da Francesa. De acordo com Elias (2000) é nas atividades de lazer, no cotidiano, nas relações sociais, que as mais variadas formas de poder entre os sujeitos são intensificadas.

foram inúmeras vezes que tive que ligar para a Polícia para irem lá do outro lado pedir para baixarem o som, a gente não aguentava, quando dava às 19h o som começava, às 22h quando era o horário que nós já estávamos deitados eles aumentavam o volume do som, aí os vizinhos vinham aqui, tua mãe por exemplo vinha muito aqui pedir pra eu ligar pra polícia, ninguém conseguia dormir com tanto barulho, gargalhadas de mulheres, garrafas quebrando, tinha muita briga, era horrível. Agora tá mais calmo, mas porque agora fazem outras coisas aí. (Amélia. Entrevista realizada na pesquisa de campo; junho de 2018).

Os moradores não aceitavam as mudanças que ocorriam e não aceitam até hoje, não faltam argumentos e reclamações para classificar os donos dos bares da Orla da Francesa, bem como os frequentadores como responsáveis pela situação de desordem e problemas sociais ocorridos no bairro, especificamente na área próxima. “Em regra, tais comunidades esperam que os novatos se adaptem a suas normas e crenças; esperam que eles se submetam a suas formas de controle social e demonstrem, de modo geral, a disposição de ‘se enquadrar’”. (ELIAS, 2000, p. 48).

As relações entre os indivíduos são permeadas por esses poderes, ou micro poderes, explícitos ou não, conscientes ou não (LIMA, 2010). A Orla da Francesa por ser uma área bastante heterogênea, um micro espaço do bairro onde estão convivendo diariamente diversos sujeitos pertencentes a classes sociais distintas e pelos quais usam o espaço para diversos fins, o poder é exercido por diversos sujeitos.

O encontro entre grupos antigos e novos e a pressão que os obrigou a conviverem como membros de uma mesma comunidade não foram acontecimentos ao acaso. Tratava-se de episódios pequenos, mas característicos dos processos a longo prazo e em larga escala a que costumamos referir-nos com termos como “industrialização”, “urbanização” ou “desenvolvimento comunitário”. (ELIAS, 2000, p. 51).

Os sujeitos que frequentam a Orla da Francesa são homens e mulheres que ocupam diversas posições sociais, são mototaxistas, tricicleiros, vendedores de alimentos, de roupas, sapatos, produtos pesqueiros, de construção, supermercados, bares, moradores de rua, dependentes químicos, de álcool e prostitutas. São trabalhadores das mais variadas funções convivendo e disputando diariamente este espaço dentro dessa rede de relações que é a sociedade.

Contudo, os dependentes químicos de álcool, moradores de rua e prostitutas são os indivíduos que pela sua presença neste espaço, desagradam a comunidade, grande parte dos moradores das proximidades dos bares. Verificamos pelos anos de observação que os moradores de rua algumas vezes, despertam os sentimentos caridosos nos moradores locais, em diversos momentos presenciamos essas demonstrações por meio de gestos e atitudes.

Já os dependentes químicos na maioria os sexo masculino são para os moradores motivos de medo, e por isso ninguém ousa fazer alguma coisa ou se aproximar, limitam-se a fazer raras denúncias quando os mesmos estão fazendo uso de drogas. Em relação as prostitutas, essas tem o desprezo de uma parcela dos moradores, são insultadas, estigmatizadas, excluídas, são consideradas delinquentes e perigosas por exercerem tal atividade.

Essas mulheres estão dia e noite nos bares da Orla da francesa, usam esse espaço para prostituírem-se, usarem droga, beberem e cometerem pequenos furtos, mas também para o lazer. Margarida relata que por diversas vezes vai somente para conversar com alguns donos de bares que ela se considera amiga, ou para encontrar os amigos e beber uma cerveja, ouvir uma música. Já Girassol passa a maior parte do tempo se prostituindo bebendo e usando drogas, Jasmim só frequenta pela parte da manhã, somente quando o marido viaja é que frequenta no horário noturno.



Figura 2. Usuários de drogas fazendo uso de um cigarro de maconha: Orla da Francesa- Parintins/AM- Foto: Cristiana Butel. Julho de 2018.

Atualmente são 16 (dezesesseis) bares funcionando, são de madeira, os donos trabalham na maioria com venda de bebidas e alguns poucos com alimentação. Não existem banheiros em nenhum deles, homens e mulheres que frequentam estes estabelecimentos usam a escadaria para fazer suas necessidades fisiológicas a qualquer hora do dia ou da noite sobre o olhar reprovador dos moradores do outro lado que assistem tudo indignados.

Causa estranhamento aos moradores, o fato delas não sentirem vergonha e fazer ali mesmo debaixo dos olhos de todos suas necessidades, além de demonstrarem por meio das suas performances, movimentos eróticos considerados inapropriados por eles. Para Elias (1994) nem sempre os indivíduos se comportam da forma que esperamos ou que estamos habituados.

Atualmente, o círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura e pressão da vida social que lhes modela os hábitos são tão fortes, que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se ao padrão de comportamento exigido pela sociedade, ou ser excluído da vida num “ambiente decente”. (ELIAS, 1994, p. 146).

A ausência da vergonha aqui neste caso é interessante analisar, pois configura-se como um elemento social excludente. A sociedade levou séculos para adquirir hábitos “civilizados”, deste modo considera-se anormal aquilo que não condiz com os padrões comportamentais já historicamente estabelecidos. A cena de uma mulher abaixar a calcinha e urinar na escadaria

da Orla da Francesa sobre os olhares de todos é de escandalizar e constranger aqueles que assistem.

Da mesma maneira ocorre quando os moradores são surpreendidos com cenas “ de sexo explícito” durante a noite, entre um bar e outro, em meio à escuridão é possível, uma vez ou outra observar a dança dos corpos no seu mais íntimo movimento. Toda “movimentação”, desvela aquilo que teria sido comercializado: o sexo. Quando perguntamos aonde ocorria a prática sexual, Margarida responde:

Algumas vezes no motel, nos barcos. A noite quando a francesa ta seca ai pelo mato mesmo, aí pra trás das baiucas. As vezes as meninas vão pra casa dos caras quando eles não são casados, algumas delas que moram alugadas levam pra casa delas. eu não tenho essa coragem não. Se quiser sair comigo vai ter que me pagar e pagar um motel. (Entrevista realizada na pesquisa de campo; julho de 2018).

As moças sentam-se próximo aos balcões para ficarem o mais perto possível dos homens que frequentam os bares, o contato entre clientes e prostitutas é mais direto do que nos bares da cidade por onde percorremos pesquisando, isso ocorre por ser um espaço de prostituição já estabelecido, o que dispensa certas formalidades no que se refere a abordagem tanto por parte dos homens, como parte das mulheres.

A maioria delas todas venham cedinho e passam o dia todo, as vezes vai pela madrugada, passa dois tres dias sem tomar banho, sem ir pra casa, sem trocar de roupa, tem muita coisa ai. Eu não, por que como eu fico mais ai, eu vou rapidinho depois venho embora, as vezes fico la também pela bagunça, pelos amigos, conheço todo mundo daí e eu entro e saio em todos os cantos dai do bar deles. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo, junho de 2018).



Figura 3. Frequentadores pela manhã nos bares da Orla da Francesa – Parintins/Am-Foto: Cristiana Butel/pesquisa de campo. Julho de 2018.

Normalmente quando os homens começam a chegar, seja dia ou noite, elas já estão nos bares. Margarida diz que sempre leva dinheiro para pagar uma ou duas cervejas como estratégia somente para chegar, sentar e começar a conversar com quem estiver no bar, diz que aos poucos, senhores aposentados, conhecidos e clientes interessados em seus serviços, começam a oferecer bebida o que para ela significa um pré acordo.

Observamos que essa estratégia também é utilizada por outras prostitutas, elas inicialmente chegam, pedem uma bebida e passam a interagir com os demais fregueses, mas acontece também do próprio cliente chegar e ir direto ao ponto e estabelecer o acordo de “compra” sexual. Verificamos isso em uma das visitas que realizamos no horário diurno, quando fizemos o primeiro contato com Margarida.

Era 06 de maio, por volta das 9:30 da manhã tivemos uma longa e importante conversa com margarida, ainda em caráter informal. Margarida estava bebendo, sentamos ao lado dela e começamos a dialogar, contamos sobre este trabalho, os objetivos e também sobre as dificuldades de realiza-los pela carência de colaboradores, nossa surpresa foi ouvi-la nos dizer que para o que precisássemos ela estaria disposta a contribuir.

Margarida então sem que nós pedíssemos que falasse sobre sua vida, começa a falar sobre os rumos que sua vida tomou, nós apenas ouvíamos atentamente até o momento que ela começa a lagrimar, bastante emocionada, não a interrompemos, deixamos ela falar, depois acertamos o dia da entrevista e nos despedimos, nesse momento ela pega do seu bolso algumas moedas para pagar a cerveja que estava bebendo, em seguida um senhor de idade a chama, eles fizeram seus acertos e ela continuou ali sentada, bebendo.

A maioria dos bares da Orla da Francesa, funcionam dia e noite, o gosto musical é bem diversificado, vai do estilo musical dos anos 70 aos dias atuais, do ritmo brega à música internacional. Ao contrário do que ocorria nos anos 90 e início dos anos 2000, período em que as noites eram mais badaladas naquele ambiente, atualmente, é durante o dia a maior incidência de prostituição.

Um dos fatores que nos ajudam a entender essa nova configuração, foi o aumento da criminalidade no município, roubos, homicídios, brigas constantes naquela área, levando muitos dos donos a fecharem as portas dos seus bares durante a noite. Para Margarida, prostituta a 13 anos na Orla da Francesa, o que a fez mudar o horário de suas atividade neste

espaço, foi a insegurança, o medo, constantes brigas entre as prostitutas que frequentavam o lugar.

Girassol conta que toda área dos bares é “demarcada” pelas prostitutas, “tem os bares das putas velhas, os das noiadas⁷ outros são mais acessíveis, vai quem quiser”. Essa fronteira simbólica que elas estabeleceram, é na maioria das vezes respeitada, porém, ocorre de uma percorrer o território da outra, gerando confusões terminadas em violentas brigas, que só vão terminar na delegacia de polícia.

Girassol tem várias cicatrizes em decorrência de brigas com homens e mulheres, fala que é muito perigosa esta área, mas, que por precisar, não deixa de ir, além disso é o lugar que ela consegue drogas com maior maior facilidade e clientes dada a concorrência dos demais territórios de prostituição. Diz que seu horário de maior frequência é a partir das 20h, porém, sempre que precisa vai pelo horário da manhã, ficando muitas vezes o dia e a noite toda.

Margarida é uma das moças mais conhecidas da área, ela mesma nos diz que é perigoso ficar naquele local, principalmente para quem não é conhecido e nos aconselhou a não sentarmos em nenhum dos bares no horário noturno. O risco de ser agredida por alguma prostituta, ter algum objeto roubado ou mesmo ser aliciada por um cliente, são algumas situações reais que poderia nos ocorrer. Jasmim frequenta mais no horário diurno, quando seu “companheiro” está no trabalho.

Para Girassol Orla da Francesa:

A francesa é o mundo das drogas, mulher viciada, puta, é tudo aí. Nem nos bregas, no brega que tem aqui, [...] no Pecador mesmo, não tem, o dinheiro tá curto entende, é um homem pra cada 10 mulheres a disputa lá é muito grande, então aqui nem toda vez a gente precisa ir pro quarto com homem, aqui a gente pede 5 reais, 10 reais, a pessoa convida a gente pra beber, como, eu não tenho vergonha de falar o que eu faço, eu sou usuária de droga também tá entendendo, então aqui é mais fácil de a gente conseguir essas coisas, dinheiro, bebida, droga é isso. Aqui tá muito velho aposentado e índio, a gente não tem muito trabalho com eles. (entrevista realizada na pesquisa de campo; julho de 2018).

Atualmente são poucos os bares que funcionam no horário noturno, dos 16 apenas cinco estavam funcionando na noite do dia 01 de junho de 2018, observamos que nos dias seguintes a quantidade de bares em funcionamento neste horário não foi superior a cinco, mesmo nos dias do festival folclórico.

⁷ Popularmente como são chamadas pessoas viciadas em drogas.

CAPÍTULO II

“SOMOS CONHECIDAS COMO PUTAS”.

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada.
(Chico Buarque)

2.1- Perfil das mulheres que se prostituem na Orla da Francesa.

Inicialmente este trabalho deveria contar a colaboração de com 5 (cinco) moças que atuam no mercado sexual na Orla da Francesa, contudo, dada a dificuldade de contactar essas mulheres, contamos com a colaboração de 3 (três) que aqui usamos nomes fictícios para não comprometer a identidade delas. Iremos apresentar Margarida, Jasmim e Girassol, moças que optaram por serem chamadas pelo próprio nome nos bares da Orla da Francesa, e que não se importam com as mais variadas nomeclaturas referentes a atividade que praticam para sobreviver.

cara eu prefiro que me chamem pelo meu nome. Acho que não ligo muito pra isso não entendeu. Pra mim esses nomes não interfere em nada. Todo mundo me respeita da mesma forma la no bar, mas eu sei o que falam. Mas é claro que a gente é conhecida como uma puta né. Não é?. E isso não me ofende. Me ofende se me chamarem de ladrona, assassina. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Margarida não se assume como profissional do sexo, diz que é prostituta e que não se ofende com essa denominação. Para ela a profissional do sexo é aquela pessoa que vive exclusivamente do comércio sexual, e de cordo com ela, essa não é a sua realidade. O comércio sexual é para Margarida uma atividade secundária, uma complementação de sua renda, mas não o considera um trabalho. Observemos mais um de seus relatos:

Sou conhecedora da lei que foi criada para as profissionais do sexo para conseguir os benefícios. Aqui em Parintins eu não tenho conhecimento de grupos de profissionais do sexo, mas em Manaus eu já fui a um grupo desses com a Keyla e as meninas. Elas fazem reunião pra conversar assim como a gente tá conversando, mas lá elas são profissionais do sexo mesmo, porque elas não tem outro meio de se sustentar. Eu não, eu trabalho, eu tenho a minha banca de churrasco e faço vários outros serviços para conseguir dinheiro. (Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Margarida tem 26 anos de idade mora no Bairro da Francesa, nas proximidades da Feira do Bagaço. Sua família mudou-se quando ela tinha 7 anos de idade, logo que sua mãe passou a viver com seu padrasto, um senhor, proprietário de uma banca de venda de carne e peixe.

Foi presa várias vezes por brigas com homens e mulheres, a maioria das brigas, ocorriam na Orla da Francesa. Chegou a desferir treze tesouradas em uma mulher que disputava espaço com ela. E conta essa história envaidecida pelo feito e exalta suas qualidades como prostituta para manter a preferência dos homens.

Eu já fui presa várias vezes, por causa de briga, aí mesmo na Francesa, a última vez que eu tive presa eu dei 13 tesouradas numa menina. Sempre tem uma invejosa tá entendendo. No começo eu apanhava sabe, das putas. Aqui na Francesa nem tanto, mas em outros lugares que eu ia eu apanhava, no começo eu era cunhantãe ainda, tava começando na putaria, a gente chega e as putas não queriam a gente lá. queriam dominar o lugar delas né [...] Em todo lugar que eu vou muitas mulheres se incomodam comigo, até as meninas que fazem programa se incomodam comigo não sei porque, e também porque eu tenho um chama pra homem sabe, pra homem querer sair comigo, não sei se é porque eu me visto bem e muitas delas não sabem se vestir, não sabem se calçar, vão tudo fede conversar com as pessoas. Por isso que muitas vezes eu fui presa. (entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Margarida estudou até a 5ª série do ensino fundamental, é católica, mas diz que não vai a Igreja constantemente. Não conheceu seu pai e sua mãe é falecida, morreu de câncer, tem apenas 2 irmãos ainda pequenos, um de 5 e outro de 10 que moram com o padrasto, mas que é ela que cuida, realizando as atividades necessárias para eles terem comida todo dia e roupas limpas. Seu irmão de 14 anos foi assassinado em 2015 por motivos ainda desconhecidos.

Minha mãe era uma mulher mundana também, ela foi uma mulher mundana, ela viajava muito, nesses barcos de pesca, a gente nem sabia pra onde ela ia. Ela não parava. A minha mãe era igual eu quando era nova. Meu padrasto é muito ruim, arrogante, os meninos vivem na rua aí. Eu venho aqui todo dia, faço a comida deles, lavo a roupa, me importo com eles, não quero que eles tenham o mesmo destino do meu irmão. Você sabe, o Leo foi assassinado, mas ele procurou também, só andava com quem não prestava. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Atualmente frequenta os bares da Orla da Francesa em busca de clientes sexuais, além disso, sobrevive também de outras atividades como passar, lavar, cozinhar para pescadores, enfim, procura realizar diversas atividades para conseguir algum dinheiro. “Eu trabalho, eu ganho meu dinheiro, eu me viro de todas as maneiras, comigo não tem esse negócio eu lavo eu passo eu cozinho, eu viajo pra cozinhar pros outros, vou em barco de pesca pra cozinhar eu não vivo só da putada não”.

Nossa colaboradora tem dois filhos, uma menina que estava sobre os seus cuidados de 4 anos e um menino biológico de 9 anos de idade, ambos não moram com ela, o menino ela perdeu a guarda na justiça para a avó por parte de pai e a menina o Conselho Tutelar retirou de seus cuidados por considerá-la incapaz de criar e educar a criança. Margarida nos conta com lágrimas nos olhos sobre seus filhos, por eles não estarem com ela, de modo especial fala da menina, a filha que ela chama de “filha do coração”.

Ela é filha da Kely uma amiga minha que anda aí na Francesa. Ela não pôde criar, eu peguei ela desde quando ela nasceu, desde que ela estava na barriga da mãe dela eu já sustentava a mãe dela. É minha filha, só que ela não mora mais comigo. Eu e o seu Benildo, a gente pegou e assumimos ela, só que ele morreu e o conselho tutelar começou a querer tirar ela de mim, então para não deixar eles darem para estranhos eu resolvi entregar para uma tia dela criar. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

De acordo com margarida a mãe da menina que ela considera sua filha, não tinha condições de criá-la por ter outra criança portadora de necessidades especiais, além disso, não se importava muito com as crianças, não dava as devidas atenções. Foi nessas condições que ela e um senhor com quem ela morava, resolveram cuidar da criança.

Outro momento da história de Margarida é com relação ao filho, que hoje vive sobre os cuidados da avó. De acordo com ela, o pai da criança era envolvido com drogas e por isso foi preso, mas tarde saiu da prisão e ela acabou indo presa, acusada de estar envolvida com o comércio de drogas, nesse momento a avó da criança entra com pedido da guarda do neto e a justiça concedeu.

O pai do meu filho vendia droga, ai invadiram a casa onde a gente morava e me pegaram la dentro, passei dois meses presa por causa dele. Foi um relacionamento muito ruim esse. Eu não sabia que ele vendia droga, eu morava na casa e ele tava preso, ai eu fui presa e ele saiu da cadeia. Perdi a guarda do meu filho nesse tempo. Meu filho tava com 10 dias de nascido quando eu fui presa. Ai a mãe dele entrou

com pedido na justiça pela guarda e ela ficou com meu filho. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

A perda dos filhos é uma parte de sua história que nunca foi superada e segundo ela, nunca será. Margarida fala que esse é o preço que ela paga por viver nas ruas se prostituindo, que embora ela tenha ajuda de muitos “amigos” a sua realidade é essa, viver nos bares da Orla da Francesa e fazendo outros serviços para conseguir sobreviver. Os amigos que ela cita, é como ela chama o seus clientes fixos.

Atualmente Margarida tem um namorado que a ajuda. De acordo com seu relato ele sabe de toda a sua história e do que ela faz, confessa que quando estão juntos ela deixa de ir para os bares se prostituir. “Ele sabe a minha história porque eu mesma falo, quando a gente ta junto eu paro de andar por ai, mas a gente briga muito. Eu separei recente dele e por isso vendi todas as minhas coisas, ai a gente volta e começa a comprar tudo de novo”.

Margarida começou a ser explorada sexualmente quando tinha 12 anos, sofreu duas tentativas de estupro, uma pelo seu padrasto e a outra por um rapaz que tinha um comércio próximo a sua residência. Esta última tentativa saiu em todos os jornais da cidade e os moradores do bairro sabiam que se tratava dela. Ela tinha 12 anos e muitos a julgaram e a culpavam pela prisão do homem que estava com ela, micro empresário no bairro e conhecido de todos.

Da vez que aquela pessoa que tu sabe quem é tentou me estropar, que ele acabou com a minha vida, com a minha reputação, aí pronto, começaram a bagunçar comigo ai eu fui perdendo o gosto, eu tinha vergonha de ir pra escola por causa disso, todo mundo ficava me apelidando de chave de cadeia, um monte de coisa e eu tinha vergonha, por isso eu parei de estudar. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Este episódio marcou a vida dessa jovem a ponto de ter que abandonar a escola por vergonha de sair nas ruas, vergonha dos colegas de aula, dos vizinhos. Ela sofreu por muito tempo o estigma de ser a garota “chave de cadeia”, a putinha que seduziu um pai de família e o levou para o motel, destruindo a família de um “homem de bem”. Nessa história ela foi considerada a bandida e ele a vítima. É como uma moradora relata “ela já era rodada quando isso aconteceu”.

Segundo ela, era esse o pensamento que as pessoas tinham, pois se não fosse isso, por que as pessoas a apelidavam na rua? Por que quando ela conversava em via pública com alguém sempre uma voz soltava um grito de alerta para que a pessoa mantivesse distância

como se ela tivesse uma doença contagiosa? Essas perguntas ela fez a si mesma por muito tempo, o que a fez pensar que era realmente culpada.

A vergonha do que aconteceu foi para ela um forte instrumento de repressão e exclusão pelo qual a fez abandonar a escola, os antigos amigos e praticamente sua infância. Antes de começar a frequentar a Orla da Francesa, ela se mudou e foi morar com um rapaz com quem teve um relacionamento. Foram muitas as vezes que ela sentia-se constringida, envergonhada, principalmente quando se via obrigada a voltar para a casa de sua mãe, pois precisava passar pela frente do comércio daquele que tentou a estuprar.

A vergonha ocorre quando os laços de solidariedade e hierarquia são danificados. Isto é sempre desagradável e doloroso. A dor física ocorre quando há algo de errado com o corpo; é um sinal, um aviso de que o corpo está ferido. Em um sentido similar, a vergonha é um sinal de que há algo errado em uma figuração social. (GOUDSBLOM, 2009, p. 56).

Lembro-me deste episódio, posso dizer que não conheci ninguém na época que se comovesse com a história da “menina do motel”, ao contrário, a vizinhança parecia mais preocupada com a integridade física do homem que havia sido preso, do que com a menina de 12 anos de idade encontrada com ele no motel.

De vítima Margarida passa a ser culpada, experimentando o peso da exclusão não só pelos outros indivíduos, mas por si mesma. A sociedade a julgou e a condenou, como condenou a Eva pecadora, como Madalena foi condenada. É como a personagem Geni de Chico Buarque condenada pela “boa sociedade”.

Dá-se assim desde menina / Na garagem, na cantina / Atrás do tanque, no mato / É a rainha dos detentos / Das loucas, dos lazarentos / Dos moleques do internato / E também vai amiúde / Com os velinhos sem saúde / E as viúvas sem porvir / Ela é um poço de bondade / E é por isso que a cidade / Vive sempre a repetir / Joga pedra na Geni Joga pedra na Geni / Ela é feita pra apanhar / Ela é boa de cuspir / Ela dá pra qualquer um / Maldita Geni. (HOLLANDA, 1978/1979).

A música escrita por Chico Buarque revela em seu refrão o preconceito e a hipocrisia de toda uma cidade em relação a personagem Geni. A população ao gritar “joga pedra na Geni” mostra todo seu desprezo a quem salvou suas vidas e a apedreja como Maria Madalena a prostituta que virou santa. (PAULA e FIGUEIREDO, 2010).

Essas e tantas outras mulheres, reais ou da ficção, mostram como a sociedade utiliza-se dos mais diversos tipos de controle social que se transformam em mecanismos de poder, a ponto de gerar dor e sofrimento aos indivíduos. “A dor é social em sentido duplo: é infligida

socialmente pelas pessoas que “envergonham” (como punição) e demonstrado socialmente pela pessoa que é envergonhada (como expiação)”. (GOUDSBLOM, 2009, p. 56).

Girassol é natural de Parintins, cresceu no Bairro São Vicente e hoje mora no Bairro Itaúna. A vida dessa moça não foi muito diferente, hoje com 34 anos, desde os 14, já andava pelas ruas e bregas da cidade, estudou até a 4ª série, fugiu de casa por não suportar as violências vividas por ela, pelos seus irmãos e por sua mãe, de família de baixa renda, cedo teve que trabalhar em casa de família como babá para ajudar nas despesas de casa.

Girassol foi aliciada pelo pai, assim como sua irmã mais nova, foi nesse momento que ela decidiu não mais ficar em casa e fugiu, indo morar num quarto com uma amiga.

Meu pai trabalhava, minha mãe era dona de casa, minha mãe acho que foi mulher da vida também e meu pai bebia muito, batia muito, batia na minha mãe [um longo momento de choro] batia na gente, e eu como era mais velha fiquei trabalhando como babá. Nos somos 5 filhos, 2 meninas e três meninos. Eu tenho vergonha, disso, ai meus irmãos ficavam em casa, minha mãe saia, ai meu irmão mais velho que cuidada delas. Minha irmã mais nova foi abusada pelo meu próprio pai, culpa da minha mãe porque se ela tivesse tomado conta da gente isso não teria acontecido. (Girassol. Entrevista realizada na pesquisa de campo; julho de 2018).

Essa história foi contada sobre muita emoção por parte da nossa colaboradora, tivemos que interromper nossa entrevista para que ela pudesse se acalmar até que tivesse condições de prosseguir com seus relatos, sua história é como muitas histórias de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade no país e que grande parte são silenciadas pelo medo de quem deveria garantir a sua segurança.

Após esse episódio, já vivendo sozinha, Girassol vai para os bregas, faz seu primeiro programa, conhece uma pessoa que mais tarde se tornaria seu marido com quem teria 3 filhos, um casamento marcado pelo vício nas drogas e muita violência, tudo aquilo que ela não suportava presenciar na casa dos seus pais, ela estava vivendo na sua própria casa. Após 13 anos, deixa o marido e passa a viver nas ruas se prostituindo para comprar as coisas mais básicas e também drogas.

Arranjei marido, só que ele também é viciado, trabalhador, mas é viciado, só que depois ele ficou violento comigo, ele deveria me respeitar e ele não me respeitava nada, porque aquela vida de prostituição eu já tinha deixado, esquecido. Quando ele me conheceu ele já sabia que eu era putinha que eu saia e o que fazia e tudo, era tipo homem gigolô, quando eu me meti com ele era de família tinha dinheiro e tudo, mas ele era um filho muito problemático, vendia tudo, roubava tudo, acabou com o casamento dos pais dele, ai com um tempo eu já saia pra me vender pra sustentar o vício dele e eu me viciiei junto com ele, ai eu me vendia pra da dinheiro pra ele pra ele não procurar outra mulher, comecei a fumar porque eu sabia que se ele saísse sozinho ele ia sair com outra ia fumar e ia transar com outra mulher ai me viciiei também. (Girassol. Entrevista realizada na pesquisa de campo; julho de 2018).

Girassol é usuária de droga, nos contou que durante suas três gravidez andou pela Francesa em busca de drogas e ter o que comer, não gostava mais do seu marido, eram dois estranhos morando na mesma residência e sempre que podia fugia pra francesa para se prostituir e usar drogas, hoje se prostitui para levar comida para suas filhas, mas também nos conta que compra bebida e drogas para ela. “eu sou puta e sou viciada”.

Girassol se auto denomina puta, diz que não faz diferença ser chamada de puta, prostituta ou profissional do sexo, “não tem diferença não, a gente é puta”. Diz que faz outros serviços também quando dão oportunidade, porém quase não surge nenhuma e acredita que isso é consequência do fato de ser prostituta. “minha fama de ladrona, drogada e puta vai longe, aqui todo mundo sabe o que eu faço, quem vai confiar em mim?”.

Jasmim, nossa terceira colaboradora é mais tímida, tem 39 anos, é natural de Parintins, nasceu e cresceu no Bairro Itaguatinga, atualmente mora no bairro Itaúna, estudou até a 5ª série, denomina-se solteira, mas vive com uma pessoa com quem mantêm um relacionamento à 7 anos, têm 6 filhos, sendo um de 14 anos e os demais todos adultos. Devido a separação dos pais, teve pouca convivência com o pai e não tinha um bom relacionamento afetivo com sua mãe, ambos são falecidos.

Jasmim sempre gostou de festas, de estar rodeadas por amigos e acabou fungindo de casa acreditando que as coisas seriam diferentes, foi morar em Manaus e trabalhou como babá, lá a situação não era diferente, seus partrões não a deixavam sair de casa, nem sair para as festas por ser menor de idade, passou então a viver de casa em casa trabalhando como empregada doméstica e babá.

Voltou para Parintins, conheceu um rapaz com quem foi morar e teve 3 filhos, mas a situação de casada não a agradava, além das traições, ela só saía de casa sobre suas ordens, motivos que a fez deixá-lo aos 24 anos de idade, mesmo período que ela passou a se prostituir. “Não deu certo, ele não deixava eu sair eu gostava de festa, mas quando eu tava com ele só saía se ele deixasse”.

A Orla da Francesa não é o único lugar que jasmim se prostitui, diz que conhece muitos lugares e muitas mulheres casadas e solteiras que se prostituem, confessa que o homem com quem vive um relacionamento não sabe de sua atividade como prostituta, por conta do trabalho e das viagens que faz, fica mais fácil para ela sair de casa sem que ele perceba. “Ele não sabe, mas desconfia, vivo a 7 anos com ele, mas ele não sabe”.

Margarida, Girasol e Jasmim, tem histórias em comum, ambas não concluíram o estudos e foram muito cedo trabalhar em casa de família como babá ou empregada doméstica.

Por diferentes motivos saíram de casa, viveram relacionamentos que terminaram por conta de frustrações, agressões físicas e morais, traição e falta de confiança, além disso, a Orla da Francesa não é para elas o único território que frequentam, mas um dos diversos territórios existentes na cidade.

Notamos que elas não enxergam a prostituição como um trabalho, também não tentam romantizá-la, muitas delas acabam assimilando a ideia da sociedade pela qual elas fazem parte de que a prostituição é ilegal e imoral, e que o dinheiro que ganham é tão indigno quanto a atividade que exercem como relata Girassol “se eu tivesse que escolher um trabalho eu ia fazer qualquer outra coisa, lavar banheiro, qualquer coisa, porque seria um dinheiro honesto, e um diabo desse que é se prostituir é um dinheiro amaldiçoado, 50 reais que tu pega não sabe pra onde vai”.

2.2- “Entrei nessa vida por necessidade”.

Em todos os momentos da pesquisa nos deparamos com justificativas tais como “eu entrei nessa vida por necessidade”. Segundo Gaspar (1985) citado por Corrêa e Holanda (2012, p. 430) na mesma direção, afirma que a miséria econômica é vista no Brasil, como um dos principais motivos de ingresso no mundo da prostituição e que as desigualdades econômicas e sociais fomentam a exploração e o comércio do sexo.

Desse modo, o fator econômico aparece com um peso ainda maior dentro das problemáticas vividas por uma grande parcela de mulheres que vive em situação de prostituição. Essa questão torna-se ainda mais evidente quando fazemos um recorte, sendo que esse recorte contempla mulheres de classes menos favorecidas. As mulheres que fizeram parte desta pesquisa estão inseridas neste universo onde a característica predominante é a pobreza, a falta de escolaridade e desemprego.

Sendo assim, as histórias que iremos conhecer, são marcadas por problemáticas que vem desde a organização do núcleo familiar ainda na infância, até os tempos atuais. Abuso sexual, abandono, violência física e psicológica, são algumas das situações que serão bastante citadas. São situações vivenciadas por essas mulheres ao longo de suas vidas que hoje elas usam como argumentos para justificar a inserção no universo da prostituição.

O objetivo da nossa pesquisa não é julgar, nem tão pouco procurar argumentos, que venha a contradizer a fala das nossas depoentes. Nossa proposta é conhecer, apresentar e compreender por meio da história de vida dessas mulheres, os motivos que as fizeram entrar

no mercado sexual e permanecer até os dias atuais e que impactos a prática da prostituição causam nessas mulheres.

De início, solicitamos que elas falassem da época da infância, da relação que tinham com a família e com os pais, pois entendemos que o núcleo familiar é a primeira instituição social, pela qual o indivíduo assimila aquilo que o restante das outras instituições esperam dele enquanto cidadão. O indivíduo não nasce um ser social, mas no decorrer da sua existência e sua interação com os demais sujeitos torna-se social.

Iniciamos com Margarida:

cara eu não tive muita infância não olha, porque a minha mãe nunca foi presente assim, pra nós, só vivia viajando, a gente é cria de vó, vó não, a gente é cria do mundo. A gente não teve muita infância não. Na minha infância já foi assim muito rebelde sabe, porque a gente passava muita fome, tinha dias que a gente comia, tinha dias que a gente não comia, então a gente teve que se virar, aí é nessa parte que entra a minha vida por eu ta assim hoje entendeu, hoje, nessa vida assim sabe, por causa das necessidades que eu tive na minha infância, eu não tinha condições de me sustentar e minha avó era muito humilde entendeu. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Nota-se que Margarida teve uma infância bastante conturbada, caracterizada pela ausência da figura do pai que nem chegou a conhecer e da mãe. Ela e seus irmãos ficavam sobre os cuidados da avó, pois a mãe viajava a trabalho, e quando estava na cidade não dava atenção aos filhos. Segundo Margarida ela bebia muito, por muitas vezes eles ficavam sem comer em casa e sozinhos.

Girassol:

Eu não tenho coisas boas da minha infância, depois eu também, comecei sabe, quando eu completei meus 14 anos eu fugi de casa, não quis mais ficar em casa, eu já fui viver a minha vida mesmo, alugar quarto, me prostituir mesmo porque eu via que aquilo era muito sofrimento, eu via meu pai bater na minha mãe, maltratar ela e não dava comida pra gente, batia na gente, eu não queria mais aquilo, eu tava cansada e também quando eu acordava de noite eu via, uma noite eu tava dormindo e eu vi aquele homem passar a mão em mim, assim, quando eu olhei era o meu pai que tava passando a mão em mim, eu fiquei com medo, quando passou umas duas noites de novo, aí eu corri, deitei na cama com minha mãe, fiquei lá deitada quieta, mas não falei nada, aí ela viajou quando ela voltou eu fiquei calada, mas poxa eu ficava com aquilo na minha cabeça, o meu pai passou a mão em mim, aí passou, passou, aí eu fui pro interior, chegando lá minha mãe me deixou sozinha no interior só eu e ele aí ele pediu pra mim deitar com ele na rede eu deitei, aí ele queria pegar no meu peito, nas minhas partes, eu não deixei, não deixei não, levantei e saí, aí eu fiquei com medo, quando foi um dia eu falei pra minha mãe, mãe o papai passou a mão em mim, ela falou, passou e eu disse passou. Ta por isso ficou, aí acabou que ela tinha medo dele. Ele era muito violento, da minha infância eu não tenho muita coisa boa não, só dos meus 14 anos mesmo que eu saí de casa, não quis mais ficar lá não, caí no mundo. (Girassol. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Girassol começa falando que não tinha coisas boas para falar de sua infância e que tinha procurado esquecer as coisas que viveu. Entendemos seu posicionamento, mas as perguntas continuaram e a medida que a entrevista acontecia, Girassol ficava mais a vontade, quando perguntamos como era a sua relação com os pais, ela nos conta fortemente emocionada e chorando os momentos de abuso e violência que viveu enquanto criança.

Quando pedimos a Jasmim que falasse de sua infância e sua relação com seus pais, no início percebemos uma certa resistência em não querer falar, principalmente a respeito de sua mãe, quando se referia a ela, falava com tom de mágoa, de tristeza, mas aos poucos ela ia dialogando e contando sem entrar em muitos detalhes sobre sua infância e adolescência

Jasmim fugiu de casa aos 14 anos, justifica tal atitude pelo fato de sua mãe ser dura e repreendê-la com violência constantemente por conta de suas travessuras de adolescente. Era uma menina “levada”, gostava de festas de estar junto aos amigos, de conversar com eles em frente de sua residência, mas a mãe não aceitava que ela tivesse amizades e tão pouco saísse de casa, quando Jasmim a desobedecia, era punida.

Não tinha uma boa relação com minha mãe. Quando minha mãe se separou do meu pai eu tinha 7 anos, não tive muita convivência com meu pai, a minha mãe arrumou um cara, um padrasto, não convivi com meu pai. Sai de casa eu tinha 14 anos, fui morar em manaus, trabalhei como babá. Eu fugi da minha mãe. Eu não queria mais viver com ela. Ela era ruim comigo, me batia, e muito. Ela trabalhava, e quando ela chegava do trabalho não gostava de ver eu conversando com ninguém, nem na frente de casa, se ela olhasse e não tivesse alguma coisa certa ela metia a porrada, e eu era também danadinha, tinha um rio perto de casa e eu gostava de ta pulando na água. Ela pirava e me batia. (Jasmim. Entrevista realizada na pesquisa de campo; julho de 2018).

São histórias diferentes pelas quais essas mulheres vivenciaram na infância, foram experiência que acarretaram consequências significativas para suas vidas, sem encontrar no seio familiar o apoio necessário para compreender a realidade vivenciada por elas, saíram de casa, deixaram os estudos e foram trabalhar em casas de famílias como domésticas ou babás, atividade que não exige um grau de escolaridade elevado, muitas vezes, uma meninas pobres só encontra esse meio, como alternativa de emprego.

Nas falas acima, é possível nós compreendermos sobre a inserção dessas mulheres no universo da prostituição, no entanto, optamos por perguntá-las sobre as causas, motivações que às levaram a se prostituírem, para ficar mais clara nossa compreensão, e ao mesmo tempo

levar o leitor a fazer essa reflexão conosco, levando em consideração a experiência de vida dessas mulheres apresentada aqui por meio de seus relatos.

Margarida:

E pelo fato da gente passar fome eu fui procurando a vida de outras formas sabe, por tudo isso eu fui pra rua procurar minhas melhoras. teve outras questões, mas a necessidade foi assim o que me levou mesmo a entrar para a vida e viver como eu vivo hoje, nos bares, ai na Francesa, nos outros pontos. É assim, quando a gente tem oportunidade a gente tem, mas quando a gente não tem muitas oportunidades [expressão no rosto de negação]. O que mais destruiu a minha vida foi esse caso ai com o [...] sabe, aí que eu me desgostei da vida mesmo, comecei a usar droga, comecei a gazetar aula, parei de estudar, comecei a mentir, comecei a sair pra festa, conheci pessoas erradas, comecei a beber fui destruindo a minha vida. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Jasmim:

Eu comecei a me prostituir depois que eu me separei do pai dos meus filhos, vivia com o pai dos meus filhos, não deu certo, ele começou ta na safadeza dele, vinham me contar e eu também comecei a sair, não prestou mais. Eu tinha 24 anos, tava desempregada, precisava de dinheiro. (Jasmim. Entrevista realizada na pesquisa de campo; julho de 2018).

Girassol:

A necessidade mesmo, de ter uma coisa boa, uma roupa boa, um perfume, um dinheirinho no bolso de comer bem, mas depois que arranjei marido, meu marido me dava de tudo, eu não precisava, só que ele também é viciado, é também trabalhador, só que depois ele ficou violento comigo, ele deveria me respeitar e ele não me respeitava nada, porque aquela vida de prostituição eu ja tinha deixado, esquecido. Girassol. Entrevista realizada na pesquisa de campo julho de 2018).

A necessidade econômica é apontada como justificativa para entrada dessas mulheres no universo da prostituição. Mattos (2009) aponta para esse tipo de situação, quando destaca que a justificativa para a entrada de mulheres pobres na prostituição será sempre econômica, pois é o que alimenta a eperança dessas mulheres de dias melhores, afirmação esta relatada em todos os momentos da entrevista.

A questão econômica, o desejo de ascender socialmente é o “pano de fundo” da história de milhares de mulheres em situação de prostituição é a justificativa que parece ficar evidente para todos. No entanto segundo Mattos (2009, p. 184), o que não faz parte desse tipo de explicação econômica é exatamente todo o drama moral e existencial vivido desde a mais

tenra idade por essas mulheres. O que não fica evidente são seus traumas, o histórico de vida de abandono, de abuso e omissão que essa mulher viveu.

Esse drama moral e existencial não dito, mas vivido como Mattos (2009) enfatiza, é observado com atenção na fala das nossas colaboradoras e também em suas expressões, em seus olhares. Entendemos que a necessidade financeira é uma das situações que levou essas mulheres a prostituírem-se, no entanto, não podemos descartar suas vivências e experiências de vida que, de alguma maneira exerceram e exercem influência na condição humana em que estão.

Percebemos também esses dramas no momento em que elas lamentam por estarem na condição de prostituição e das circunstâncias que as levaram a tal situação, lamentam pela reputação e por não terem mais o corpo de antigamente, por não terem mais a beleza de menina, por não concluírem os estudos, por não terem residência própria como no relato que segue:

De uns anos pra cá depois que minha mãe adoeceu é que eu fui entender mais a vida e perceber que não tava dando certo, agora que a minha cabeça tá chegando no lugar, agora que eu caí na real. Eu já não sou mais aquela menina bonitinha, eu tinha uma casa, vendi, vendi minha casa, eu tinha um terreno vendi. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Margarida vai além, lamenta por não poder viver perto dos filhos, por não poder acompanhar o crescimento deles, lamenta por não ter condições financeiras de proporcionar uma melhor qualidade de vida a eles, teme que eles tenham o mesmo destino que ela. São dramas vividos por essas mulheres que não ficam evidentes, tão pouco elas tem com quem dividir suas angústias e dores.

Eu não queria que meus filhos crescessem sem mim, eu cresci sem pai, sem atenção de mãe, no mundo, hoje eu cuido dos meus irmãos como se fosse meus filhos, faço o que dá por eles, venho fazer comida, lavar as roupas deles e quando eu vejo eles na rua eu brigo, não posso fazer isso pelos meus, não sei como eles estão. Eu sei que não tenho como criar eles, mas meu sonho é um dia poder ter eles de volta. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Para ela, as pessoas ao seu redor costumam vê-la como “mulher de vida fácil”, alguém que escolheu viver na prostituição, que não se importa com nada, mulheres desprovidas de qualquer sentimento, de amor ou de conduta moral e a recriminam por isso. É importante destacar aqui a questão da palavra “escolha”, bastante usada pelas moças em nossa pesquisa.

Devemos entender que o uso dessa palavra por elas, se dá de maneira ingênua, involuntária, como se fosse opção de vida delas, terem escolhido estar na prostituição.

Ao contrário do que pretendem as abordagens “politicamente corretas” sobre o assunto, é que a profissão de prostituta não é, na maioria dos casos, uma escolha propriamente dita dessas mulheres. Essa escolha, como diz Pierre Bourdieu, é apenas aparente, constituindo-se, na verdade, em uma “escolha pré-escolhida”, na qual as prostitutas são inclinadas a orientarem sua conduta a partir de alternativas previamente definidas pelo contexto de vulnerabilidade e precariedade do seu universo familiar. (MATTOS. 2009, p. 175).

Quando procuramos conhecer a história de vida dessas mulheres nos deparamos com histórias que vão na contramão das prostitutas dos quadros, da literatura, dos romances, cercada por luxo, elegância e intelectualidade, nos deparamos com “mulheres da ralé”, pobres mulheres que no seu histórico, encontramos argumentos que nos fazem entendê-las como partes de um processo que se dá em uma sociedade caracterizada pela desigualdade, consumista e que não oferece oportunidade a todos.

Simmel (1993 p. 1) em sua obra a filosofia do amor faz os seguintes questionamentos:

Como se fosse a vontade absolutamente livre prostitui-se, como se fosse uma diversão para elas! Claro, entre a primeira vez em que o infortúnio, a solidão sem recursos, a ausência de alguma educação moral, ou ainda o mal exemplo do ambiente incitam uma moça a se oferecer por dinheiro e, por outro lado, a indescritível miséria em que, de ordinário, sua carreira se encerra, claro, entre esses dois extremos existe na maior parte do tempo um período de prazer e despreocupação. Mas a que preço e quão breve! Nada mais falso do que chamar “garotas de vida alegre” essas infelizes criaturas e entender por aí que elas vivem efetivamente para a alegria: talvez para a alegria alheia, mas não decerto para a delas. Ou acaso se estima que seja uma delícia, noite após noite, em qualquer tempo, bater pernas pelas ruas para oferecer uma presa e servir de mecanismo ejaculatório ao primeiro indivíduo que aparecer, por mais repugnante que seja? Acaso se crê que realmente que tal vida, ameaçada de um lado pela pelas doenças mais infectas, de outro pela miséria e pela fome, e em terceiro lugar pela polícia, acaso se crê que essa vida possa mesmo ser escolhida com esse livre-arbítrio que seria a única coisa a justificar, em contrapartida a indignação moral?

É muito comum ouvir-mos opiniões contrárias a ideia de vitimização e afirmativas de que elas estão nessa porque querem, é comum as pessoas compararem as histórias de vida dessa mulheres com as suas próprias histórias, por terem tido desfechos diferentes, no entanto, a questão que nós colocamos aqui é que as histórias dessas mulheres são somente delas, foram elas que viveram as experiências relatadas, e ainda que, os indivíduos estejam dentro de um mesmo grupo, segundo Elias (1994) nunca serão histórias exatamente idênticas.

Margarida foi uma menina muito bonita, com 12 anos de idade chamava atenção pela sua beleza. Por onde passava recebia orgulhosa de si os elogios masculinos. Hoje aos 26 anos, em nada lembra aquela menina, olhar sofrido, um corpo magro, marcado pelas brigas de ruas e em casa, aparenta ter o dobro da idade que tem. Sua vida sexual começou muito cedo e não demorou para que surgissem, quem se aproveitasse e a explorasse sexualmente.

cara o meu primeiro programa eu fiz eu tava com uns 12 anos, depois que eu entendi né, assim, eu comecei a manter relações eu tava com 12 anos de idade. foi horrível, horrível, eu ainda não tinha experiência de nada ta entendendo eu era uma menina mesmo. Eu fui por influência dos outros, e pelo fato da necessidade, eu via todo mundo ter e eu não tinha eu queria vestir uma roupinha bacana, da moda queria andar com sandália bonita e eu não tinha como, o jeito era esse. Então eu tinha 12 anos. Minha mãe sabia, eu acho que sabia [...] minha mãe vivia viajando, ela deixava umas coisas pra gente comer, mas o que ela deixava não dava. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Nos deparamos aqui com algumas situações que nos chamou atenção, primeiramente sobre a questão da exploração sexual, item já trabalhado ainda que de maneira superficial no primeiro capítulo deste trabalho, onde nós afirmamos que ao tratar da temática da prostituição de mulheres no município de Parintins, é quase impossível não tocar-mos na questão da exploração sexual infanto-juvenil, pois muitas dessas mulheres foram quando crianças ou adolescentes vítimas do abuso e da exploração sexual como Margarida.

Com 12 anos, Margarida foi aliciada, sendo sua primeira experiência sexual. Esse momento foi descrito por ela como “horrível” e seus gestos na hora de falar parece concordar com ela. Margarida coloca a mão no rosto e aperta os olhos, depois olha bem nos meus olhos e diz “foi horrível, tu não tem ideia”. Fiquei imaginando a cena, uma menina sem saber exatamente o que ia acontecer sendo despida e tomada nos braços de um sujeito qualquer.

A questão da necessidade e o desejo de ter aquilo que o outro tem, também nos chama atenção, pois reflete a sociedade que vivemos, fortemente marcada pelo consumismo. Nessa sociedade os produtos adquirem um valor simbólico como afirma Bourdieu (2007) e ao mesmo tempo cria um sentimento de identidade, de pertencimento nos indivíduos, que se dá através do hábitos do consumo. É como se a partir do consumo o indivíduo passasse a fazer parte da sociedade.

Vivemos na sociedade do consumo, onde as pessoas são condicionadas a consumir pela própria dinâmica social capitalista, aquele que não consegue se enquadrar nessa sociedade, passa a viver à margem dela, sendo o dinheiro o motor dessa sociedade. “O dinheiro confere, por um lado, um caráter impessoal, anteriormente desconhecido, a toda

atividade econômica, por outro lado, aumenta proporcionalmente, a autonomia e a independência da pessoa” (SIMMEL, 1896, p. 2).

Nesse sentido, muitas mulheres acreditam que a prostituição é o caminho mais rápido para a obtenção do dinheiro e assim terem o poder de compra. Para Diniz, (2009) a prostituição é vista como o meio de sobrevivência, pelas quais muitas mulheres encontram para satisfazer suas necessidades básicas. Para outras representa ascensão social, poder, status, vislumbram uma vida de luxo e extravagâncias.

Para Margarida, Jasmim e Girassol a prostituição foi a saída que elas encontraram para atender suas necessidades, para fugir da vida que levavam, para conseguir ter algo que elas pudessem dizer “é meu”. Embora em diversos momentos da entrevista os dramas vividos passam a ser visíveis, elas com orgulho falam das suas vitórias como prostitutas na Orla da Francesa, vitórias que elas associam ao poder de compra, aos bens materiais que elas conseguiram.

Margarida:

eu vou atrás de dinheiro pra sobreviver mesmo. Pra ter as coisas, tudo que eu não tive hoje eu tenho, não mexo as coisas de ninguém, eu tenho muitas amizades ai na Francesa. Praticamente consegui todas as minhas coisas indo ai na Francesa. As pessoas que me ajudam até hoje, meus clientes fixos eu conheci ai. Independente de qualquer coisa, de drogas, sexo tem pessoas que me ajudam ai. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Girassol:

Eu vivo nessa vida, gosto de sair, beber, fumar e me divertir, vivi 13 anos com meu marido numa vida muito chata, fui ser menina de programa com 14 ano, andei nos bregas daqui, fui pra manaus andei no brega de Manaus, fui pra Oriximiná, andei no brega de Oriximina, fui pra Trombetas, andei no brega de Trombetas, voltei pra cá, ando aqui na Francesa, me prostituo, é por necessidade, como sou uma mulher separada eu não trabalho, eu tenho 3 filhos que eu tenho que dá o que comer, beber, vestir e calçar. (Girassol. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Jasmin:

Compro as coisas pra levar pros meus filhos, pra mim, as vezes deixo de comprar pra mim para comprar pra eles dois. O homem lá que eu vivo briga porque eu compro as coisas pros meus filhos, mas se eu não comprar, são meus filhos. O dinheiro que eu ganho é compro o que falta, 50 reais já dá né pra alguma coisa. (Jasmim. Entrevista realizada na pesquisa de campo, julho de 2018).

Na fala dessas três mulheres, notamos como os sujeitos estão inseridos numa sociedade que exige o consumo, seja para obter aquilo que é o básico na vida de um indivíduo como alimentação, roupa, calçado, seja para o lazer e o dinheiro, torna-se esse elemento de

ligação o que proporciona o sujeito motivação em adquirir os produtos oferecidos pela indústria.

cada vez mais coisas podem ser compradas com dinheiro, alcançadas pelo dinheiro, apresentando-se este, conseqüentemente, como pólo imóvel no fluxo fugaz das aparências, e por causa disso não levamos em consideração, freqüentemente, que os objetos da transação (monetária) econômica ainda têm aspectos que não podem ser expressos em dinheiro. Acredita-se, muito facilmente, que se possui no dinheiro o equivalente exato e total do objeto. Encontra-se nisso, certamente, um motivo profundo para o caráter problemático, a inquietação e a insatisfação da nossa época (SIMMEL, 1896, p. 8)

Margarida e Girassol e jasmim, foram crianças que pouco tiveram orientação familiar, escolar, frequentaram por um curto período de tempo a escola e não concluíram os estudos, a família enquanto instituição formadora, era desestruturada, cresceram assimilando aquilo que era vivenciado por elas. Para Elias (1994) é na sociedade que criança passa a se transformar num ser mais complexo, é nas relações sociais que ela se transforma num ser psicologicamente desenvolvido.

Desse modo, não podemos compreender essas mulheres de maneira isolada, o erro está justamente nisso, em querer tratá-las como parte isolada da sociedade. Brandão (2009) analisando as teorias de Elias, reafirma a impossibilidade de pensarmos os conceitos de indivíduos e de sociedade como duas categorias separadas ou antagônicas. Desse modo, entendemos que os aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos e culturais da sociedade são fatores determinantes para a inserção dessas mulheres na prostituição.

A história de Margarida, Jasmim e Girassol se misturam a tantas outras histórias de mulheres que passaram a sobreviver do comércio sexual. Elas não escolheram a prostituição, em nenhum momento na fala dessas mulheres encontramos argumentos que dizem o contrário. Como pudemos perceber, suas vidas foram marcadas por diversos acontecimentos que não favoreceram para que elas pudessem entrar no mercado formal, em algum momento elas se viram excluídas do convívio social e encontraram em outros, quem as aceitasse.

É preciso entender a prostituição como um fenômeno resultado de todos os fatores citados acima, não como uma escolha individual, tão pouco somente pela ótica econômica, embora, esta tenha um peso significativo na vida dessas mulheres. Não podemos cair neste reducionismo e tirar a culpa de um todo social.

2.3- “me chamam de chave de cadeia”: Vivendo sobre estigmas.

A sociedade é palco de diversos conflitos que se dá nos espaços estruturados. Para Bourdieu (1989) ao nascermos somos socializados dentro desses múltiplos espaços, portanto, absorvemos a cultura imposta pelos sujeitos, ao mesmo tempo internalizamos e incorporamos o que o próprio Bourdieu chama de habitus. Nós enquanto sujeitos, ocupamos uma posição nesses espaços denominados de campos ora de dominantes, ora de dominados o que pressupõe que existe uma luta diária entre os indivíduos.

A sociedade se faz por meio dos indivíduos que a compõe, portanto ela é a esfera aonde as relações sociais acontecessem. Cada indivíduo tem funções específicas nesse pequeno universo, desse modo, os sujeitos que compõe a sociedade são dependentes uns dos outros e ao mesmo tempo antagônicos, seja por convicções econômicas, políticas sociais ou religiosas. Sendo assim, as relações sociais entre os indivíduos será sempre conflitante.

Na Orla da Francesa dividem o espaço diversos sujeitos sociais, prostitutas, dependentes químicos, moradores de rua, trabalhadores do comércio local e os moradores, alguns indivíduos estão em situação de vulnerabilidade e exclusão social por estarem fora da esfera do trabalho formal e por não atenderem aos padrões sociais admitidos pela sociedade, são considerados sujeitos “desviantes” ou “anormais”, entre eles estão as mulheres em situação de prostituição.

Essas fazem parte do grupo de indivíduos de caráter considerados “anormais” e por isso são estigmatizadas. De acordo com Goffman (2008), as prostitutas fazem parte do grupo dos desviantes, e por isso, estão sujeitas a uma espécie de negação coletiva da ordem social. Esses indivíduos por sobreviverem do comércio sexual e por não se comportarem como a sociedade, espera que eles se comportem, acabam por sofrerem as dores do estigma.

Provavelmente, não existe tema mais perpassado por estigmas, enganos e preconceitos do que o tema da prostituição. Ao mesmo tempo em que é repulsiva, também é fascinante, como diz Charles Taylor em uma passagem de seu clássico *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. A figura da prostituta fascina por ser a promessa de intensidade sexual e satisfação imediata e ilimitada do desejo masculino. Com ela, a separação entre ativo e passivo, entre sujeito desejante e objeto de desejo, que está por trás da construção social das subjetividades masculina e feminina, fica manifesta. É, talvez por isso, que o estigma social contra a prostituta expresse, de modo aberto porque estigmatizado, toda uma violência simbólica dirigida, de modo velado e nunca admitido, às mulheres como um todo. Enquanto os homens da rala, quando taxados como “delinquentes”, são sempre “ativos” (ladrões, bandidos e traficantes), isto é, praticam as ações criminosas como sujeitos de sua

própria vontade, a designação mais comum de delinquência feminina está ligada à passividade, à utilização de seu corpo para servir à vontade de outrem. (MATTOS, 2009, p 174).

O estigma é um atributo que se dá a alguém ou a algum grupo ou mesmo a um lugar, é social porque é adquirido por meio do habitus e exercido por meio de um poder simbólico que exclui e amplia o preconceito contra uma minoria marginalizada como negros, homossexuais, deficientes, prostitutas, entre outros. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

Durante as entrevistas realizadas com Girassol, Margarida e Jasmim, percebemos em suas falas a presença do estigma, seja ele atribuído por moradores, namorados, familiares, comerciantes ou mesmo por elas. Por onde quer elas vão, o olhar, os julgamentos das pessoas se fazem presente. A estigmatização já começa pelos espaços identificados como área de prostituição ou territórios de prostitutas, estabelecendo uma fronteira simbólica dos espaços que cada indivíduo faz parte.

Girassol lembra do episódio em que me viu no bar (B) na praça dos bois em Parintins, disse que não entendia o que eu estava fazendo naquele “lugar de esquema”, expressão usada por ela. Nota-se na fala de Girassol a estigmatização do lugar. O Bar B é portanto um espaço já estigmatizado, pois alguns determinados grupos já o reconhecem como sendo territórios de atividades “não normais”, atividades que servem aos interesses deles.

Jasmim conta que não gosta de ir a um determinado supermercado que fica nas proximidades dos bares situados na Orla da Francesa onde ela passa a maior parte do tempo, diz que todas as vezes que ia fazer alguma compra, sempre ia alguém atrás dela para lhe vigiar como se ela fosse roubar alguma coisa. “Não é porque eu fico as vezes o dia inteiro lá no bar da francesa que eu não tenha dinheiro pra comprar as minhas coisas”.

Jasmim não percebe que tal atitude por parte do funcionário do supermercado faz parte de um poder simbólico pelo qual a reprime e a estigmatiza, ela não é só a prostituta, ela é também é desocupada, a ladra, uma pessoa de conduta e caráter duvidoso que entrou numa zona onde ela não é bem vinda, onde ela oderece risco. Nessa situação o estigma se dá por a conhecerem, por saberem que ela não faz parte do grupo de indivíduos que vivem como as regras da sociedade determina.

Margarida até hoje aos 26 anos de idade é chamada de “chave de cadeia”, por conta do episódio já relatado neste trabalho em que ela foi vítima de uma tentativa de estupro quando tinha 12 anos. Essa expressão no senso comum é utilizada para caracterizar uma pessoa que

pode trazer algum problema. Após o flagrante o homem que havia levado Margarida para o motel, foi preso, por esse motivo, a vizinhança, principalmente os rapazes mais jovens passaram a apelidá-la desta maneira.

O estigma causa marcas na vida dos indivíduos, é considerado uma “mácula social que sinaliza a identidade social deteriorada de pessoas, com a qual se deve evitar contato mais próximo, especialmente em locais públicos”. (OMOTE 2004, p. 239). E foi isso que exatamente aconteceu, Margarida passou a ser vista como uma menina perigosa, que sabia o que fazia e que foi porque quis para o motel. Os rapazes do bairro não queriam nem chegar perto, conta ela e por esse motivo foi se afastando de todos.

Margarida ficou fora do bairro por mais ou menos dois anos, não suportava o estigma de ser a “menina chave de cadeia”, um simples passeio era uma tortura, pois era obrigada a ouvir os rapazes a estigm

atizarem com essas e outras expressões, a vizinhança também não perdoava, comentários baixos das senhoras sentadas em frente às suas residências eram comuns sempre que ela precisava transitar pela vizinhança. De acordo com Elias (2000. P 121):

O uso comum nos inclina a tomar por "fofocas", em especial, as informações mais ou menos depreciativas sobre terceiros, transmitidas por duas ou mais pessoas umas às outras. Estruturalmente, porém, a fofoca depreciativa [*blamegossip*] é inseparável da elogiosa [*pridegossip*], que costuma restringir-se ao próprio indivíduo ou aos grupos com que ele se identifica.

A fofoca é um mecanismo de poder existente na coletividade, quando ela assume caráter depreciativo, causa desconforto nos indivíduos atingidos por ela. “A vizinhança toda falava de mim, quando eu passava nessa rua ai do bar do Rodolfo e na rua da tua casa, era quando eu mais sentia, eu sabia que falavam, os curumins da rua me contavam”. Segundo Park (1967) na organização social e política da cidade, a vizinhança é a menor unidade local e exerce poder nos indivíduos através dos mecanismos de controle social entre eles a fofoca.

O estigma é uma forma de identificar o indivíduo, leva em consideração a maneira que o indivíduo conduz a sua própria vida, é como se fosse um sistema de aprovação e reprovação da sociedade, se o indivíduo estiver de acordo com os princípios morais do grupo nada acontece, mas, se for o contrário, a violência simbólica é fortemente usada como forma de punição, mostrando que esses indivíduos não são bem vindos ao convívio das “pessoas de bem”.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: os ambientes sociais estabelecem essas categorias de pessoas que têm

probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” – para usar um termo melhor do que “*status social*”, já que nele se inclui atributos como “honestidade” da mesma forma que atributos estruturais, como “ocupação”. (GOFFMAN, 2008, p. 11-12).

Nesse sentido, as categorias dos estabelecidos e dos outsiders de Norbert Elias são perfeitamente adequadas para compreender as relações entre os sujeitos no Bairro da Francesa. Para Elias (2000) essas categorias se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência.

As mulheres que sobrevivem do comércio sexual na Orla da Francesa são como os “outsiders”, vivem à margem da sociedade. Para Elias (2000) os outsiders são aqueles que não se enquadram dentro dos princípios morais da sociedade de bem, são sujeitos mal vistos, de posição social inferior e de má reputação. Assim é estabelecida uma fronteira simbólica de controle social que utiliza como instrumento de poder a exclusão social e a estigmatização.

Para alguns moradores, as mulheres que se prostituem nos bares da Orla da Francesa são pessoas inferiores, representam a imoralidade, para outros “são dignas de pena por viverem de maneira errada”. A prostituição no entedimento desses moradores é portanto um meio degradante e ao mesmo tempo desviante de adquirir dinheiro, longe de ser considerado um trabalho. Os “outsiders são vistos pelo grupo de estabelecidos como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros” (ELIAS, 2000, p. 27).

É muito triste a história da [...] desde a infância dela, posso dizer assim, ela foi crescendo nessa de prostituição, era uma menina que vivia com a mãe dela pelo bar, ela não estudava, vivia pelos bares, nos bares assim como a mãe dela. Era pra ela ficar em casa com os pais, mas a mãe e o padrasto eram os primeiros a estarem no bar. Até que aconteceu aquela confusão, ela foi detida pelo Conselho Tutelar e hoje vive assim, tá no mal caminho, mas ela é um ser humano que sofre [...] A mãe e o padrasto eram violentos, viviam bêbados, como eu ia chegar neles ou nela para dá um conselho? Era difícil, a gente nunca têm coragem de chegar com uma pessoa dessa, com uma jovem dessa, a gente só sabe julgar, julgar, jogar pedra, mas não tem coragem de chegar conversar e tentar tirar do mal caminho. (Amélia. Entrevista realizada em julho de 2018).

O estigma não precisa de uma marca visível para que o outro possa enxergar o indivíduo como “anormal” ou mesmo para funcionar como instrumento de exclusão social, o estigma está associado a tudo que é negativo, ao que é ruim ou anormal aos olhos da sociedade. Portanto, é a sociedade que diz o que é certo e o que é errado, é ela quem determina o que é

normal e aceitável e é nesse ponto que ocorre a estigmatização dos indivíduos que acontece nas relações sociais fortemente caracterizada por uma relação de poder.

Os efeitos que o estigma causa nos indivíduos, vai muito além do constrangimento ou da exclusão social, onde Margarida conta que já se cortou, tentou cometer suicídio por não suportar o peso de ser excluída, deixou de frequentar a escola, se afastou dos amigos e o restante de sua família. Girassol também fala de suas dores, de ser “mal vista” pelas pessoas.

Girassol conta que não vai nas reuniões de pais e mestres de sua filha, pois a criança tem vergonha de sua aparência, quando é obrigada a ir sente-se desconfortável por não está vestida como as outras mães, pelos olhares de desaprovação, por isso optou por não participar mais das reuniões. Fala sobre a experiência em postos de saúde, relata como é difícil chegar até uma unidade pública, além da vergonha que sente não é tratada com igualdade.

2.4- Amor, afetividade, sexualidade e poder.

No início deste ano de 2018, estava no ar a novela intitulada “O outro Lado do Paraíso de” de Walcyr Carrasco, que trazia como tema secundário a prostituição de bordel. A novela mostrava a dupla realidade da vida de uma prostituta, de um lado aquela que satisfazia os desejos masculinos, a mulher fatal, despossuidora de sentimentos afetivos, de outro a que tinha uma história de vida, sonhos e projetos pelos quais um dia pretendia concretizar, procurando evidenciar que a vida de uma prostituta está para além de uma relação de troca comercial.

Alguns indivíduos buscam alimentar-se desse universo midiático, do cinema, das músicas, das novelas e idealizam suas vidas como nos romances literários, nos poemas, criando um universo de fantasia, buscando no outro, aquilo que lhes falta, aquilo que gostariam de ser ou são. Todos sentem fome de amor, mas quase ninguém pensa em haver alguma coisa a respeito do amor que necessite ser aprendida. (FROMM, 2006).

História semelhantes as da dramaturgia existem, mas grande parte das mulheres de baixo meretrício não tem o mesmo final românticos com os da ficção. As telenovelas, filmes, romances, poemas que trazem como personagem a prostituta, criaram uma representação romantizada delas, pelas quais muitas vezes fogem da realidade, embora não deixe de exercer forte influência construtiva no imaginário coletivo.

O amor romântico que começou a marcar sua presença a partir do século XVIII, utilizou tais ideais e incorporou elementos do *amour passion*, embora tenha-se

tornado distinto deste. O amor romântico introduziu a ideia de uma narrativa para uma vida individual – fórmula que estendeu radicalmente a reflexividade do amor sublime. [...] O início no amor romântico coincidiu mais ou menos com a emergência da novela...”. (GIDDENS, 1993, p. 50).

Até agora conhecemos um pouco da história de vida de mulheres que se prostituem na Orla da Francesa, seus dramas e motivações que as fizeram entrar no mundo do comércio sexual, no entanto, ainda não sabemos o que há além das dores dessas mulheres, tão pouco sabemos como elas enxergam a vida fora “dos campos de batalha”. É nessa perspectiva que iremos tratar nesse primeiro momento da temática do amor, afetividade, sexualidade e poder a fim de conhecermos suas percepções sobre esses campos da história dessas mulheres.

Não é fácil falar de amor dada a complexidade e a subjetividade que este sentimento representa, portanto chegar a um conceito, comum a todos do que seja o amor, é praticamente impossível uma vez que, trata-se ao mesmo tempo de uma definição de sentimento, ou seja, parte muito da intimidade e das particularidades dos indivíduos e estão diretamente ligadas a valores, crenças, concepções e experiências de vida. Se entendermos que toda ação humana é social, o amor e o que se faz dele é também uma construção social.

Existem diversas linhas de pesquisas que analisam o amor como a Filosofia, a Literatura, a Psicanálise a Sociologia. Estudos como os de Freud, Sartre, Erich Fromm e tantos outros, trazem grandes contribuições para o entendimento dessa temática ainda que tragam no bojo das suas pesquisas ideologias de sua época. As tentativas de entender o amor não são recentes, os gregos antigos já buscavam compreensão por meio dos mitos.

Adentrar esse universo é sem dúvida viajar por esferas da vida humana cheia de emoções mas também de conflitos. Em uma sociedade que nada é sólido e tudo se desfaz numa velocidade surpreendente e imprevisível, o amor tornou-se efêmero e as relações humanas tornam-se frágeis. (BAUMAN, 2004).

Quando falamos de amor é natural que ocorra no primeiro momento uma associação com a questão da sexualidade como se a existência de um dependesse da existência do outro. Freud foi quem fez essa relação ao estudar os casos clínicos da sociedade do seu tempo, como a histeria e tira como conclusão que as mulheres de sua época sofriam de uma excessiva busca do amor. (FREUD, 1996).

As pulsões e seus destinos: assim, a palavra ‘amar’ desloca-se cada vez mais para a esfera da pura relação de prazer entre o ego e o objeto, e finalmente se fixa a objetos sexuais no sentido mais estrito e aqueles que satisfazem as necessidades das pulsões sexuais sublimada. (FREUD, 1996, p. 142).

A ideia de amor associado a sexualidade parece muito presente no discurso dos indivíduos. No senso comum o amor tem a ver com desejo sexual. No entanto, para Giddens (199, p. 513) “o amor rompe com a sexualidade, embora a abarque, a “virtude” começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como ‘especial’”.

A vida pessoal tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades. Nossa existência interpessoal esta sendo completamente desconfigurada, envolvendo todos nós naquilo que chamarei de *experiências sociais do cotidiano*, com as quais as mudanças sociais mais amplas nos obrigam a nos engajar. (GIDDENS, 199, p.18).

Desse modo surgem novas configurações pelas quais os indivíduos tendem a se reconhecer de modo a idealizar seus projetos pessoais, dentro daquilo que apresenta ser o ideal para aquela sociedade naquele momento. Amor e prostituição parece distanciar-se um do outro por conta do elemento capital chamado dinheiro, e por questões culturais que reduz a prostituta a uma condição “menos humana”.

No entanto, é importante que nós entendamos que antes de existir uma prostituta, existe uma mulher com sonhos, desejos, afetos e ambições e que para além da “relação de troca” existem relações de afetividade dentro e fora do universo da prostituição. Essas mulheres trazem experiências no campo da afetividade muitas vezes traumáticas, mas, ainda assim, continuam a sonhar com aquele que irá amá-las e respeitá-las. Não poderíamos deixar de iniciar esse diálogo com Margarida, Jasmim e Girassol, com os seguintes questionamentos: O que é o amor? você acredita no amor?

Girassol:

Eu não acredito no amor, no casamento, nesses das novelas com final feliz, eu já vi muita coisa na rua, muitos homens que me procuram são casados, e vejo os caras ai com as meninas, tudo casado, tudo metido da igreja, mostrando um casamento perfeito. Tem um aí que todo mundo conhece, a mulher dele sabe que ele andava com uma dona ai da Francesa, depois de muita confusão hoje ele fica escondido, mas não deixou de pegar a puta dele, se amasse a mulher dele, ele respeitava. Não acredito no amor. Já me desiludir tanto na minha vida, nao acredito em amor, eu acredito também em atração. Eu convivi 13 anos com meu marido e ele me traia, dizia que me amava e me traiu, mal eu deixei ele com dois meses ele ja tava com outra, tu acha que ele me amava? Mas eu vou te responder, eu não acredito no amor. (Girassol. Entrevista realizada em Julho de 2018).

Girassol relaciona o amor ao respeito, destaca a traição conjugal como elemento da inexistência do amor entre um casal. É importante destacar que sua concepção é fruto das suas experiência como mulher e como prostituta, experiência que lhe proporcionaram conhecer a

traição conjugal por diversos ângulos, comparando ao que a sociedade construiu como elementos constitutivos de uma relação amorosa como por exemplo a fidelidade.

Acredito que um relacionamento tenha que ter respeito e confiança, atração, não adianta o cara ta comigo pegando outras por ai, eu é que não quero isso. Se eu tiver que ficar com alguém ele tem que me respeitar, tem que cuidar de mim mesmo. Se for pra viver na putaria é melhor eu ficar na vida que eu levo, pelo menos não vivo de aparência eu tô ali pra ganhar dinheiro é só pra isso, se eu quiser carinho, amor eu largo essa vida e procuro uma pessoa pra mim, alguém que me respeite que não me faça de besta como muitos fazem. (Girassol. Entrevista realizada na pesquisa de campo; Julho de 2018).

Girassol embora afirme não acreditar no amor, durante a entrevista vai desenhando aquilo que ela acredita ser um tipo ideal de amor entre dois indivíduos, e nesse desenho o respeito e o cuidado são elementos indispensáveis no relacionamento amoroso. Nesse caso, o respeito está diretamente associado a questão da fidelidade, mas também em respeito a ela enquanto mulher e como um sujeito que possui uma história e pela qual não pode ser apagada.

Eu sei que vou ter minha casa, não sei ainda se vou voltar com o pai dos meus filhos, por eles, mas eu quero arrumar um marido que me respeite, que respeite minhas filhas entendeu, que seja homem mesmo que fale isso , olha voce vai ficar em casa, vai cuidar da casa, agora. No meu sonho eu queria uma casa para colocar meus filhos em segurança. Quero um cara que me respeite. (Girassol. Entrevista realizada na pesquisa de campo; Julho de 2018).

Seu histórico de abusos, violência doméstica, uso de drogas, traição a fizeram ser mais severa consigo mesma a ponto de afirmar inicialmente com bastante firmeza que não acredita no amor, mas aos poucos percebemos no decorrer da entrevista que ela não desistiu de seus sonhos e passa a falar de um eventual futuro, com uma pessoa em especial com aquele sorriso nos lábios e um brilho no olhar de quem não se fechou para o amor, ao contrário, espera por uma pessoa especial em algum momento de sua vida.

A medida que Girassol ia ficando a vontade foi possível nós avançarmos nas perguntas a fim de conhecer um pouco mais sobre ela no campo da afetividade e da sexualidade. Para ela, a atração sexual é fundamental em um relacionamento conjugal, nos conta que, quando tem uma pessoa em especial se permite abusar de sua sexualidade. “Eu tenho meus, você sabe”, diz essa frase passando a mão no corpo.

Quando perguntamos se ela sentia prazer na hora do sexo com seus clientes, ela nos disse que não, mas completa, “quando o cara te trata bem, se tu tiver numa carência e o cara

for legal contigo até rola esse corpo a corpo sabe”, confessando em seguida que já sentiu prazer em relações sexuais com clientes, chegando a manter um vínculo afetivos com alguns.

Margarida diz acreditar no amor, e para tratar desse assunto ela inicia nos contando um pouco dos seus relacionamentos que os classifica como bons e outros ruins. Teve seu primeiro namorado ainda adolescente, disse que gostava muito dele, mas não o amava, era muito nova, gostava de sair para as festas, mas viu nele a entrada para esse mundo pelo qual ela ainda não conhecia.

Depois que aconteceu aquilo eu mudei daqui, eu fui morar com uma tia e conheci o [...] ele era aquele cara que conhecia muita gente, andava só com gente bacana, em lugares de bacana, começamos a ficar, nessa a gente ficou um bom tempo, mas sabe como é né, eu queria ta mesmo era na onda sabe, eu queria ta nos lugares, então não deu certo, e também falavam muito mal de mim. Hoje eu tenho maior respeito por ele, afinal ele me quis mesmo depois de tudo que aconteceu, me assumiu, acho que ele gostava de mim, mas não aceitava como eu me comportava, mas eu era muito louca também, aí eu fui pra rua, passei a ir direto pra francesa. Nesse período conheci o pai do meu filho, foi o pior homem que ja conheci na vida, não foi um relacionamento bom, na verdade foi o único relacionamento ruim que tive, cheguei a morar com um senhor também, mas era mais cuidado, eu cuidava das coisas dele e ele colocava comida em casa, hoje namoro com o [...] mas é assim, a gente as vezes vai nas porradas, ele gosta das putarias e eu também, a gente tava separado, voltamos agora [...] Eu gosto dele porque ele me ajuda. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo; julho de 2018).

Durante a entrevista, em nenhum momento Margarida diz que ama ou amou alguém que não fosse seus filhos. Para demonstrar seu afeto por alguns dos seus relacionamentos a palavra gostar é a escolhida. Ela relata que gosta do seu atual namorado porque ele a ajuda nos serviços domésticos e nas atividades com a venda de churrasco e realizam a maior parte das atividades de lazer juntos.

Notamos também que Margarida fala do seu namorado de infância com carinho, admiração e saudosismo, nos disse que foi uma pessoa muito especial em sua vida, mas que ela não soube valorizar. “Toda vez que ele vem a Parintins ele faz questão de falar comigo, de me vê, considero ele pra caramba”. A maneira de dizer que considera ele, é no sentido de admiração por ele ter sido uma pessoa que a tratou bem enquanto namorados.

Atualmente, Margarida namora com um rapaz que é dependente químico e também passa boa parte do tempo nos bares da Orla da Francesa, junto a outros rapazes e moças fazendo uso de drogas, eles se conhecem desde adolescentes, mas não tinham nenhum tipo de intimidade, ambos passaram a conviver nos bares e recentemente começaram a namorar. Foram viver juntos, mas o ciúme, a insegurança os levaram a romper por diversas vezes o relacionamento.

O relacionamento deles é marcado por muitas brigas, algumas delas chegando a violência física, por diversas vezes ela chegou a buscá-lo nos bares da Orla da Francesa e os dois voltavam discutindo no meio da rua, uma informante chegou a afirmar que o episódio em que ela foi presa por ter desferido 13 tesouradas em outra moça, não teria sido por disputa de espaço e sim por ciúmes do seu atual namorado.

A gente morava alugado la na estância, mas tu sabe né, tem um tempo que ele leva a sério o trabalho que dão pra ele, tem vezes que não, ele tava parado da putaria, a gente nem saia e quando saia era junto, aí sabe como é, ele voltou a ir pra la pra Francesa de novo pra fumar e beber e me deixava em casa [...] então eu voltei pra putaria também, não ia ficar em casa, ai a gente começou a brigar e se deixou. Eu tinha uma casa que tava construindo, ai vendi, até aquela moto que eu andava, eu vendi porque eu não tava mais com ele, então eu voltei pra Francesa, só que agora a gente voltou, ele ta lá pra mãe dele e eu to na casa que era da mamãe, não sei como vai ser porque eu não tenho mais a banca de churrasco, não tenho mais nada. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo; kulho de 2018).

Os indivíduos idealizam suas vidas com base na cultura que estão envolvidos, nas instituições e pelas experiências vividas, e essa construção, esse inconsciente coletivo, produz modelos que os indivíduos seguem como se fosse uma receita, muitas vezes não dá o resultado esperado e é nesse ponto que ocorrem as frustrações. Margarida acreditava que juntos eles conseguiriam recomeçar, ajudar um ao outro já que eles sabem da história de vida de cada um, no entanto, as coisa não ocorreram como ela esperava, demonstrando uma certa frustração.

Acredita que um relacionamento deva ser construído acima de tudo na base da confiança e do respeito. “quando eu tô com alguém eu paro mesmo com as minhas putarias, e eu espero o mesmo do cara entende, e espero também que ele me respeite, mas isso tu sabe que é difícil, uma hora o cara lembra que tu era puta aí começa a jogar na tua cara e tu já viu”.

Nota-se na fala de margarida uma clara relação de poder entre os gêneros. Margarita sempre será a prostituta, ainda que em determinados momentos de sua vida ella abandone a atividade, em suas relações socioafetivas a prostituição sempre será motivo para uma briga ou umansituação de constrangimento ou humilhação.

Margarida é do tipo romântica, diz que pretende casar, ter uma família e outro filho, diz que tem deixando aos poucos de se prostituir, e que pretende também cuidar de sua aparência, revela que não faz questão de casar vestida de branco na igreja, só quer alguém que a aceite como ela é que a respeite de modo que sua história não interfira nas relações amorosas que por ventura ela venha construir.

Durante muito tempo os ideais de amor romântico afetaram mais as aspirações das mulheres do que dos homens [...]. O amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas do próprio vínculo. É o precursor do relacionamento puro, embora também permaneça em tensão em relação a ele (GIDDENS, 1993, p. 10).

Perguntamos se ela sentia prazer nas relações sexuais com seus clientes, imediatamente ela respondeu que não, que não era possível sentir, mas que dependendo da pessoa e em caso de sucessivos encontros com a mesma pessoa, poderia ocorrer um vínculo mais afetivo a ponto de proporcionar prazer sexual. Revela que o pai de seu filho foi um cliente seu, passaram a se encontrar por diversas vezes e os encontros deixaram de ser pagos, e passaram a assumir um relacionamento.

Jasmim ao falar de amor e relacionamentos, se fecha para a conversa, se limitou a dizer que acredita no amor, mas no amor que ela sente pelo outro. Diz que ama seu atual companheiro com quem vive há 7 anos, pois se não amasse não estaria com ele e que apesar do rapaz ter sérios problemas com os filhos dela, ainda assim, ela mantém o relacionamento por amá-lo e por acreditar que ele sente o mesmo por ela.

Eu acredito amor, mas não dos outros, eu acredito no meu. Os homens que procuram a gente na maioria são casados, eu já vivi muito pra dizer isso. Por isso é que eu te falo que eu acredito no amor dos outros, mas no meu relacionamento eu acredito. (Jasmim. Entrevista realizada na pesquisa de campo; julho de 2018).

Sobre afetividade com clientes, Jasmim nos contou que mantém um relacionamento com um cliente fixo há 8 anos, admite sentir ciúme e não admite que ele se divirta com outras prostitutas, confessa que já brigou em bar por causa dele e por isso acabou sendo presa. Diz que sente carinho por ele, mas deixa claro que o amor que ela sente é pelo seu companheiro, além disso, que não dispensa o pagamento nos encontros.

Não é nossa atenção classificar ou desclassificar o que essas mulheres pensam sobre o amor, mas desvelar suas percepções sobre o amor que elas construíram ao longo de suas experiências. As decepções amorosas, as violências que essas mulheres sofreram por parte de quem elas esperavam obter amor, as tornaram “duras”, mas não apagaram o amor que cada uma alimenta por uma pessoa em especial. “a gente é assim, mas todas nós temos um homem aí em especial, todas nós”, disse Jasmim.

Durante muito tempo os ideais de amor romântico afetaram mais as aspirações das mulheres do que dos homens [...]. O amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as

qualidades intrínsecas do próprio vínculo. É o precursor do relacionamento puro, embora também permaneça em tensão em relação a ele (GIDDENS, 1993, p. 10).

A prostituição por ser uma atividade relacional, é fortemente caracterizada por uma relação de poder e alcança todos os níveis das experiências vividas por essas mulheres, dentro e fora do universo da prostituição. Para Lagard (1993) o poder consiste na capacidade que de que o indivíduo tende a decidir sobre a vida do outro seja por meio de dominação, julgamentos, estigmas, exclusão, punições como vimos o longo deste trabalho.

As relações de poder têm uma extensão consideravelmente grande nas relações humanas. Ora, isso não significa que o poder político esteja em toda parte, mas que, nas relações humanas, há todo um conjunto de relações de poder que podem ser exercidas entre indivíduos, no seio de uma família, em uma relação pedagógica, no corpo político. (FOUCAULT, 2004, p. 2).

No campo da sexualidade, esse poder se faz presente adquirindo uma dupla dimensão, que coloca o indivíduo ora como dominante, ora como dominado, desse modo a prostituta nessa micro dimensão da experiência humana oscila de posição, assumindo em determinados momentos o controle nas relações entre os gêneros. A atividade sexual dessas mulheres são diferenciadas onde o prazer sexual e a performance, obedece rigorosos critérios, determinados pelo grau de afetividade com o cliente ou pelo valor do a ser pago.

Essa análise das relações de poder constitui um campo extremamente complexo: ela às vezes encontra o que se pode chamar de fatos, ou estados de dominação, nos quais as relações de poder, em vez de serem móveis e permitirem aos diferentes arceiros uma estratégia que os modifique, se encontram bloqueadas e cristalizadas. (FOUCAULT, 2004, p. 2)

As mulheres entrevistadas neste trabalho relatam que nem sempre podem escolher um cliente (posição de dominada), mas que em todas as relações sexuais elas determinam o que é permitido e o que não é (posição de dominante), ou seja, é estabelecido um acordo baseado na confiança. No entanto, muitas vezes ocorre uma quebra nesses acordos e em alguns casos terminam em violência física ou verbal.

A gente que vive nessa vida a gente não pode escolher muito, mas lógico, a gente somos donos da nossa pessoa, a gente pode dizer eu vou sair com aquele, eu no meu caso gosto de sair mais com coroa, o coroa não exige muito, curumim é abusado, mas o coroa é o básico, é conversa.[...]. Eu estabeleço o que fazer, e a maioria respeita isso, mas acontece de não respeitar e bater na gente. [...]. Ai eu pego a grana e vou embora. Quando a gente namora, a gente beija, a gente transa com carinho, no

programa eu não beijo, não cheiro... (Entrevista realizada na pesquisa de campo; julho de 2018).

Cabe apontar o papel do dinheiro. Em uma sociedade em que ele se torna “a medida de todas as coisas” Simmel (1896), nesse universo onde as relações são puramente comerciais, ele determina simbolicamente o lugar de cada sujeito. O cliente é quem tem o poder de compra, a prostituta é quem tem o que poderá ser adquirido mediante pagamento: sexo, prazer, diversão.

Os clientes têm, então, o que as mulheres prostitutas precisam (dinheiro) e estas, por sua vez, tem o que eles precisam (sexo, diversão, prazer, companhia) no dado momento do encontro estabelecido pelo programa. A mulher, nesse contexto é dominadora em determinadas circunstâncias e dominada em outras. (COLVERO, 2010, p.

Esse poder de escolha é também estendido ao cliente, que escolhe a prostituta com que irá realizar o programa, situação que acaba por instigar as mulheres a buscarem alternativas como a sedução, o diálogo, a vestimenta, entre outros, na tentativa de chamar a atenção do cliente para si, ocasionando muitas vezes brigas, confusões entre elas, pois esse universo existe a concorrência.

Por um lado vimos como a prostituta lida com sua sexualidade, usando-a de acordo com suas conveniências, seja com os clientes, seja com quem elas mantêm um relacionamento afetivo duradouro, mas também notamos que elas se permitem sentir prazer nas relações comerciais, o que a coloca em situação de dominante. Assim como todas as atividades humanas a prostituição é uma atividade que perpassa pelas relações de poder, que nem sempre são visíveis, mas sentidos pelos indivíduos no dia a dia.

CAPÍTULO III PROSTITUIÇÃO: UMA ATIVIDADE DE RISCO

Como eu sou uma pessoa que anda nessa vida, a gente tem que experimentar de tudo, homem, mulher, passar por cada coisa, se humilhar por mixarias, coisinhas pequenas, arriscada de pegar uma doença, pegar uma facada
(Girassol).

3.1- Violência física.

A violência é um fenômeno social que não escolhe grupo, cor, idade e gênero, todos estão sujeitos ou já passaram por uma situação de violência, seja dentro do próprio lar, no trabalho, em locais privados, ou nas ruas. Existem alguns sujeitos mais vulneráveis, em Parintins de acordo com o assistente social, sendo as mulheres as que ocupam as primeiras posições no que se refere a violência no município.

As causas estão longe de serem definidas. Não há uma causa específica e sim várias causas que estão diretamente ligadas com as questões socioculturais da região. A realidade parintinense não foge a realidade à nível nacional. “A violência é um fenômeno que está presente na história da humanidade, é uma questão social pela qual afeta a saúde das pessoas, sendo uma das principais causas de morte no mundo. (MOREIRA e MONTEIRO, 2012).

No universo da prostituição, o índice de violência é ainda mais evidente, pois os territórios onde ocorre a prostituição são também lugares violentos deixando as mulheres que se prostituem em situação de maior vulnerabilidade. Nesses territórios, ora elas são agressoras ora são agredidas.

No caso da prostituição, essa pode advir da violência, mas poder ser também cenário para tal. A mulher sendo prostituta, não foge ao contexto de violência historicamente constituído. Para a sociedade a atividade que ela exerce é ilícita e moralmente reprovável, expondo-a a violência ainda maior. O tipo de ambiente onde ela atua também a deixa mais vulnerável, pois, na rua, está sujeita a agressões arbitrárias da polícia, dos agenciadores, dos clientes, principalmente ao acerto do “programa” e uso da camisinha. (MOREIRA e MONTEIRO, 2012. p. 3).

Girassol conta que desde criança apanhava do pai, ela e seus irmãos. Saiu de casa por esses e demais motivos já mencionados, foi para os bregas e começou a se prostituir, depois

de alguns anos, casou-se com um homem violento, acreditava que seria diferente, no entanto, a violência só mudou de endereço. De acordo com Girassol ela apanhava por diversos motivos, na maioria das vezes ela e seu ex marido estavam sobre o efeito de drogas e álcool.

Saia de noite, me prostituía pra sustentar ele, e ele ainda era muito violento comigo, me batia muito, passei 4 anos me prostituindo pra sustentar ele. Ai engravidei acho que tocou no coração dele e ele parou um pouco, o pai dele chamou ele pra tomar vergonha na cara que eu tava grávida e que ele tinha que trabalhar pra sustentar a gente, ai quando eu tava com uns três meses começou tudo de novo, deixei ele e eu fiquei aqui nessa Francesa, grávida, eu tive três gravidez aqui nessa Francesa, como eu tava grávida eu não gostava de fazer relação, então eu apanhava, se eu não fizesse sexo com ele eu apanhava, se ele não tinha a droga dele eu apanhava, ai foi que eu vinha pra cá, que aqui me davam alguma coisa pra comer, pra me drogar, eu bebia.. (Girassol. Entrevista realizada na pesquisa de campo; julho de 2018).

Jasmim e Margarida passaram pela mesma situação, foram para as ruas se prostituir, no entanto a situação não foi muito diferente, maridos violentos, cliente do sexo masculino que se opõe a pagar o preço combinado pelo programa e acabam as agredindo. Além disso, muitos clientes acreditam que por estarem pagando podem fazer o que quiserem, podem humilhar, bater, ou estuprar, “não é porque eu sou puta que vai fazer comigo tudo que quiser, além disso, tem que pagar primeiro”, conta uma de nossas informantes.

Eu ja briguei muito, ja furei as pessoas, até mesmo homem, porque homem quer vim gritar, já apanhei, já peguei pino também do cara não pagar o programa, já roubei muito também, já apanhei muito na rua. É porque tem homem safado né, a gente vai confiando nos caras, ai se tu não for esperta o cara não te paga. (Girassol. Entrevista realizada na pesquisa de campo; julho de 2018).

O universo da prostituição é permeado por relações de poder e é esse poder que gera e ao mesmo tempo impede situações mais graves de violência. Para Bourdieu (1989) as relações de poder, explícitas ou implícitas, conscientes ou inconscientes, permeiam todas as relações humanas, em todos os campos que fazem parte do espaço social. Nesse universo não seria diferente, visto que é uma atividade essencialmente relacional e as formas de poder estão presentes.

A violência física é um dos tipos de violência mais sofridos por essas mulheres, como não existe um contrato oficial entre prostitutas e clientes os acordos são feitos na base da “confiança” e é ai que ocorrem as transgressões, muitas vezes os clientes não pagam e elas acabam agredindo e sendo agredidas, afinal a certeza do dinheiro é o que as mantém nessa atividade, por esse motivo elas vão até as últimas consequências para ter o pagamento pelo “trabalho” que realizaram.

Acontece do cara não pagar e eu vou pra cima mesmo. Já peguei muita porrada, já levei muito pino, as meninas aí, vixe já levaram muito pino, a gente também não deixa barato, a gente apanha mas também bate. Tem cara que paga de boa, a maioria dos que não pagam é quem mais tem, porque os coroas aqui pagam a gente direitinho, por isso eu prefiro os coroas. (Girassol. Entrevista realizada na pesquisa de campo; julho de 2018).

Os problemas com clientes são comuns, de acordo com elas muitas vezes elas vão para os programas com a promessa de serem bem recompensadas e chegando ao local destinado, o cliente não quer nenhum tipo de relação sexual, mas agredi-las. Girassol já passou pela experiência de ser agredida e nos conta que até hoje não sabe os motivos que fizeram o seu cliente tentar matá-la.

A dois anos atrás aconteceu um negocio comigo ai na francesa. Eu tava em casa ai uma amiga foi me chamar pra ir pra la, ai eu disse que não, que ia mais tarde, e o meu horario de Francesa é das 20h, mas eu me arrumei fui, quando eu cheguei ai fiquei me enxirindo, e tinha um homem e disse ei morena vem cá, quanto é o programa, eu disse que era 50 reais, ele disse eu pago, mas eu não posso ir pra motel, eu sou casado e muita gente me conhece, mas eu trabalho la na fábrica de asfalto, se tu quiser tem que ser la. Ai eu pensei, 50 reai, eu to com 4 reais no bolso eu vou, ai falei pra meninas, olha bem a cara dele, porque se acontecer alguma coisa comigo já sabem, eu subi na moto e fui embora, quando eu cheguei la eu pedi logo os meus 50 reias e falei que eu queria camisinha, ele disse que ia me dá, mas antes era pra me da um beijo, que ele queria me cheirar eu falei que não, so quando ele me desse os 50 reais, ai ele virou de costas, quando ele virou eu vi um negócio tufado nele, quando ai ele virou eu puxei, era uma faca, ele disse que era pra proteger ele e tal, porque ele tabalhava longe ai eu disse que se ele tava mal intencionado comigo não tinha necessidade era é só dizer que queria fazer e não tinha dinheiro, ai eu disse pra ele me deixar de volta ou pelo menos perto de onde eu pudesse pegar um mototaxi ele disse ta bom eu vou te levar, ele pegou o capacete quando ele virou ele já deu, olha o que ele fez, olha meu braço como é, ele me bateu e pegou a faca de mim, eu gritei, ele pediu pra eu parar de gritar disse pra eu subir na moto que ele ia me deixar, eu subi, ai eu vi que ele tava indo por outro caminho, eu pulei da moto e corri, bati numa casa até que uma senhora abriu e me colou pra dentro da casa dela. Até hoje aquele homem me olha, mas um dia eu pego ele. (Girassol. Entrevista realizada em julho de 2018).

Como elas mesmas falam “nessa vida a gente ta sujeito a tudo” podemos entender a prostituição como uma atividade de risco, além dos riscos a saúde que discutiremos mais a frente, os riscos de morte ou de serem feridas com facas, tesouras ou qualquer outro material cortante é uma realidade, e não é só pelos clientes, mas também entre elas devido a disputa pelo espaço, por fofocas, intrigas entre sí.

Margarida em uma briga com outra prostituta, chegou a desferir treze tesouradas em sua “rival”, Jasmim disse que não sai de casa sem sua faca, preparada para essas situações e Girassol no momento da entrevista tira sua faca que estava dentro do sutiã toda enrolada em

papel higiênico e fala que não anda sem ela, disse que todas as meninas que se prostituem na Orla da Francesa andam com faca para se protegerem.

Girassol também já foi presa e hospitalizada por ter se envolvido em briga de rua com outras prostitutas, as disputas nesse espaços são constantes, o que fazem delas rivais e concorrentes. Podemos dizer que os clientes “são disputados a tapa”, quando uma prostituta se envolve com o parceiro fixo da outra usando da “má fé”, a confusão é certa, que vai desde as agressões físicas a verbais.



Figura 4. Princípio de uma confusão. Uma das moças segura a cadeira para que a outra não jogue em uma pessoa. Bares da orla da Francesa – Parintins/AM- Foto: Cristiana Butel/pesquisa de campo. Julho de 2018.

Jasmim relata que a prostituta precisa estar atenta ao que as outras fazem e falam uma da outra, não existe amizade entre elas, pois se for preciso passar por cima uma da outra, usando a calúnia e da difamação, elas certamente irão usar, pois segundo Girassol é um “mercado” bastante competitivo, “são 10 homens para uma prostituta”. Jasmim, Girassol e Margarida relatam essa mesma questão da competitividade e revelam o que as outras prostitutas falam delas: “ela chegam nos caras e dizem, olha não sai com essa aí não, ela vai te roubar, ela é casada o marido dela vai te pegar, ela é doente, essas coisas elas falam pros caras”.

Como eu sou uma pessoa que anda nessa vida, a gente tem que experimentar de tudo, homem, mulher, passar por cada coisa, se humilhar por mixarias, coisinhas

pequenas, arriscada de pegar uma doença, pegar uma facada, faz uma semana que a menina aqui me chamou pra porrada, trancei na porrada com ela ai na Francesa, uma dona ai, por inveja, entendeu, porque eu posso ser uma prostituta, mas eu sou uma pessoa muito popular, eu sei conversar, eu sei chegar nas pessoas, eu sei cativar um homem entendeu e por causa dessas malandragem de droga, o que rola aqui é muita droga entendeu, ai eu sei que eu tava bêbada, amanhecida e tudo e ela também, ai foi um porrao, moral da história, fiquei com duas costelas desmontadas, e ela ta pra la disse que vai me matar que ia me furar, só que eu ando sempre com uma faca pra me defender né, não vou deixar ninguém bater em mim e é assim né, a vida que a gente vive é assim, a gente corre muito risco. (Girassol. Entrevista realizada em julho de 2018).

Essas mulheres passam por situações de violência também com clientes, seja quando eles se negam a usar camisinha ou quebram o acordo que é estabelecido previamente. De acordo com Margarida, Girassol e Jasmim, muitos deles querem obriga-las a fazer “de tudo, sexo anal, oral e até espancar”, no entanto, elas dizem o que é permitido ou não e quando não cedem á vontade do cliente, acabam sendo violentadas.

A medida que o controle sexual dos homens pelas mulheres é muito mais que uma característica incidental da vida social moderna. A medida que esse controle começa a falhar, observamos mais claramente revelado o caráter compulsivo da sexualidade masculina – e este controle em declínio gera também um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres. (Giddens, 1993, p. 11).

Desse modo, o cotidiano dessas mulheres é marcado pela violência, seja por quebra de acordos com seus clientes, ou mesmo entre elas ou ainda pelo fato de serem prostitutas, a violência sofrida por essas mulheres vai muito além da violência física, nos limitamos a falar aqui sobre esta por representar riscos a vida dessas mulheres, mas sabemos que essas mulheres diariamente passam por outras formas de violências, como a verbal, a psicológica, sexual, violência de gênero e tantas outras formas de violência que geram riscos e medos na vida dessas mulheres.

3.2- DSTs/Aids e outras doenças

A prostituição é uma atividade que necessita do corpo do indivíduo como ferramenta para se obter a satisfação sexual por parte do cliente. Tanto quem oferece quanto quem “compra o sexo”, estão sujeitos a adquirir doenças sexualmente transmissível se não forem tomados os devidos cuidados tais como; o uso adequado de preservativos e controle no uso do álcool e outras drogas.

Não é de nossa intenção enquadrar a prostituta a um “grupo de risco”, expressão não mais usada nos dias atuais, nem de estigmatizá-las a uma condição de agente transmissor de

doenças sexualmente transmissíveis, mas de entender que nessa atividade onde as relações são puramente comerciais e sem vínculos, marcado muitas vezes pela violência sexual, abusos e pelo uso de drogas os riscos são maiores. Para Oltramari e Camargo (2004, p.317), “as profissionais do sexo apresentam características específicas que as fazem necessitar de maior cuidado, devido a falta de acesso à rede de atendimento social e sobretudo pela exclusão na qual as mesmas se encontram”.

As mulheres que fizeram parte dessa pesquisa estão nesse grupo de “comportamento de risco” levando em consideração o histórico de vida delas. Percebemos o quanto essas mulheres estão vulneráveis a adquirir uma DST e ao mesmo tempo transmitir, pois tanto elas como os clientes nem sempre estão atentos ao uso do preservativo e em certos casos o preservativo não é usado adequadamente, possibilitando maiores riscos de contaminação.

Todos com histórico de comportamento de risco estão sujeitos a adquirir uma DST “atualmente, o termo “grupo de risco” entrou em desuso, sendo utilizada a expressão “comportamento de risco”, com seu significado relacionado a práticas sexuais que oferecem mais risco de infecção, independente da orientação sexual”. (AQUINO; XIMENES; PINHEIRO, 2010, p. 20).

Embora as mulheres aqui entrevistadas digam que usam o preservativo em todas as relações sexuais com seus clientes, elas deixam escapar que com clientes fixos, algumas delas não usam, por existir um grau de afetividade e confiança entre eles. Também notamos que o uso do preservativo se dá somente na penetração, ficando de fora desses cuidados o sexo oral.

A gente corre muito risco, de pegar doença, pegar uma HIV, aqui, aqui nessa Francesa tem muitas mulheres que tem HIV, tu olha pra elas e fala que não, mas tem. Elas vão ai pra trás das baiucas e fazem com os caras, as vezes só chupam eles sem camisinha mesmo, sem porra nenhuma elas vão rapidinho só pra elas ganharem o da droga delas, elas são toda viciadas, e assim como tem mulher tem homem também né. Aí é que a gente corre mais perigo né, no meu caso eu tenho que transar de camisinha porque eu tenho 3 filhos pra da o que comer e beber, se eu pegar uma Aids quem vai dá pra eles. (Girassol. Entrevista realizada em julho de 2018).

Margarida diz que usa preservativo em todas as relações sexuais, diz que não confia em ninguém nem mesmo no seu namorado, tão pouco em seus clientes fixos. Jasmim diz que usa preservativo, mas não nas relações sexuais com seu marido, nem com o seu parceiro fixo que mantém relacionamento há 8 anos. No entanto, quando questionadas sobre sexo oral, uma delas disse que faz sem o uso do preservativo que nunca parou para pensar que o sexo oral também transmite DSTs.

Quando questionadas se elas andam com o preservativo na bolsa, ambas disseram que não, que sempre são os clientes que levam para os programas. Perguntamos também se elas fazem parte de algum grupo de orientação e enfrentamento de DSTs, ou de profissionais do sexo que discutem os riscos e cuidados que essa atividade exige e oferece, elas disseram que não, que não tem conhecimento se existe, mas que nunca ninguém chegou até elas nos bares da Orla da Francesa convidando para a participarem de algum grupo desses.

Jasmim conta que ela e as outras mulheres que se prostituem na Orla da Francesa já passaram por diversas situações que às colocou em risco de adquirir uma DSTs. Segundo elas, “não dá pra ficar escolhendo muito” e elas acabam indo com qualquer um fazer o programa e quando o programa ocorre atrás dos bares o risco é muito maior por ser escuro, sem a possibilidade de ver se o cliente colocou preservativo ou não, na maioria das vezes ambos estão sobre o efeito de álcool ou de drogas e que embora elas exijam o preservativo, ela confessa que não sabe se o cliente coloca.

Olha muitas vezes o cara não tem lá essas coisas, só tem dinheiro mesmo pra pagar o programa, e a gente ta querendo né, as vezes ta precisando mesmo, e acaba indo aí pra trás mesmo, toda essas putas vão elas podem até dizer que não, mas vão sim e te falo logo, nem sempre os caras tem camisinha, a noite aqui é escuro, a gente já bebeu o dia inteiro, já se drogou o dia inteiro, tu acha que a gente vai lembrar de camisinha nessa hora. (Girassol. Entrevista realizada em julho de 2018).

Girassol conta que também por diversas vezes arriscou-se fazendo programas atrás dos bares no horário noturno, embora ela tenha falado anteriormente que usa preservativo em todas as relaçãoes sexuais, ela acaba confessando que as vezes faz sem preservativo, por estar alcoolizada acaba não prestando atenção se o cliente coloca ou não, diz que quando está sóbria, é uma exigência, porém existem momentos por conta do uso de drogas, ela perde o controle dos cuidados.

Eu sou o tipo de mulher que gosto de transar com a luz acesa, pra olhar se ele não tem alguma coisa, se ele é sujo, se tem alguma coisa mesmo, olha só, foi na segunda noite do festival , chegou um cara era meio dia, e falou bora fazer um programa. Ele não era daqui, ai eu disse que só se ele desse 50 reais, ai ele foi embora, quando foi a noite ele voltou e disse, eu te dou os 50 reais vamos, então vamos fazer aqui atrás eu disse, as meninas estando ai elas não deixam passar ninguém pra cá, ele disse não, vamos pro motel, fomos pra um motel aqui na paraíba, era o motel da dona Lucia, ela morreu e ficou a japa la, agora é o motel da japa é uma boqueira que vende droga ai, entrei no quarto, o homem era bonito, ela botou camisinha, bicha não te digo nada, eu tranzei com aquele homem, ai pa pa pa, e vi, ai ele gozou ele não gozou gala, ele gozou sangue, ai quando eu olhei pra ele, ele riu, ele riu, aquele homem é doente, já pensou se eu tranzasse ali atrás das baicucas com ele sem camisinha, quando eu sair de la, o meu coração, eu passei a noite toda pensando, então tudo isso

a gente arrisca nossa vida. (Girassol. Entrevista realizada em julho de 2018- grifo meu).

Margarida, Jasmim e Girassol dizem que fazem exame de HIV de 6 em 6 meses, elas são conhecedoras dos riscos de adquirir uma doença, no entanto, muita das vezes elas não se previnem adequadamente. O sexo oral é feito sem o uso do preservativo e quando estão sobre o efeito de drogas, a situação é ainda mais delicada, pois elas não sabem se o preservativo é usado ou não, também chama muita atenção o fato de não andarem com preservativos, deixando essa reponsabilidade para os clientes.

Perguntamos sobre a higiene pessoal e ambas disseram que se cuidam, tomam banho antes e depois de manterem relações sexuais. No entanto, os relatos contradizem essa informação, pois elas fazem em médias de 3 a 4 programas no mesmo dia, sendo que muitos deles ocorrem atrás dos bares, impossibilitando a higiene pessoal tanto delas como dos clientes, além disso, algumas delas passam de três dias ou mais sem ir nas suas casas, consumindo álcool e drogas, fazendo suas necessidades no local escadaria da francesa.

Quando questionadas se elas costumam ir ao médico para consultas de rotina, ambas disseram que não vão ao médico, que quando precisam se alto medicam ou tomam remédios “caseiros”, mas não vão por conta da dificuldade em conseguir uma consulta pelo SUS (Sistema Único de Saúde). “não eu não vou, faz meses que tô com essa tosse e com dores aqui nessa região, mas até eu conseguir a consulta já morrer, também os exames demoram meses e eu não tenho dinheiro para remédio”. (Margarida, Entrevista realizada em Julho e 2018).

Nota-se também que a maior preocupação é com relação a HIV, ignorando outras doenças sexualmente transmissíveis. Perguntamos se elas fazem outros exames para detectar possíveis outras doenças, ou se elas procuram um ginecologista periodicamente elas disseram que não, que a maior preocupação delas é em adquirir HIV. “não vou, mas eu não tenho nada não, de seis em seis meses eu faço o teste de HIV, só isso”.

Perguntamos se elas fazem o preventivo e outros exames regularmente, as três disseram que não, nunca fizeram e se mostraram indiferente a esses exames, desmostrando desconhecimento. As prostitutas que fizeram parte dessa pesquisa portanto, devido a uma série de fatores como uso de drogas, alcoolismo, a vergonha e a dificuldade de acesso ao SUS não possuem práticas de saúde, sendo o único meio de prevenção o uso do preservativo.

Os riscos não se limitam a questão física, algumas mulheres em situação de prostituição tem procurado o CAPS⁸, que além de atender pessoas com diversos tipos de

⁸ Centro de Atenção Psicossocial.

transtornos, tem atendido também pessoas em estado de dependência de álcool e drogas. De acordo com um funcionário do CAPS as mulheres chegam até eles depressivas e envergonhadas ao procurar de ajuda.

Relata que algumas delas alegam problemas pessoais e sociais, além de apresentarem um quadro de depressão, são também dependentes químicas e de álcool, o que dificulta ainda mais o tratamento, muitas delas vem de famílias fragilizadas e nem sempre a família dá o apoio necessário para aquele paciente ter sua recuperação. “as vezes a família nem tem condições de ajudar é muito complicado.”. assim muitas delas acabam abandonando o tratamento.

Desse modo entendemos que a prostituição é uma atividade que oferece diversos riscos a saúde física e mental dos sujeitos que a praticam, os riscos de morte por brigas, dívidas de drogas, uso excessivo de álcool e outras drogas, higiene inadequada, depressão e DSTs, são alguns dos atuais riscos que essas mulheres correm.

3.3- Álcool e outras drogas.

Girassol classifica a Orla da Francesa como “o mundo das drogas”, sendo um território de prostituição, as prostitutas o dividem com outros indivíduos, os dependentes químicos que dia e noite fazem o uso de álcool e drogas nas proximidades dos bares. Dentro desse grupo estão também elas, visto que de acordo com nossas informantes, a maioria das mulheres que se prostituem nesse espaço são dependentes químicas.

No mundo todo, nas últimas décadas, ficaram evidentes os problemas sociais associados ao consumo de álcool e outras drogas. É possível pensar em fatores que influenciam o consumo de drogas, tais como desemprego, má condições de saúde e educação, falta de opções de lazer, etc. Além disso, o consumo de drogas pode agravar os problemas sociais de um indivíduo, da família, da comunidade e do país. (SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS, 2014, p. 130).

O uso de drogas é frequente e sobre a vista de todos, principalmente dos moradores que ficam do outro lado da lagoa, esses acabam tendo uma visão mais completa de quase todas as atividades que ocorrem naquele espaço. Os usuários de drogas são na maioria jovens

entre 20 a 35 anos anos, adolescentes e crianças, também são vistos frequentando o local, a maioria são os chamados “aviãozinhos”.



Figura 5. Homens e mulheres dependentes químicos, fazendo uso de drogas. Bares da Orla da Francesa- Parintins/Am-Foto: Cristiana Butel/pesquisa de campo. Julho de 2018.

A prostituição nessa área está diretamente ligada ao consumo de drogas. Margarida e Girassol contam que é na Orla da Francesa que elas conseguem comprar ou trocar drogas com serviços sexuais, de acordo com elas, em nenhum lugar ou bregas frequentados por elas há essa facilidade e ao mesmo tempo essa “liberdade” de consumir drogas como neste local.

Não nos impressiona destacar a ausência da polícia que só aparece no local quando há uma denúncia, no entanto, a falta de medidas mais eficazes em relação ao uso de drogas naquele espaço, tem levado muitos moradores a desistirem de denunciar. Girassol nos conta que “eles chegam aqui, revistam todo mundo, a gente joga o que tem e eles vão embora”.

A gente vê de tudo aí, eles usam droga na frente de todo mundo, lá naquele canto do mercado e nesse bares ai, é só prestar atenção, um dia desse tinha um garoto que acho que não tinha 6 anos, tava la no meio, dessa vez eu denunciei, liguei a polícia veio revistou todo mundo, ainda deu umas tapas neles ai e foram embora, depois estavam todos ai de novo, aí eu te pergunto, adianta fazer alguma coisa? (Amélia. Entrevista realizada em maio de 2018).

Algumas das mulheres que frequentam a Orla da Francesa, as mais novas, mantêm uma certa “amizade” com os rapazes. Girassol confessa que já ocorreu de juntos cometerem

alguns delitos como furtos, “a gente pega mesmo a carteira, se o cara marcar, principalmente os aposentados e os índios, a gente pega o dinheiro e joga a carteira, a gente distrai eles e os meninos pegam, ou a gente mesmo uma das meninas distrai e a outra pega”.

Margarida fala que tem amizade com os rapazes, pois são eles que lhe dão droga quando ela não tem dinheiro para comprar, costumam usar em grupos na área por detrás dos bares. “...cara os meninos me dão droga, me dão cerveja, quando eu não tenho nada eles me dão, mas também não é de graça, ou eu vou ter que arrumar alguma coisa pra eles, tipo alguma coisa pra eles venderem”, nada aqui é de graça entende”.



Figura 6. Pessoas usando drogas. Orla da Francesa – Parintins-AM-Foto: Cristiana Butel. Julho de 2018.

Como já mencionamos as drogas entraram na vida dessas mulheres ainda muito cedo, logo que elas saíram de casa e foram para as ruas se prostituir, elas passaram a beber e a consumir. Margarida conta que na rua conheceu pessoas que ofereceram para ela, já Girassol diz que foi influenciada pelo seu ex marido, que no início começou a fumar junto com ele para não deixá-lo sair, depois passou a se prostituir para comprar drogas para ele.

Como eu te falei, depois que eu saí de casa, depois daquela situação com o [...] eu caí mesmo na vida, eu bebia, eu fumava, eju cheirava, eu usei de tudo, queria ta nas festas, me dava mesmo e eu usava, depois eu já me prostituía pra comprar, hoje eu não faço isso, se quiser sair comigo tem que dá eu não compro mais. (Margarida. Entrevista realizada na pesquisa de campo em julho de 2018).

Margarida conta que não usa o dinheiro da prostituição para comprar drogas, já Girassol não esconde que usa, e de acordo com ela “é uma necessidade, eu preciso, eu gosto de beber, eu sou viciada, eu compro, não peço com as outras putas aí”. Jasmim disse que não usa drogas, mas já usou, hoje fica só na cerveja, mas confessa que bebe todos os dias e muitas vezes exagera.

Girassol conta que a maioria das mulheres que se prostituí na Orla da Francesa, vendem ou já venderam drogas nas proximidades dos bares. Ela mesma confessa que já vendeu, mas parou por medo de ser presa ou assassinada. “é muito arriscado, tu vende mas tu tem que dá conta do dinheiro, eu sou viciada, as vezes eu gastava, deus me livre, deixa eu ficar só me vendendo mesmo”.

Margarida também já vendeu drogas, já chegou a ser presa em Parintins por venda de drogas, em Manaus também foi presa, mas nesse caso se diz inocente, que não sabia que na casa que ela morava era uma “bocada”. Jasmim nunca vendeu, conta que não tem interesse nisso, que sua vida é ir pra Francesa, beber, fumar e fazer programa e que o dinheiro é para comprar as coisas que ela não tem, além de ajudar os filhos.

O uso de álcool e outras drogas tem sido associado ao aumento de doenças sexualmente transmissíveis dado ao “comportamento de risco” dos indivíduos que fazem uso, estudos recentes mostram esse aumento entre adolescentes, jovens e indivíduos em situação de prostituição, estes estão entre os sujeitos mais vulneráveis a contraírem algum tipo de doença.

O consumo de crack e cocaína têm sido associados diretamente à infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) e outras doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). O uso do crack tem associação direta com a aceleração da progressão da infecção pelo HIV e também com a redução da adesão do tratamento. Os comportamentos de risco mais frequentes observados são o número elevado de parceiros sexuais, o uso irregular de camisinha e troca de sexo por droga ou por dinheiro para a compra de droga. As mulheres usuárias de crack têm mais relações sexuais em troca de dinheiro ou droga do as usuárias de outras drogas, e têm mais chances de se envolverem com esse tipo de atividade do que os homens, expondo-se a riscos com maior frequência [...] O uso do crack também tem sido associado diretamente a outras DSTs, como gonorreia, sífilis e HTLV1 (vírus pertencente à mesma família do HIV), entre outras. (SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS, 2014, p. 92).

O indivíduo quando está sobrio tem maiores possibilidades de cuidados em relação a prevenção, pois está consciente dos riscos que corre, já o indivíduo sobre o efeito de álcool ou drogas, acaba tornando-se mais vulnerável. “Quando comparado o comportamento sexual de

usuários e não usuários de drogas ilícitas, os usuários de drogas apresentam maior incidência de comportamentos sexuais de risco para DSTs. (SCIVOLETTO; TSUJI; ABDO; QUEIRÓZ; ANDRADE; GATTAZ, 1999, p. 92).

Margarida e Girassol dizem que bebem qualquer bebida alcoólica que lhes oferecerem, e usam a maconha e crack, dizem que passam dias fumando, algumas vezes se trancam em um quarto com outra pessoa, ou ficam pela rua consumindo, bebendo e fazendo programa para poder comprar mais. Perguntamos se elas sabem dos riscos que essas drogas oferecem, elas disseram que não sabem, mas sabem que existe e que é proibido.

A maconha e o crack são drogas de baixo custo e portanto acessíveis a elas. O crack é uma das drogas que apresenta maior perigo a saúde, além de ser altamente viciante. São diversos os danos que o uso dessa substância pode causar a saúde de uma pessoa, entre eles alteração no sistema nervoso, intoxicação, abstinência, problemas cardíacos, respiratórios e digestivos. (SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS, 2014).

Da mesma maneira que o crack a maconha e o uso excessivo do álcool oferecem riscos a saúde, afeta o sistema nervoso e causa dependência, se consumidos com outras drogas os danos são maiores. O uso frequente pode provocar problemas graves não só para quem usa, mas também para os demais indivíduos.

O uso do álcool e outras drogas pode resultar em variadas situações, pois as mesmas dependem da associação de fatores pessoais, da droga consumida e do contexto social e familiar, ocasionando arranjos e possibilidades muito diferentes entre si, desde efeitos sem graves prejuízos até graves danos físicos, psíquicos ou sociais às pessoas que as consomem e a seus familiares e comunidade. (SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS, 2014, p. 139).

A Prefeitura de Parintins, junto ao Governo do Estado está com o projeto de implantação do CAPS-AD⁹ no município devido a grande procura pelos serviços no CAPS. O objetivo é oferecer um serviço especializado para dependentes químicos que no momento não é oferecido no município, mas que não deixam de ser atendido pelo CAPS.

Percebemos que o uso de drogas e álcool em excesso por essas mulheres as coloca em situação de extrema vulnerabilidade. DST, Tuberculose, doenças relacionadas a falta de higiene pessoal, são algumas das doenças que elas podem adquirir. A dificuldade do acesso, ou a vergonha em procurar o Sistema Único de Saúde (SUS) são também fatores que colaboram para essas mulheres ignorarem seus problemas de saúde, procurando muitas vezes medidas alternativas como a auto medicação.

⁹ Centro de Atenção Psicossocial e Social - Álcool e Drogas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, almejou-se compreender o fenômeno da prostituição de mulheres na Orla da Francesa no município de Parintins, bem como, conhecer seus impactos físicos, psíquicos e sociais que estão diretamente ligados a esta atividade. Para tal entendimento, levou-se em consideração a história de vida de mulheres em situação de prostituição, pelo qual nos possibilitou elaborar um perfil das mesmas, conhecer suas histórias, seus anseios e projetos de vida.

Para os resultados desta pesquisa realizada na Orla da Francesa, foi muito significativa a colaboração de alguns moradores, donos de bares e principalmente das mulheres que dispuseram do seu tempo, das atividades rotineiras para conceder as entrevistas que sustentam a escrita deste trabalho.

Debruçar-se para pesquisar o fenômeno da prostituição na Orla da Francesa, as questões sócio históricas, econômicas e culturais, almenjando compreender este fenômeno, foi um grande desafio, pela carência de referências a respeito dessa temática, pela burocracia das instituições e pela falta de colaboradores envolvidos neste processo, que na maioria se negaram a ceder entrevistas por questões diversas, pelas quais foram certamente compreendidas.

Durante o processo de contato com as mulheres em situação de prostituição, optamos por mudar alguns termos utilizados no projeto inicial, pois até então não sabíamos qual era a percepção dessas mulheres sobre a atividade que exercem. Desse modo, trocamos “profissionais do sexo” por prostitutas ou simplesmente putas, uma vez que é dessa maneira que elas se denominam, também trocamos o termo “profissão” para falar da prostituição, procurando respeitar suas convicções a respeito dessa atividade.

Inicialmente buscou-se contemplar os processos históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais do município do por entender que toda atividade humana é resultado de uma totalidade dos processos ocorridos em uma sociedade ao longo do tempo, Para Morin (2003, p. 14):

Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes.

Verificamos que a prostituição no município de Parintins é recorrente desde o processo de urbanização e desenvolvimento da cidade. Por décadas a cidade mantinha casas de prostituição para atender a clientela local. Parte das mulheres que exerciam a atividade como prostitutas vinham de outras cidades, na sua maioria do estado Pará. A medida que a cidade (zona urbana) crescia economicamente, passava a ser ocupada por sujeitos da área rural, de outros município e estados com desejos de encontrar aqui oportunidade de emprego.

A Orla da cidade e centro, eram as áreas onde o comércio intensificava-se, chamando a atenção de mulheres que buscavam na atividade sexual um meio de ganhar dinheiro, desse modo, não demorou muito para que as “famílias de bem” começassem a exigir do poder público a retirada dessas mulheres dessas áreas, inicialmente estabelecendo regras de conduta e horários de circulação nas ruas.

Aos poucos, por volta da década de 80, 90 vão surgindo os bregas em áreas afastadas do município e pouco urbanizadas, as prostitutas passam a buscar por esses lugares, pela discricção, e por ficarem distante dos olhares repressores da comunidade e das medidas de contenção do poder público, no entanto, não pôs fim aos antigos “lupanares” centrais, apenas diversificaram os lugares de prostituição.

A década de 90 foi para muitos bregas o período de apogeu, mas também o período em que o Ministério Público passou a investigar casos de exploração sexual no município devido as constantes denúncias realizadas pelos moradores das proximidades dos bregas, foram anos de investigação culminando na desarticulação de um esquema de exploração e abuso sexual de crianças e adolescentes.

A partir desse fato, muitos bregas foram fechados, outros mudaram de endereço, tornando essa atividade cada vez mais velada. Segundo nossa pesquisa, atualmente os territórios de prostituição são os bares de Parintins, localizados desde as áreas centrais até os bairros mais distantes. Prostitutas e clientes se apropriaram simbolicamente desses espaços que lhes oferecem uma certa “regulamentação” por parte dos donos.

Durante a pesquisa de campo, observamos a presença de menores de idade nesses lugares, principalmente em períodos festivos, o que nos instigou a conversármos com acadêmicos de jornalismo (UFAM) do curso de Pós- Graduação em Turismo (UEA), com o Coordenador de Enfrentamento à Violência ao Abuso ao Idoso, aos Deficientes, a Criança e as Mulheres e Conselho Tutelar para verificarmos a possível existência do turismo sexual em Parintins.

Os dados adquiridos não dá precisão sobre essa prática por ser uma atividade que envolve uma investigação sigilosa junto aos órgãos competentes que nem sempre são

acessíveis. Além disso, de acordo com as conversas com pessoas ligadas as intuições citadas acima, essa atividade é muitas vezes protegida por uma rede muito bem articulada de indivíduos com alto poder aquisitivo, dificultando os trabalhos e investigação e identificação.

Contudo, não foi descartada a existência do turismo sexual, segundo nossos colaboradores é “uma situação óbvia”, sendo que a maior incidência é durante o Festival Folclórico, período que a cidade fica tomada por turistas de diversos lugares do mundo. As campanhas de prevenção acontecem todos os anos com o intuito de alertar a comunidade para tal situação.

O Festival Folclórico movimenta com a estrutura de toda a cidade, de maneira direta e indiretamente. Na Orla da Francesa a dinâmica segue o cenário da cidade, por ser uma área comercial, é bastante movimentada durante o dia e a noite. A prostituição nesta área da cidade é uma atividade exercida já a algumas décadas, tem relação com o processo de desenvolvimento da cidade..

Os moradores do bairro da Francesa, alimentam uma relação de identidade e pertencimento pela Orla da Francesa, por ser um lugar de memória, das vivências e experiências vividas por esses sujeitos ao longo de suas vidas. Portanto a chegada desses novos indivíduos: donos de bares, prostitutas entre outros, foi sempre avaliada por eles como um problema, desde o início até os dias atuais.

Os bares desta da Orla da Francesa, não oferece estrutura nem física e nem sanitárias para atuar no ramo da alimentação e bebida, não possui banheiros, levando seus clientes homens e mulheres a fazerem suas necessidades na área por trás dos bares, sobre o olhar incrédulo dos moradores, situação que colabora para a exclusão e o desprezo para com esses sujeitos.

Não faltam argumentos aos moradores para culpá-los por todas as mazelas sociais que atualmente ocorrem no bairro, também não faltam atitudes de exclusão simbólicas ou não de repressão a esses sujeitos, sendo as prostitutas, as que mais sofrem a estigmatização por exercerem uma atividade nada aceitável, considerada “anormal” pelos moradores locais, e por manterem um comportamento contrário ao que diz as normas e regras ditas pela sociedade.

Diante do que observamos, fomos até essas mulheres para conhecer suas histórias de vida, a fim de tentar compreender o fenômeno da prostituição neste lugar e conseqüentemente no município de Parintins. Inicialmente tínhamos planejado realizar entrevistas com cinco mulheres, no entanto, não foi possível, devido a dificuldade em conseguir mulheres que se dispusessem a falar, por isso nosso trabalho se baseia no depoimento de três prostitutas.

Com base nos relatos, verificamos que a maioria das prostitutas que frequentam os bares da Orla da Francesa, são oriundas de classes menos favorecidas, não concluíram os estudos, tem em média de 20 a 45 anos. A maioria dessas mulheres são de bairros distantes como São Vicente e Itaúna, outras das áreas mais próximas. De acordo com nossas pesquisas a Orla da Francesa é dentre os demais territórios de prostituição, o lugar mais acessível a conseguir drogas, bebidas e clientes.

São mulheres que tem no seu histórico situações de abandono, violência doméstica e abusos. As três mulheres que fizeram parte desta pesquisa saíram muito cedo de casa, entre 14 e 15 anos, o que as fez buscarem alternativas de sobrevivência. Justificam a entrada na prostituição pela necessidade financeira, por status, ou por acreditarem num retorno financeiro que as possibilite executar seus projetos de vida: casa, segurança, boa alimentação, etc.

Verificamos que essas mulheres vivem sobre forte repressão, estigmatização por onde quer que elas vão, seja pelos moradores do bairro, seja por comerciantes ou nas instituições como escolas, hospitais entre outras, ocasionando maior reclusão, impossibilitando-as de participar das esferas públicas e privadas que julgam não serem bem vindas. O estigma torna-se um instrumento da violência simbólica que a sociedade utiliza para manter distantes aqueles que estabelecem como indesejáveis.

A pesquisa nos mostrou também que são mulheres que almejam sonhos, desejos, sentimentos, projetos de vida, e esses projetos estão vinculados ao casamento, a família e a casa própria. Os dramas sofridos na infância e os existenciais não conseguiram apagar a esperança dessas mulheres em dias melhores, que para elas será quando elas deixarem definitivamente a prostituição.

Embora algumas delas tenham inicialmente afirmado não acreditar no amor, os relatos mostram que o amor para elas é uma relação duradoura baseada no respeito, na fidelidade e no compromisso para com o outro. Vale destacar, que a negação do amor parte das experiências de vida dessas mulheres, seja na família ou em seus relacionamentos amorosos marcados por violência doméstica e infidelidade.

Observamos que, quando a questão é a sexualidade, dessas mulheres demonstram uma alta estima elevada, valorizam o “o produto que vendem, separam relacionamentos afetivos dos relacionamentos comerciais e a usam de maneira hierarquizada, estabelecendo limites quanto ao uso dos corpos, configurando-se numa relação de poder.

Por outro lado apontamos para a vulnerabilidade que essas mulheres se encontram, para os riscos à saúde física e mental, que vai desde a possibilidade de adquirir algum tipo de

de doença sexualmente transmissível, ou outras relacionadas a higiene corporal, ao uso de drogas e o excesso de álcool, como a depressão, transtornos mentais que muitas vezes levam o indivíduo ao suicídio.

A violência é recorrente na Orla da Francesa, as prostitutas são vítimas e ao mesmo tempo agentes da violência. Muitas delas envolvem-se em brigas com outras prostitutas por conta do espaço e pelas disputa de clientes, outras são vítimas dos seus próprios clientes, seja pela falta de pagamento, pelo não uso da camisinha, por querer abusar dos acordos ou mesmo sem nenhum motivo aparente.

Constatou-se que, a maioria das prostitutas da Orla da Francesa, são usuárias de droga, e dependentes alcoólicas, nem sempre estão sóbrias na hora de fazer o programa. A maioria dos programas ocorre atrás dos bares, elas terminam o programa e continuam no ambiente consumindo bebidas e drogas a espera de outro cliente, foi relatado por elas que quando estão nessa situação, a camisinha acaba sendo esquecida.

É importante destacar que elas sabem dos riscos que correm, por isso tem a preocupação em realizar o exame de HIV de 6 em 6 meses. No entanto, elas se limitam em preocupar-se com o HIV, ignorando as demais doenças, assim como doenças que podem adquirir por nem sempre estarem lúcidas, pelo uso de drogas e álcool.

Definir a prostituição, estar longe de nossas pretensões, uma vez que é uma atividade com variações de lugares, pessoas e normas, as mulheres que fizeram parte desta pesquisa são prostitutas de bares, são de baixa renda. Desse modo, o estudo revelou que a prostituição de mulheres na Orla da Francesa, tem relação direta com a necessidade financeira, associado ao histórico de vida das mesmas, marcada por uma desestruturação familiar, abandono, violência, falta de oportunidade e qualificação profissional.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Priscila de Souza; XIMENES, Lorena Barbosa; PINHEIRO, Ana Karina Bezerra. **Políticas públicas de saúde voltadas à atenção à prostituta: breve resgate histórico.** *Enfermagem em Foco* 2010; 1(1):18-22
- ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from Scielo Books <<http://books.scielo.org>>.
- BARROS, José D' Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico** / José D' Assunção Barros. 4. Ed. – Petrópolis, Rg: Vozes, 2007.
- BIRMAN, J. **Se eu te amo, cuide-se.** Sobre a feminilidade, a mulher e o erotismo nos anos 80. In: BERLINK, M.T. (org). *Histeria*. São Paulo: Escuta, 1997. p. 89-132.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os bois-bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: FUNARTE/EDUA, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004
- BUTEL, Irian. **História e Memória Política do Município de Parintins** / Irian Butel; Larice Butel; Jucillene Cursino – Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Editora: Bertrand Brasil. S.A. Rio de Janeiro. 1989.
- BOURDIEU, Pierre. 1930-2002 / **A Distinção: crítica social do julgamento** / Pierre Bourdieu; tradução: Daniela Kern; Guilherme. F. Teixeira. M Sao Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BRANDÃO, **O Controle dos Impulsos e das Paixões no Processo Civilizador de Norbert Elias**. In: GEBARA, Ademir. *O controle das emoções, Cas Wouetrs (Org.)* – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. 2009.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CORRÊA, W. H. & HOLANDA, A. F. **Prostituição e sentido de vida**. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 17, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br>.

DINIZ, M. I. **Silenciosas e silenciadas**: descortinando as violências contra a mulher no cotidiano da prostituição em Natal – RN (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert, 1897-1990. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade/Norbert Elias e John L. Scotson; tradução, Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Siissekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FRANÇA, Paulo Renan Rodrigues de. **Festival Folclórico de Parintins**: impactos socioambientais na percepção dos atores locais / Paulo Renan Rodrigues de França. Brasília, 2014. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável Universidade de Brasília, Brasília.

FREUD, Sigmund. (1893). **Estudos sobre a histeria**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FOUCAULT, Michel. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade". In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FROMM, Erich. (1956). **A Arte de amar**. Erich fromm. São Paulo. Editora Martins fontes. 2006.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIMENES, H.S.G. **Bares e Casas Noturnas**: Um estudo exploratório sobre consumo e sociabilidade. Turismo em Análise, v. 15, n. 1, p. 73-88, maio 2004.

GOUDSBLOM, Johan. **A VERGONHA**: uma dor social. In: GEBARA, Ademir. O controle das emoções, Cas Wouetrs (Org.) – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. 2009.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada: Tradução de Marcia Bandeira de Melo Leite Nunes. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

GUEDES, Fátima. **A Saga do Boi Bumbá em Preto e Branco**. Revista Somanlu. Edição especial. p. 51-58, 2002.

HOLLANDA, C. B. de. “**Geni e o Zepelim**”. Ópera do Malandro. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1978/1979.

LIMA, Denise M. de Oliveira. **Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu**. Cógito. Salvador. n.11. p. 14 – 19. Outubro de 2010.

MATTOS, Rogério B. de & RIBEIRO, Miguel Ângelo C. **Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro**. Revista TERRITÓRIO, 1 (1), 1996.

MATTOS, Patrícia. **As Mulheres da Ralé**: A dor do Estigma da Puta Pobre. In: SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira**. Jessé Souza. Belo Horizonte. Editora. Ufmg. 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Prostituição à brasileira**: cinco histórias / José Carlos Sebe B. Meihy. – São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar** / José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda. – 2 ed. 1ª reimpressão – São Paulo : Contexto, 2011.

MOREIRA, Isabel Cristina Cavalcante Carvalho; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. **A Violência no Cotidiano da Prostituição**: Invisibilidades e Ambiguidades. Rev. Latino-Am. Enfermagem. Set/Out 2012.

LETELIER, Conceição. **O gênero na academia**. In: ÁLVARES, Maria Luiza Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira das (org). **Desafios de Identidade: espaço-tempo de mulher**. Belém: CEJUP: GPEM: Redor, 1997.

OMOTE, Sadao . **Estigma do Tempo da Inclusão**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Set.-Dez. 2004, v.10, n.3, p.287-308. Disponível em: http://www.abpee.net/homepageabpee04-06/artigos_em_pdf/revista10numero3pdf/3omote.pdf.

OLTRAMARI, Leandro Castro; CAMARGO, Brigido Vizeu. **Representações sociais de mulheres profissionais do sexo sobre a AIDS**. Estudos de Psicologia, Florianópolis, v.9, n.2, p.317-323, 2004.

PAULA, Luciane de; FIGUEIREDO, Marina Haber de. Geni, a Maria Madalena de Chico Buarque: **Aclamações e apedrejamentos na canção e no mundo, ontem e hoje**. Fazendo Gênero – Diápora, diversidade e deslocamentos. 2010. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277836219_ARQUIVO_lucianedepaula.pdf.

PARK, Robert Ezra. “**A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. pp. 29-72.

POLLAK, Michael. **Memoria e Identidade Social**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, V. 5, n. 10, 1992.

RAGO, M. Os prazeres da noite: **Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Tese de Doutorado. UNICAMP- 1990.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. Tradução Maria Cecília França. Editora Ática, S.A. São Paulo. 1993.

SANTOS, Geovane Silva dos. **Sociabilidade, cotidiano e identidade**: um estudo sobre o Bairro da Francesa no município de Parintins (am). TCC. Universidade do Estado do Amazonas – AM. 2018.

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS. **Efeitos das substâncias psicoativas**. Ministério da Justiça. 7ª edição. Brasília. 2014.

SILVA, Ronaldo Alves da. **As práticas informacionais das profissionais do sexo da zona boêmia de Belo Horizonte** / Ronaldo Alves da Silva; orientação Carlos Alberto Ávila Araújo – Belo Horizonte, 2008.

SILVA, R. H. A.; SOUZA, C. **Múltiplas Cidades**: entre morros e asfaltos. In: FRANÇA, V. R. V. (Org.). **Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SACK, Robert David. **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. Leila Christina Dias, Maristela Ferrari (Organizadoras), Florianópolis: Insular, 2011.

SILVA, Franciney dos Santos. **A Dinâmica no Espaço Urbano de Parintins**. Centro de Estudos Superiores de Parintins / Trabalho de Conclusão de Curso / 2016.

SILVA, Emanuelle; TORRES, Roberto; BERG, Tábata. A Miséria do Amor dos Pobres. In: SOUZA, Jessé. *A Ralé Brasileira*. Jessé Souza. Belo Horizonte. Editora. Ufmg. 2009.

SIMMEL, Georg, 1858 – 1918. **Filosofia do amor** / Georg Simmel: [Tradução Luis Eduardo de Lima Brandão: Revisão da Tradução Paulo Neves]. – São Paulo: Martins Fontes, 1993. – (Coleção tópicos).

SIMMEL, Georg. **A natureza sociológica do conflito**. In Moraes Filho, Evaristo (org.), Simmel, São Paulo, Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **O DINHEIRO NA CULTURA MODERNA** (1896). In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. *Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB. 1998. p. 23-40.

SCHOLZ, Henrique Robinson. **Habitus de classe expressado pelo capital simbólico**: uma revisão da obra de Pierre Bourdieu *A Distinção*. Volume 45 • número 1 • 45(1):88-91/ Unisinos - doi: 10.4013/jan/abr 2009.

SOUZA, Dinely de. **O Processo de Urbanização da Cidade de Parintins (AM)**: Evolução e Transformação). Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia Humana (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2013.

SOUZA, Tadeu de. **Missão Vila Nova – Parintins**: dos Jesuítas aos missionários do PIME. Parintins: Gráfica João XXIII, 2003.

VALENTIN, Andreas. **Contrários**: a celebração da rivalidade dos bumbas de Parintins. Manaus: Valer, 2005.

FONTES

Este trabalho inicial só foi possível, graças às fontes orais que obtivemos por meio da colaboração de pessoas que de alguma maneira estão envolvidos com a questão da prostituição no município, seja como pesquisadores, profissional do sexo ou cliente, ou ainda como agentes dos grupos de apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade.

Entrevistas

- Assistente social
- Proprietário do bar A, senhor Agenor (nome fictício).
- Margarida – prostituta. (nome fictício).
- Girassol – prostituta (nome fictício).
- Jasmim – Prostituta (nome fictício).
- Maria – Moradora (nome fictício).
- Amélia – Moradora (nome fictício).

Sites pesquisados

- [https://www.camaraparintins.am.gov.br/ATA DE SESSÃO ORDINÁRIA ESPECIAL de 17/05/2010](https://www.camaraparintins.am.gov.br/ATA_DE_SESSÃO_ORDINÁRIA_ESPECIAL_de_17/05/2010). Acessado em 06 de março de 2018.
- <https://www.facebook.com/tadeu.desouza.9>. Acessado em 06 de Março de 2018.
- <http://www.sátira.com/2017/05/parintins-prostituta.html>. Acessado em 06 de Março de 2018.
- http://www.camaraparintins.am.gov.br/documentos/atas_01/11172.pdf. Acessado em 06 de Março de 2018.

APÊNDICES



Poder executivo
Ministério da educação
Universidade federal do Amazonas
Instituto de ciências humanas e letras
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia



Título do Projeto de pesquisa: Prostituição de mulheres em área de bar na Orla na Francesa.

Pesquisadora Responsável: Cristiana Andrade Butel

Orientador: Prof.º Dr. Odenei de Souza Ribeiro

ROTEIRO DE ENTREVISTAS A SEREM REALIZADAS COM PROFISSIONAIS DO SEXO.

Prezado Morador (a),

Estou realizando uma pesquisa que deverá culminar com a produção de uma dissertação de Mestrado, a ser defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas –UFAM, tendo como lugar da Pesquisa a Orla da Francesa – Parintins/am. Tem como objetivo compreender a prostituição de mulheres em áreas de bar na Orla da Francesa, bem como elaborar um perfil das profissionais do sexo que trabalham neste espaço, investigando as representações sociais construídas sobre elas, as concepções sobre o amor, a afetividade e a sexualidade, identificando ainda as relações de poder entre os gêneros.

Para o alcance desse objetivo necessito de sua colaboração. A entrevista para coleta de dados são de caráter essencialmente da pesquisa, para a qual serão usados Registro Fotográfico e Fonográfico. Comprometo-me a manter em sigilo sua identidade.

Entrevistado (a) _____

Local: _____

Data da entrevista: _____

I Parte.

a) Idade: _____

b) Sexo: ()M ()F

c) Profissão: _____

d) Estado civil: _____

e) Filhos? _____ Quantos? _____

f) Nível de Escolaridade: () Ensino Fundamental () Ensino Médio completo () Ensino Superior ()



Poder executivo
Ministério da educação
Universidade federal do amazonas
Instituto de ciências humanas e letras
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia



II Parte.

- 1- Fale sobre a sua infância.
- 2- Como era sua relação com seus pais?
- 3- Frequenta o bares da Orla da Francesa?
- 4- Frequenta todos os dias os bares da Orla da Francesa?
- 5- Quais as atividades que você realiza neste espaço?
- 6- Como você se auto denomina (somente se a prostituição for citada na pergunta acima).

III Parte.

- 1- A quanto tempo você se prostitui?
- 2- Quantos anos você tinha quando fez o seu primeiro programa?
- 3- Como foi sua primeira experiência sexual como garota de programa?
- 4- Já sofreu algum tipo de abuso/violência?
- 5- Você estabelece o que fazer nas relações sexuais?
- 6- Qual os perfil dos seus clientes?
- 7- Quantos clientes por dia?
- 8- Normalmente onde são realizados os programas?
- 9- Qual o valor do programa?
- 10- Qual o destino do dinheiro?
- 11- Tem problemas com as outras mulheres que frequentam este espaço?
- 12- Já teve problemas com a polícia?
- 13- Você usa algum tipo de droga?

IV Parte.

- 1- Tem amizades neste espaço?
- 2- Possui algum vínculo com algum cliente?
- 3- Tem algum tipo de afetividade por algum cliente?
- 4- Sente prazer nas relações sexuais com clientes?
- 5- Usa preservativo nas relações sexuais?
- 6- Você cuida da sua saúde?

V Parte.

- 1- O que você pensa sobre o amor?
- 2- Quais os seus projetos de vida?



Poder executivo
Ministério da educação
Universidade federal do Amazonas
Instituto de ciências humanas e letras
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia



Título do Projeto de pesquisa: Prostituição de mulheres em área de bar na Orla na Francesa.

Pesquisadora Responsável: Cristiana Andrade Butel

Orientador: Prof^o. Dr. Odenei de Souza Ribeiro

ROTEIRO DE ENTREVISTAS A SER REALIZADA COM ASSISTENTE SOCIAL.

Prezado (a),

Estou realizando uma pesquisa que deverá culminar com a produção de uma dissertação de Mestrado, a ser defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas –UFAM, tendo como lugar da Pesquisa a Orla da Francesa – Parintins/am. Tem como objetivo compreender a prostituição de mulheres em áreas de bar na Orla da Francesa, bem como elaborar um perfil das profissionais do sexo que trabalham neste espaço, investigando as representações sociais construídas sobre elas, as concepções sobre o amor, a afetividade e a sexualidade, identificando ainda as relações de poder entre os gêneros.

Para o alcance desse objetivo necessito de sua colaboração. A entrevista para coleta de dados são de caráter essencialmente da pesquisa, para a qual serão usados Registro Fotográfico e Fonográfico. Comprometo-me a manter em sigilo sua identidade.

Entrevistado (a) _____

Local: _____

Data da entrevista: _____

I Parte.

1- Idade: _____

2- Profissão: _____

3- Escolaridade: (X) Ensino Fundamental () Ensino Médio completo () Ensino Superior ().

II Parte.

1- Qual o papel da Secretaria de Assistência Social?

2- O que motivou a inserção das mulheres na pasta de assistência desta Secretaria?

3- Quais são os tipos de violência mais frequentes sofrida por essas mulheres?

- 4- Há registros de que alguma dessas violências é sofrida por profissionais que vivem do comércio sexual? Justifique.
- 5- No contexto do festival folclórico existem campanhas de combate a exploração sexual de mulheres, crianças e adolescentes? Como vocês se organizam?
- 6- Se há prevenção é porque existem indícios de alguma coisa. Teríamos em Parintins uma rede de exploração sexual de crianças e adolescentes e isso se estende às mulheres?
- 7- Existe uma relação entre o festival folclórico de Parintins e com os casos de exploração de mulheres, crianças, adolescentes? Se a resposta for positiva justifique se possível relatando fatos, questões levantadas ou que chegam a esta secretaria que possam justificar esta relação.



Poder executivo
Ministério da educação
Universidade federal do Amazonas
Instituto de ciências humanas e letras
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia



Título do Projeto de pesquisa: Prostituição de mulheres em área de bar na Orla na Francesa.

Pesquisadora Responsável: Cristiana Andrade Butel

Orientador: Prof^o. Dr. Odenei de Souza Ribeiro

ROTEIRO DE ENTREVISTAS A SER REALIZADA COM MORADORES DAS PROXIMIDADES DA ORLA DA FRANCESA.

Prezado morador(a),

Estou realizando uma pesquisa que deverá culminar com a produção de uma dissertação de Mestrado, a ser defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas –UFAM, tendo como lugar da Pesquisa a Orla da Francesa – Parintins/am. Tem como objetivo compreender a prostituição de mulheres em áreas de bar na Orla da Francesa, bem como elaborar um perfil das profissionais do sexo que trabalham neste espaço, investigando as representações sociais construídas sobre elas, as concepções sobre o amor, a afetividade e a sexualidade, identificando ainda as relações de poder entre os gêneros.

Para o alcance desse objetivo necessito de sua colaboração. A entrevista para coleta de dados são de caráter essencialmente da pesquisa, para a qual serão usados Registro Fotográfico e Fonográfico. Comprometo-me a manter em sigilo sua identidade.

Entrevistado (a) _____

Local: _____

Data da entrevista: _____

I Parte.

1- Idade: _____

2- Profissão: _____

II Parte.

1- Há quanto tempo o senhor (a) mora aqui?

2- Como era a infraestrutura do bairro quando o senhor (a) chegou aqui?

3- Haviam muitos moradores?

4- O senhor (a) gosta de morar neste bairro?

5- Como é sua relação com os seus vizinhos?

III Parte.

- 1- Que tipos de problemas sociais ocorre por aqui?
- 2- Ocorreram mudanças após os projetos de infraestrutura no bairro?
- 3- fale sobre os bares situados na Orla da Francesa.
- 4- qual a sua opinião sobre as pessoas que frequentam estes bares?
- 5- Que tipo de situações o senhor (a) ocorre neste espaço?
- 6- O senhor (a) sabe de onde são as pessoas que frequentam os bares da Orla da Francesa?



Poder executivo
Ministério da educação
Universidade federal do Amazonas
Instituto de ciências humanas e letras
Título do Projeto de pesquisa: Prostituição de mulheres em área de bar na Orla na Francesa.



Pesquisadora Responsável: Cristiana Andrade Butel

Orientador: Prof^o. Dr. Odenei de Souza Ribeiro

ROTEIRO DE ENTREVISTA A SER REALIZADO COM DONOS DE BARES.

Prezado morador(a),

Estou realizando uma pesquisa que deverá culminar com a produção de uma dissertação de Mestrado, a ser defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas –UFAM, tendo como lugar da Pesquisa a Orla da Francesa – Parintins/am. Tem como objetivo compreender a prostituição de mulheres em áreas de bar na Orla da Francesa, bem como elaborar um perfil das profissionais do sexo que trabalham neste espaço, investigando as representações sociais construídas sobre elas, as concepções sobre o amor, a afetividade e a sexualidade, identificando ainda as relações de poder entre os gêneros.

Para o alcance desse objetivo necessito de sua colaboração. A entrevista para coleta de dados são de caráter essencialmente da pesquisa, para a qual serão usados Registro Fotográfico e Fonográfico. Comprometo-me a manter em sigilo sua identidade.

Entrevistado (a) _____

Local: _____

Data da entrevista: _____

I Parte.

3- Idade: _____

4- Profissão: _____

II Parte.

- 1- A quanto tempo o senhor (a) tem esse empreendimento?
- 2- Fale um pouco sobre o funcionamento do seu bar desde a inauguração.
- 3- Qual o perfil dos frequentadores (homem) do bar?
- 4- Qual o perfil das mulheres que frequentam o seu bar hoje?
- 5- Qual o horário de funcionamento?
- 6- Vinham/vem mulheres de outras cidades aqui no seu bar?
- 7- Existem outros lugares que funcionam como o seu aqui em Parintins?

- 8- No período do festival há um aumento no fluxo de pessoas aqui?
- 9- O senhor (a) conversa com as mulheres que frequentam aqui?
- 10- Já teve problemas com a vizinhança?
- 11- Já teve problemas com a polícia?